



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JOAQUIM SOBREIRA FILHO

**O JOGO DA HOMOFOBIA? TÁTICAS E XINGAMENTOS NAS TORCIDAS
ORGANIZADAS DO CEARÁ SPORTING CLUB**

FORTALEZA

2018

JOAQUIM SOBREIRA FILHO

O JOGO DA HOMOFOBIA? TÁTICAS E XINGAMENTOS NAS TORCIDAS
ORGANIZADAS DO CEARÁ SPORTING CLUB

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Diversidades Culturais, estudos de Gênero e Processos Identitários.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

- S659j Sobreira Filho, Joaquim.
O JOGO DA HOMOFOBIA? TÁTICAS E XINGAMENTOS NAS
TORCIDAS ORGANIZADAS DO CEARÁ SPORTING CLUB /
Joaquim Sobreira Filho. – 2018.
160 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Programa de PósGraduação em Sociologia, Fortaleza,
2018.
Orientação: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.
1. Torcedores organizados. 2. Homofobia. 3. Masculinidades. 4.
Táticas. 5. Performance. I. Título.
- CDD 301
-

**O JOGO DA HOMOFOBIA? TÁTICAS E XINGAMENTOS NAS TORCIDAS
ORGANIZADAS DO CEARÁ SPORTING CLUB**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Diversidades Culturais, estudos de Gênero e Processos Identitários.

Aprovada em ___/___/_____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcelo Tavares Natividade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo
Universidade Federal de São Carlos (UFScar)

FORTALEZA

2018

Ao meu estimado e querido amigo
George Ronan (*in memoriam*), que
espero estar jogando bola em algum
lugar bonito do mundo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Aila e Joaquim, que sempre me apoiaram, me incentivaram e são o meu maior exemplo para tentar ser uma pessoa melhor no mundo em que vivemos.

À minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha, Malu, Filipe e Júlia, que me mostraram, ao modo deles, que é possível sim encarar a vida com leveza, sabedoria e um sorriso enorme no rosto sempre.

À minha amada companheira, Pérola Castro, pessoa com a qual eu tenho o imenso prazer de dividir a convivência, o amor, o carinho e a beleza do caminhar. Muito obrigado meu bem!

À minha querida orientadora Glória Diógenes, por todos os conselhos, ensinamentos, aprendizado e vivências durante o mestrado. Agradeço por sua disponibilidade, seu olhar crítico e acurado, além da grande sensibilidade intelectual e humana. Fico enormemente grato por toda a paciência e generosidade durante esse período.

Aos professores Wagner Xavier de Camargo e Marcelo Natividade pela cuidadosa leitura do trabalho e gentileza de compartilharem conhecimentos tão valiosos e importantes através da banca de qualificação e em oportunidades acadêmicas.

Aos meus colegas de turma de mestrado, Erberson da Silva, Daniele Alves, Talita Brasil, Paulo Rodrigo Soares, Artur Pires. Muito grato por todos os diálogos trocados tanto em sala de aula quanto fora dela, por todos os conselhos e angústias divididas nesse tempo, valeu galera. Vai dar certo!

Aos professores que passaram pelo meu caminho e foram grandes influenciadores do meu trabalho durante a vida e o curso de Mestrado, Irllys Barreira, Geísa Mattos, Alexandre Fleming, Irapuan Lima, Tadeu Feitosa e Josiane Ribeiro.

Ao grupo de pesquisa LAJUS, do qual tive bastante orgulho de fazer parte enquanto estudante desse início de pós-graduação. Estendo o agradecimento também a todos as(os) lajusianas(os), Lara Denise, Márcio Benevides, Rafael Silveira, Felipe Camilo, colegas com os quais tive o prazer de trocar conhecimento acadêmico e de vida, sobretudo.

Aos colegas da Sociedade de Estudos em Esporte, grupo de pesquisa que tive o prazer de participar, antes de entrar no mestrado, em especial os colegas mais

próximos, Artur, Ricardo, Mário, Diego, Caio, Marcelo e Radamés, os quais fizeram me ver o esporte na Academia de uma forma mais instigante ainda, como objeto mas também como muito mais do que isso.

A todos os amigos e amigas sempre presentes em minha vida, em diversos momentos, e que costumam trocar muito mais do que goles de cerveja ou pedaços de pizza, mas trajetórias, inspirações e momentos marcantes. Samuel Torquato, Mateus Torquato, Eros Augustus, Natasha Silva, Soraia Castro, Gisele Castro, Mariana Figueira, Lucas Meneses, Tainan Fernandes, Seu Divino, Leandro Bezerra, Heitor Miranda, Camila Miranda, Marcelo da Silva, Renan Benevides, Benjamim Lucas, Abel, Manu, Eudenia Magalhães, Kryssia Catunda, Joana Borges, Mariana Costa Gama, Sérgio Klinsman, e um tanto de outras pessoas, também. Sintam-se todos abraçados, meu povo!

A todos os meus interlocutores de pesquisa em diversos jogos do Ceará S.C., em especial aos integrantes da torcida Cearamor, com os quais pude conhecer mais a fundo não só sobre torcidas organizadas mas também, acerca das relações humanas, de um modo geral. Muito obrigado, pessoal!

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e à Capes, por terem financiado e permitido a realização da minha pesquisa.

Ao futebol e seus torcedores e torcedoras, sem vocês nada disso seria possível ou imaginável. Continuem tornando esse espaço um local de vivências únicas e inenarráveis!

“Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida.” (LISPECTOR, 1999, p.13)

RESUMO

O presente trabalho de dissertação consiste numa pesquisa realizada junto a grupos de *torcedores organizados* da agremiação futebolística do Ceará Sporting Club, clube de futebol que tem sua sede na cidade de Fortaleza, cujas torcidas pesquisadas são sediadas na mesma cidade, no período de 2016 a 2018. O trabalho consiste numa análise de performances de masculinidades desses torcedores organizados dentro do ambiente futebolístico. Sendo assim, esta investigação de caráter socioantropológico tem como objetivo compreender como são experimentados os modos de fazer da *performance torcedora* vivenciada em um campo notadamente masculino. Os objetivos específicos deste estudo estão direcionados em lançar visões sobre como se estabelecem as dinâmicas de *xingamentos* entre *organizados* neste espaço social, e como a categoria homofobia é articulada dentro desses xingamentos. Através de um trabalho de campo que tem a sua base metodológica alicerçada em técnicas clássicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais, principalmente nas áreas da antropologia e sociologia, como observação participante, entrevistas e a elaboração de diário de campo, este estudo busca desenvolver uma descrição etnográfica sobre as percepções, práticas e procedimentos cotidianos adotados por esses torcedores dentro desse espaço.

Palavras-chave: Torcedores organizados. Homofobia. Masculinidades. Táticas. Performance. Etnografia.

ABSTRACT

The current dissertation's work consists in a research done with groups of *torcedores organizados* of a soccer association called Ceará Sporting Club, a team that has his headquarters in the city of Fortaleza, from which the supporter crews are located in the same place, in the time of 2016 from 2018. The work is a masculinities' performance analysis of these supporters inside the football ambience. Being thus, this investigation from the socio-anthropological character aims to comprehend how are experimented the doing modes from the *supporter performance* experienced in a notably masculine field. The specific objectives of the study are directed to show visions of such as established the *lewdnesses* dynamics between the *torcedores organizados* inside this social space, and how the homophobia category is articulated in this lewdnesses. Through a field's work that has his methodological basis raised in classical techniques of qualitative research in social sciences, mainly in the areas of anthropology and sociology, like participant observation, interviews and a work's diary elaboration, this rummage intend to develop an ethnographic description about the everyday perceptions, practices and proceedings adopted by these supporters inside that space.

Keywords: *Torcedores organizados*. Homophobia. Masculinities. Tactics. Performance. Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Torcedor organizado com o logotipo da sua torcida organizada e do seu clube desenhados na cabeça	114
Figura 2 Blusa feita pela torcida alvinegra que tira sarro com os times que eliminaram o Fortaleza na Série C.....	121
Figura 3 Blusa feita pelos torcedores do Fortaleza que tira brincadeira com os times que eliminaram o Ceará no ano de 2014 do Campeonato Brasileiro Série B.....	121
Figura 4 <i>Print</i> retirado do grupo do <i>Facebook</i>	127
Figura 5 <i>Print</i> retirado de evento do <i>Facebook</i>	128
Figura 6 <i>Print</i> retirado de grupo do <i>Facebook</i>	128
Figura 7 Placa de informações gerais da Arena Castelão.....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Idas ao campo.....	40
Tabela 2 Perfil dos sujeitos da pesquisa qualitativa.....	43
Tabela 3 Músicas da Cearamor com conteúdo de gênero, classe e raça.....	88
Tabela 4 Sequência Total da Performance Torcedora Organizada.....	116

SUMÁRIO

1. IDEIAS PARA UMA PESQUISA NAS ARQUIBANCADAS.....	14
1.1 Trocando passes entre antropologia, jogo e percurso histórico do futebol.....	21
1.2 A emoção entra em campo: as torcidas organizadas de futebol no Brasil.....	25
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E ESCOLHAS POSSÍVEIS DA PESQUISA	33
2.1 Etnografia: nem apenas técnica e nem apenas método.....	34
2.2 Dilemas entre ser insider e outsider.....	36
2.3 Metodologias escaladas para a empreitada.....	39
3. QUANDO O TRABALHO ENTRA EM CAMPO DESVELANDO O OBJETO	42
3.1 Os bailes e os bairros.....	44
3.2 O estigma de ser um torcedor organizado.....	47
3.3 Quando o poder público dialoga com as torcidas: eventos envolvendo organizadas e outros atores.....	50
3.4 Que comecem os jogos!.....	56
3.5 Inimigo do meu amigo é meu inimigo também: os sistemas de alianças entre torcedores organizados.....	59
4. CÂNTICOS E MÚSICAS: O FUNK É NOSSO RITMO	69
4.1 Do funky ao funk: origens, crescimento e consolidação como manifestação artística e cultural.....	70
4.2 A cena do funk em Fortaleza.....	72
4.3 “Alemão meu papo é reto”: gritos e funks de torcidas como expressão ritual.....	79
5. AFIRMAÇÃO DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E PERFORMANCE TORCEDORA.....	96
5.1. A construção da masculinidade hegemônica no futebol.....	96
5.2 Ritual e performance dentro e fora de campo.....	113
5.3 Masculinidade e honra em ambiente virtual.....	118
5.4 A performance torcedora no futebol espetacularizado.....	129
6. FISSURAS DENTRO DO SISTEMA: TORCIDAS ORGANIZADAS E POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS DIVERSAS DE GÊNERO.....	133

7. E FECHAM-SE AS CORTINAS DO ESPETÁCULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
GLOSSÁRIO.....	159
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADAS AOS TORCEDORES ORGANIZADOS.....	160

1. IDEIAS PARA UMA PESQUISA NAS ARQUIBANCADAS

Sol a pino, era um dos dias mais quentes desse ano, o qual também parecia ser um dos mais calorentos de minha vida, transformando tudo num inferno. Muitos corpos suados de torcedores, brancos, pretos, gordos e magros se amontoam e se espremem na arquibancada, no setor da Torcida Organizada Cearamor, que parece que vai desabar por não aguentar tanta gente. O momento era de muito nervosismo, a torcida parecia totalmente sem forças pra cantar depois dos dois gols traiçoeiros e repentinos que o time levou, e então, para completar o martírio dos alvinegros, o juiz expulsa, de forma correta diga-se de passagem, o melhor jogador, o camisa 10 que estava dando o sangue, e de tanto empenho acabou fazendo uma falta dura, boba e foi punido. No mesmo instante, de forma que parecia um coral em polvorosa, a massa grita: “Ei juiz, vai tomar no cu” por alguns segundos e o jogo segue tenso de diversos lados.¹

Parecia que aquela seria a noite do time. O Vila Nova tinha uma torcida também presente no Castelão, situada acima do Setor Premium (o mais caro do estádio, destinado sempre a torcida do clube mandante da partida), com inclusive faixa de sua maior T.O., que tem uma aliança com a TUF do Fortaleza. Isso ajudou a explicar um pouco dos cânticos que a TOC entoou ao longo dos 90 minutos. Para além dos gritos de incentivo à equipe, também foi gritado uma versão do refrão “A tuf é gay/é gay/é gay”, para “A TEV é gay/é gay/é gay”, assim como “Expulsa, expulsa a raça do cu vermelho”, essa com uma explicação mais direta pois a cor da torcida adversária era vermelha. Além dessas, uma que me chamou a atenção foi: “Aha, u-hu, ô esquadrão eu vou comer seu cu”....música essa que foi cantada a plenos pulmões por todos que ali me cercavam (Esquadrão era o nome da maior T.O. deles, Torcida Esquadrão Vilanovense).²

Essas duas cenas, acontecidas durante a pesquisa de campo, funcionam como uma bússola para essa pesquisa. Elas dão o norte do que pretendo fazer nessa dissertação. Tenho como intenção de falar e entender as tensões presentes no campo futebolístico que perpassam pela questão de gênero, no tocante às manifestações homofóbicas e enxergar isso dentro de uma *tática* das torcidas de enfrentamento do *status quo* e nos seus *modos de se fazer* torcida.

Desde pequeno fui imerso num ambiente futebolístico e prioritariamente masculino. Frequento assiduamente estádios desde a adolescência, assim como acompanho religiosamente a equipe pela qual tenho preferência de torcida em jogos fora de casa, assistindo na televisão na minha residência, casa de alguém ou num bar. Momentos como os descritos nas cenas acima da pesquisa são parte do cotidiano de quem anda nos principais campos esportivos da capital cearense e, principalmente, para quem se insere no contexto das torcidas organizadas.

¹ Trecho retirado de Diário de Campo, realizado em 05/11/2016.

² Trecho retirado de Diário de Campo, feito em 03/10/2017.

Esta pesquisa propõe um estudo acerca das relações de um “jogo de masculinidades” no comportamento dos torcedores cearenses. Com a finalidade de enxergar um mundo de intensidades relacionadas às questões de gênero e entender como se isso dá através das práticas desses grupos de torcedores, construímos um tipo de observação mais aproximado. A intenção dessa análise surgiu a partir da observação e, posteriormente, da identificação de diversas evidências empíricas de tipo homofóbico presentes em arquibancadas de estádios locais.

Dentre as masculinidades que serão exploradas no corpo dessa dissertação, são observadas incidências de uma exacerbação e culto a algo que pode ser chamado de um modelo androcêntrico e hiperviril. Tal manifestação está envolta em toda uma gama de significações ligadas ao tema que se apresentam de forma acentuada nos esportes, principalmente em alguns coletivos. Tomo como um ponto de prosseguimento do trabalho, utilizar a palavra masculinidades, no plural, pois, seguindo a linha de autores como Connell (1995), Connell e Messerschmidt (2013), Grossi (2004), Halberstam (2008), existem masculinidades hegemônicas, masculinidades gays, masculinidades femininas, dentre outras, complexificando as redes de relações sociais.

A virilidade é um componente fundamental e presente dentro da masculinidade hegemônica ocidental, principalmente, sendo mais uma característica dessa masculinidade que se configura em:

Um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse [...] A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Enxergando essas masculinidades como relacionais, o autor Jack Halberstam (2008), vê que as masculinidades dominantes são totalmente dependentes das gays e das femininas, e que principalmente essas últimas são vistas como “las sobras despreciables de la masculinidad dominante, con el fin de que la masculinidad de los hombres pueda aparecer como lo verdadero³”.

³ As sobras depreciáveis da masculinidade dominante, com a finalidade de que a masculinidade dos homens possa aparecer como a verdadeira (Tradução nossa).

Muitos comportamentos podem hoje ser vistos como homofóbicos por boa parte da sociedade, mas que também têm um significado dentro daquele ritual ali sendo praticado. Cada vez mais, no Brasil e no mundo, com o fenômeno do hooliganismo⁴ e também com a emergência de múltiplas orientações sexuais e performances de gênero⁵, observa-se que há uma reação a essas novas construções de sujeito, como podemos ver nos noticiários assuntos relacionados a situações que englobam o machismo e a luta feminista⁶, além do crescente número de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais constantemente assassinados no país⁷. Pode-se perceber também uma ascensão dos movimentos religiosos pentecostais, principalmente no campo político, e os embates de muitas dessas organizações e fiéis contra os homossexuais⁸.

A homofobia, palavra a qual já fiz referência anterior neste trabalho, e sobre a qual ainda comentarei bastante, se configura, segundo o professor argentino da área do direito, Daniel Borrillo, em:

uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. *Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma* - outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante. E no pressuposto de que o mal vem sempre de fora, na França, a homossexualidade foi qualificada como "vício italiano" ou "vício grego", ou ainda "costume árabe" ou "colonial". À semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro,

⁴ A denominação é um derivado de *hooligan*, termo em inglês para se referir a grupos de torcedores violentos de futebol e tem seu significado ligado a algumas torcidas de países como Inglaterra e Escócia. O hooliganismo seria a extensão do vocábulo englobando tanto atos de violência dos hooligans quanto de outras torcidas organizadas de futebol mundo afora, falarei mais sobre isso posteriormente ao longo do trabalho.

⁵ Conceito de Judith Butler (2003) que procura pensar o gênero como performance, a qual pode acontecer em qualquer corpo, separando-se da ideia que correlaciona o sexo biológico ao gênero.

⁶ Cf FREITAS (2014) em sua entrevista com a historiadora e comunicóloga Renata Saavedra, que fala justamente isso, sobre a atualidade do feminismo principalmente na mídia. Movimentos como a Marcha das Vadias, que acontecem em nível de mundo e Brasil provam isso. Ler mais em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/08/marcha-das-vadias-em-copacabana-protesta-contra-violencia-sexual.html>.

⁷ Os dados lançados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) são muito alarmantes sobre a gravidade da situação no país hoje. Segundo a pesquisa, “445 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil, (incluindo-se três nacionais mortos no exterior) em 2017 vítimas da homotransfobia: 387 assassinatos e 58 suicídios. Nunca antes na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 38 anos que o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais estatísticas. Um aumento de 30% em relação a 2016, quando registraram-se 343 mortes” (MOTT; MICHELS; PAULINHO, 2017). Isso leva a uma conclusão de um assassinato LGBT+ a cada 19 horas, colocando o Brasil na liderança desse tenebroso ranking.

⁸ Cf ARRUDA (2014).

o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação” (BORRILLO, 2010, p.13).

Para os teóricos POCAHY e NARDI (2007) estão na categoria de homofobias diversos tipos de violência, todas elas com o cunho que envolve a sexualidade que não corresponde ao normativo, de acordo com os autores, considera-se como homofobia: “todas as formas de desqualificação e violência dirigidas a todas e todos que não correspondem ao ideal normativo de sexualidade”. Ainda segundo esses autores, a homofobia agride também “prostitutas, transexuais, lésbicas e bissexuais”⁹.

Outro fator que também se configura como relevante para a temática são os constantes insultos presenciados pelo idealizador desta pesquisa em espaços relacionados ao futebol, sejam eles virtuais ou presenciais. O momento em que um assunto passa da abordagem cotidiana, factual, para um caráter sociológico muitas vezes se dá nesse contexto de discussão da “controvérsia”, com a relevância social do tema.

Quando se observa uma polêmica, na qual, acerca de um dado assunto, intervém uma série de agentes sociais, pode-se tratá-la apenas como uma convulsão efêmera, fadada a arrefecer tão logo outros assuntos ganhem o centro das atenções. De fato, é assim que se passa com a maioria das controvérsias. No entanto, sem negar sua ocorrência passageira, pode-se considerá-las como um momento de expressão e redefinição de pontos e problemas, os quais permanecem importantes, às vezes até cruciais, na constituição de uma sociedade, mesmo quando não despertam interesse generalizado ou intenso. Se é apenas em determinadas ocasiões que se polemiza sobre “religião”, isso não quer dizer que essa noção não seja essencial para entender traços constitutivos da sociedade de que fazem parte as personagens da controvérsia. A controvérsia é uma espécie de drama social, que revela mas também reconfigura definições de realidade, explicitando o conflito que existe em torno dessas definições (GIUMBELLI, 2002, p.97).

Nesse contexto, procuro analisar práticas e discursos relacionados ao futebol cearense e seus torcedores organizados, tomando como recorte questões de gênero a fim de compreender até que ponto esses discursos e práticas podem trazer elementos que estou denominando de manifestações homofóbicas. Tomei como ponto de partida as torcidas organizadas do Ceará Sporting Club, prioritariamente a Cearamor, mas também existem relatos de outras torcidas do mesmo clube, além de torcedores organizados de clubes rivais também. O fato de ter escolhido esse locus de pesquisa se mistura com a minha história de vida. Como falei acima, desde criança minha afiliação clubística¹⁰ foi

⁹ Estas 3 últimas categorias citadas têm vocábulos próprios para tratar de violências contra cada uma, respectivamente, transfobia, lesbofobia e bifobia.

¹⁰ Sobre o assunto, a dissertação de Arlei Sander Damo (1998) é fundamental, nela ele estuda a categoria do pertencimento clubístico, ou seja, torcedores que se identificam e segue aquela equipe a partir de um

pelo time alvinegro cearense, com a paixão sendo mais fortalecida na adolescência, com a possibilidade de estar mais presente nas partidas da agremiação, e se consolidando na minha vida adulta, com a adesão ao programa de sócio torcedor oficial do time e a presença em praticamente todos (ou quase todos) os jogos em casa da equipe.

Se com relação ao vestir-se, opta-se não apenas entre o nu e o vestido mas por vestir-se de uma determinada forma, o mesmo equivale para o futebol. À exceção de uns poucos que lhe são indiferentes, quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição senão que o faz a partir de um referencial, o "clube do coração". Trata-se de uma "máscara" que resulta, como sugere o poeta Drummond, "da necessidade de optar" e, ainda que não esteja muito claro por que esta necessidade se impõem, sabe-se, contudo, tratar-se de uma "profissão de fé"; a opção é para sempre (DAMO, 1998, p. 8).

Tendo este clube como um grande referencial para a minha trajetória, tive a decisão de escolher pesquisar algumas torcidas desta agremiação. Além disso, ainda há o fator subjetivo de já presenciar os rituais desses torcedores por diversas vezes em espaços de convivência futebolística. A possibilidade de, a partir da pesquisa, ter a chance de etnografar esses comportamentos foi algo preponderante na escolha do objeto.

Uma das observações iniciais a respeito da pesquisa foi identificada em forma de gritos de guerra¹¹ com palavras ofensivas, que não necessariamente referem-se aos gays, mas à torcida adversária, na tentativa de colocá-la como algo menor, tomando a palavra gay como xingamento para atingir o outro. Observo que ser homossexual no âmbito das interações de pesquisa é comumente colocado como algo pejorativo, visto com repulsa no que concerne ao jogo das torcidas.

Para entendermos melhor como isso acontece no campo de jogo é melhor que vejamos na prática. Dentre os exemplos de alguns cânticos entre as principais torcidas locais pode-se citar:

“Liga pro zoológico / chama o camburão / e diz que a Cearamor / ela matou um leão! / Porque a Cearamor não dispensa que eu sei / matador de leão e come cu de TUF Gay! / A tuf é gay, é gay, é gay!” (Música da Torcida Organizada Cearamor);

“Ceará gay só tem garotão escroto / passa cerol no cu / pra cortar o pau dos outros! / Você que é alvinegro de tanto levar por trás / ficou com o cu roxo e

viés de torcedores gremistas.

¹¹ Tomo o termo para fazer referências aos cânticos entoados pelas torcidas em suas andanças pela cidade, nos estádios, nas suas festas. Assim como músicas gravadas e lançadas em CDs ou MP3s dessas torcidas organizadas também.

ainda tá pedindo mais! / O vermelho é ter saúde / Todo mundo é assim mas ter aquilo roxo é coisa de viadim” (Música da Leões da TUF);

“Peia no leão (gay) / A stella tá acabada / Não tem dinheiro não / A carniça tá fudida implorando pro vozão / É muito sofrimento / Ninguém ajuda não Na terceira tá chorando tá ruim a situação” (Música da Cearamor);

“Respeita o meu Leão / Urubu filha da puta / A ceará gay se cala / Quando escuta o chupa, chupa / Ceará gay chupa / Ceará gay chupa / A cabeça do pau vermelho” (Música da Leões da TUF)¹².

“Falange Coral, é um grande galerão / JG3 foi quebrado, tuf gay ficou no chão / Uh! Tubarão, vai engolir o leão...” (Música da Falange Coral)

Em comum em todos esses trechos de músicas pode-se observar uma busca constante de desqualificar o outro, o adversário. E essa desvalorização ocorre sob ameaças de violência para com o outro. Ser colocado no chão, ser quebrado, ser engolido, levar peia, ser morto, ser violentado, ser violado. Essas são algumas das proposições. No contexto das letras ou se referem ao adversário com a denominação de alguma coisa + gay (tuf gay, ceará gay) ou então se coloca em xeque sua orientação sexual e ameaça-se o rival de ser “comido”. Tais ameaças dialogam com algo que está presente em Fry e MacRae (1985), em que os autores pensam uma gramática de papéis de gênero no Brasil popular. E qual seria esse Brasil? O do cotidiano, o do senso comum, um modo de pensar muito presente na mente de muitas pessoas país afora. Segundo os autores, dentro dessa lógica:

Neste Brasil que estamos chamando de ‘popular’, como entre os guaiáqui¹³, o menino é chamado de ‘bicha’ não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é ‘efeminado’ (desempenha o papel feminino) e porque se mantiver uma relação homossexual desempenhará um papel ‘femininamente passivo’. O rapaz que desempenha o papel sexual masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de ‘homem’ ou ‘machão’ (FRY; MACRAE, 1985, p.43).

A visão de homossexualidade se mistura com esse componente generificado do ser homem/ser bicha, que é até reducionista perto de uma série de performances de

¹² Cearamor é a maior torcida organizada do Ceará S.C.; a Leões da TUF é a principal do Fortaleza E.C; enquanto a Falange Coral é a principal organizada do Ferroviário A.C. As músicas estão disponíveis na internet através dos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=6BmdKn1Nh1g>, <https://www.youtube.com/watch?v=Smp6bmjA1b8>, <https://www.youtube.com/watch?v=iMGlpAWfeyg&t=43s>, <https://www.youtube.com/watch?v=HP6Somdtzgs>, <https://www.youtube.com/watch?v=nvmwRHNGdo>

¹³ Povos indígenas paraguaios estudados pelo antropólogo Pierre Clastres (1978) em que os homens desempenhavam papéis sexuais ativos tanto em relações homossexuais quanto heterossexuais. Os homens que quisessem ter uma performance passiva, eram rebaixados de status e eram chamados de *krypy-meno*, mas tal condição poderia ser atenuada caso esses “virassem mulheres”. (FRY; MCRAE, p.32).

gênero que temos hoje, mas que no Brasil popular ainda continua a ser bastante presente. Então, tem-se a ideia, por exemplo, de que se você pratica um ato sexual com uma pessoa de mesmo sexo, você só será considerado gay se for o passivo da relação, do contrário é visto como macho. E isso se expressa bem nos cânticos que visualizamos acima. Nesses trechos, insulta-se a moral de outrem os colocando como corpos feminilizados, passivos, enquanto os de minha torcida seriam os ativos da relação e, logo, viris e homens.

Pretendo identificar e analisar os seguintes aspectos, em primeiro lugar, a complexidade da teia de relações entre o *jogo*, por meio de uma socioantropologia do jogo e de suas relações com as práticas sociais, estendendo suas variações até o futebol. Em segundo lugar, o ritual do torcedor, principalmente do organizado. Inserido nesse contexto, procurar ver como a performance do torcer costuma se estabelecer nos ambientes diversos que circundam o torcedor organizado, seja numa viagem, seja num estádio, seja num bar. E, em terceiro aspecto, uma masculinidade hegemônica, que justamente aparecerá nesse tipo de performance¹⁴ ritualizada dos torcedores, e que, dentre alguns de seus aspectos, costuma enxergar o “gay” ou o feminino como algo negativo em alguns xingamentos e jocosidade. Isso ocorre principalmente quando os torcedores organizados chamam os adversários de gays, pois a eles pouco importa a sexualidade destes, mas sim diminuí-los, reforçando estereótipos de gênero de reafirmar essa masculinidade ao mesmo tempo em que rechaça o adversário feminilizando-o.

Compreende-se que, sob esse ponto de vista, que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher. E poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de feminilizá-los, sobretudo pela humilhação sexual, com deboches a respeito de sua virilidade, acusações de homossexualidade ou, simplesmente, a necessidade de se conduzir com eles como se fossem mulheres, fazendo descobrir ‘o que significa o fato de estar sem cessar consciente de seu corpo, de estar sempre exposto à humilhação ou ao ridículo e de encontrar um reconforto nas tarefas domésticas ou na conversa fiada com os amigos (BOURDIEU, 1999, p.32).

¹⁴ Trabalharei de forma mais acurada esse conceito mais a frente, mas para entender um pouco do significado de performance dentro desse ritual, é bom vermos que: “Em outro registro, “performance” também constitui uma lente metodológica que permite aos estudiosos analisar eventos *enquanto* (em inglês, *as*) performances. Obediência civil, resistência, cidadania, gênero, identidade étnica e sexual, por exemplo, são ensaiados e performados diariamente na esfera pública. Entendê-los *como* (*as*) performances indica que a performance também age como uma epistemologia. A prática incorporada (*embodied practice*), junto (e atrelada) aos discursos culturais, oferece um modo de conhecimento. A relação *is/as* (é/como) ressalta o entendimento da performance como algo simultaneamente “real” e “construído”, como práticas que reúnem o que historicamente foi separado como discursos distintos, supostamente independentes, ontológicos e epistemológicos” (TAYLOR, 2013, p.10).

O grande medo é de ser colocado ao mesmo nível do que se é tido como feminino, como no senso comum visto como de mulher. O antropólogo Wagner Xavier de Camargo (2014), em seu artigo sobre os Olympic Gay Games e outras competições gays no mundo, traz à tona essa questão quando entrevista um corredor alemão que, em sua primeira maratona, mesmo muito cansado e exausto, forçou a barra do seu corpo para concluir a prova pois não desejava ser visto com uma mulher (termo *Mädchen* na língua alemã) pelos outros. O vocábulo nessa língua, dependendo de seu contexto, pode ter um significado ofensivo e misógino quando é utilizado como xingamento para depreciar homens e inferiorizá-los. Talvez na língua portuguesa fique próximo do sentido da expressão *mulherzinha*.

O sociólogo francês, com isso que foi dito sobre a feminilização, coloca a dominação masculina como algo que parece estar tão intrínseco em nossas sociedades, ao ponto de que se houver a possibilidade de existir alguma semelhança entre o masculino e o feminino, o primeiro já pode correr o risco de ser visto como efeminado e teme que isso passe a ser mal visto dentro de sua rede de relações. Bourdieu (1999) colocou essa dominação como um componente estrutural que se apresenta e se capilariza dentre as diversas hierarquias sociais e de poder. Nas linhas seguintes falarei sobre a antropologia do jogo e suas implicações dentro do objeto que estamos discorrendo.

1.1 – Trocando passes entre sociologia, antropologia, jogo e percurso histórico do futebol

Sobre a socioantropologia do jogo, podemos mencionar um caractere primordial do jogo: o fato deste ser uma competição é uma de suas características mais intrínsecas. Assim como a sorte, o simulacro e a vertigem, como diziam os teóricos Caillois (1990) e Huizinga (1996). Sabendo disso, Elias (1992, p.84) dizia que “o desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos”, de forma que aparece novamente o caráter de disputa dentro dessa categoria. Sobre isso, posso dizer que, segundo Sobreira Filho (2014, p. 22) “esses fatores de competição fazem com que o esporte seja uma espécie de simulacro de guerra”, e nesse

caso, “sempre existirão rivalidades e inimigos a serem derrotados, seja eles outro adversário, as forças naturais”, passagem em que é ressaltado, novamente, o caráter competitivo do jogo, reforçando o que os autores acima mencionaram. O filósofo Caillois, definiu que o jogo é “uma atividade livre, delimitada, incerta e improdutiva” (Caillois, 1990, p.29), com todo esporte podendo ser considerado um jogo, ao passo que a recíproca não é considerada verdadeira. Segundo Elias e Dunning (1992), os desportos têm como uma de suas características principais, o aspecto de que o período de excitação e tensão é controlado, ocorrendo dentro de limites temporais e espaciais. E dentro desses cercamentos de espaço-tempo também são necessárias regras, que vão constantemente se aperfeiçoando. O jogo também engloba outras categorias sociais para além do esporte, englobando a própria cultura como um jogo (Huizinga, 1996), então é como se num conjunto matemático Esporte pertence a Jogo, mas Jogo não necessariamente pertence a Esporte.

Com a teoria do processo civilizador¹⁵ dentro de sua sociologia configuracional, Norbert Elias conseguiu dar uma explicação dentro de grandes períodos temporais para muitas formações de costumes e estruturas sociais através dos séculos. Dentro da seara do desporto, Eric Dunning (1992) tem a finalidade de observar e mostrar que as sociedades, ao longo dos tempos, foram se docilizando esportivamente falando, ou seja, os esportes ficaram mais abrandados em suas características violentas para que pudessem ser mais palatáveis para as pessoas. O autor compara, por exemplo, a forma como o rugby e o futebol eram praticados e o que se tornaram posteriormente, aludindo à adoção de regras mais rígidas e de um espírito de civilização para que esses esportes fossem difundidos e bem aceitos mundialmente.

Além disso, outro ponto importante abordado na obra dos sociólogos supracitados é o fenômeno da excitação através do desporto em sociedades cada vez mais regradas e controladas. Isto é, aqueles esportes que ficavam cada vez menos violentos, acabavam sendo utilizados como válvula de escape e extravasamento para emoções mais intensas, as quais findavam após o tempo de cada partida, costumeiramente. E assim, a atividade física juntamente com a ludicidade adaptavam-se ao mercado capitalista que precisava produzir, se nas *Public Schools* inglesas o futebol ocupava o tempo dos alunos e os mantinha vigiados e entretidos (DAMO, 1998, p.53),

¹⁵ Uma série de processos pelos quais as sociedades ocidentais passaram, desde a Idade Antiga até hoje e que resultaram na sociedade contemporânea atual. Dentro desses processos são modificados, reatualizados e inscritos costumes, modos de vida, forma de autocontrole. Cf Elias (1994).

com o lazer dos empregados de muitas fábricas mundo afora, inclusive no Brasil, isso não foi diferente. O esporte era utilizado como forma de incentivo fabril e na ocupação do tempo de lazer dos empregados dessas companhias.

Sobre o percurso histórico do futebol brasileiro, podemos dizer que este chegou ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, com as elites e imigrantes (principalmente ingleses e italianos) que o trouxeram da Europa (LEVINE, 1982). Em 1904, surgiram os primeiros clubes fabris no Brasil, com a criação do Bangu Athletic (o primeiro de uma série de clubes do mesmo estilo), e até 1933 ainda permaneceu sob a luz do amadorismo, com a profissionalização e início de popularização se iniciando em 1933-1950, e após 1950 continuou a se profissionalizar em grau maior, com a comercialização deste esporte passa se acentuando mais ainda.

Aqui no estado do Ceará, a prática do futebol teve início em 1904 com um jogo entre ingleses e cearenses no Passeio Público (AZEVEDO, 2002), e nos anos seguintes o esporte deu uma esmorecida sendo praticado apenas nos colégios e, somente no período entre os anos de 1914 e 1918 são fundados clubes de elite locais baseados nas ideias futebolistas trazidos da Europa.

Sobre questões classistas envolvidas com o esporte, observo que, como sua chegada ao Brasil aconteceu através dos clubes de elite que pregavam o futebol amador, quando este passou a iniciar o seu processo de profissionalização, de imediato ocorreu um clamor contrário vindo de algumas das elites na época. Estas temiam que o seu esporte preferido fosse ser praticado pela plebe, que viriam a integrar muitos dos times profissionais como jogadores.

Com o perdão do arremate um tanto rápido, o futebol passava de englobado à englobante. O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades socioeconômicas, étnicas, locais, regionais e assim por diante. Nesse contexto, muitos clubes de elite barraram o futebol, como foi o caso do Germânia, em São Paulo, e da Sogipa, em Porto Alegre. Outros conciliaram o amadorismo - festas, bailes, esportes amadores, etc - com o profissionalismo - representado pelo futebol - e, por fim, houve os que se deixaram tomar, quase por completo, pelo futebol (DAMO, 1998, p. 47).

Muitos desses clubes desistiram do futebol profissional e mantêm a sua existência até hoje com diversas práticas esportivas menos com o “esporte bretão”, enquanto outros se voltaram quase que exclusivamente para o futebol (no primeiro caso posso citar o Club Athletico Paulistano de São Paulo). Segundo Toledo (1996), o

esporte nessa época representava o “espírito do progresso” nos centros urbanos, o espírito dos tempos, corolário de ideias que foi bastante almejado por elites paulistanas e fluminenses, principalmente.

Enquanto na elite, os clubes amadores praticavam o futebol e utilizam este como forma de distinção social, nas camadas mais populares este também era praticado, de acordo com os autores acima mencionados, já plantando a semente do que viria a ser a futura popularidade desta prática cotidiana.

Os operários e comerciantes dos bairros populares não ficaram indiferentes a esta modalidade esportiva e já em 1903, portanto quase concomitante à fundação dos clubes de elite, praticavam o futebol (denominado pejorativamente pela imprensa da época de pequeno futebol, em virtude do caráter popular e das precárias condições em que era jogado) na Várzea do Carmo no bairro do Brás (TOLEDO, 1996, p. 16).

A várzea era nada mais, nada menos, que a possibilidade de improvisação, a partir de suas condições, ou seja, “sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade” (CERTEAU, 2014, p.87), através do que denomino, a partir do conceito de *tática* de Certeau, de uso *tático* da prática futebolística. Para o historiador francês, tal palavra designa “a arte do fraco” e também consiste numa série de:

procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em uma situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. Sob este aspecto, a diferença entre umas e outras remete a duas opções históricas em matéria de ação e segurança (opções que respondem aliás mais a coerções que a possibilidades): as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 2014, p.96).

Trocando em miúdos, a noção de *tática* está próxima da ideia de saber lidar com o cotidiano e agir de acordo com o que lhe é possível. Saber se virar, ser esperto e não necessariamente inteligente. Enquanto para Certeau (2014), *estratégia* era algo voltado para estruturas maiores, para um campo macro, algo que necessitava de que grandes engrenagens se movessem, a *tática* é o micro, o jogo de cintura para lidar com o dia-a-dia, dentro dos *modos de fazer* possíveis para o cidadão ordinário.

Sendo assim, os campos de várzea ou futebol de rua, são os “campos de subúrbio, ‘improvisados, sem grama, de chão batido’, o oposto dos *fields* ou *grounds*,

da elite” (ROSENFELD apud DAMO, 1998, p.58). Espaço representante da *tática* cearensiana por excelência. Aqui se jogava futebol. Mas não qualquer futebol. Um jogo único em que as regras não eram as mesmas do tradicional, existiam regulamentos próprios dos praticantes desse espaço, que envolviam também marcas de sociabilidade ali presentes. Posso assinalar como exemplo, que as partidas não detinham um juiz para regulamentar as infrações e demarcar o tempo, sendo essas situações determinadas pelos próprios jogadores.

Nas décadas de 1930 e 1940, o futebol passou por alterações que definiriam os seus rumos. Foi instituído oficialmente como esporte, por excelência, e também passou a ser profissionalizado quase que por completo. Nesse momento, foram se erguendo os primeiros estádios nas grandes capitais Brasil afora, pois agora que o esporte passava a ter um público crescente, tanto poder público quanto clubes começavam a preocupar-se mais com questões estruturais. Segundo o historiador Nirez de Azevedo (2002), só em 1939 o profissionalismo iniciou-se no futebol cearense, o que pode ser explicado pelo tardio início das competições locais e fundação de clubes (apenas em 1914). O primeiro estádio municipal em Fortaleza (o Presidente Vargas) foi inaugurado apenas em 1941, antes as disputas ocorriam apenas em campos, como o Campo do Prado, o Campo do América, e o que os distinguiu na época era: “a diferença do estádio para os demais campos da época é que aquele possuía um gramado enquanto os outros eram de barro batido” (AZEVEDO, 2002, p.59).

1.2 – A emoção entra em campo: as torcidas organizadas de futebol no Brasil

Um ponto fundamental para entendermos o futebol brasileiro é procurarmos observar a gênese das torcidas dos clubes, afinal, futebol é em grande parte pertencimento clubístico e temos que situar essas manifestações em seus contextos históricos específicos. O *modus operandi* de torcer do brasileiro, especificamente do cearense, é bem característico e particular, como podemos ver nos relatos abaixo tirado de observações do meu campo, feito entre os anos de 2016 a 2018 com as torcidas organizadas do Ceará Sporting Club.

Antes do jogo a torcida cantava o hino. Quase todos de pé reverenciavam o time que iria jogar dali a pouco, e a churrascaria encontrava-se lotada pois iria começar a partida.¹⁶

A festa estava mais do que liberada, o título estava mais do que decretado. Todos na torcida pulam, comemoram, se abraçam e se beijam. A Cearamor puxa o grito tradicional nos gols de “Uh é Cearamor” e o resto do estádio acompanha. Bambus são balançados com muita vibração e o bandeirão desce mais uma vez. Sinalizadores começam a ser acendidos, burlando o sistema de segurança do estádio que proíbe tais aparatos. E os piscas começam a aumentar mais e mais, no setor da TOC¹⁷ e de repente tem-se muitos acesos ao mesmo tempo, fazendo uma linda festa no estádio com todos cantando e gritando: “É campeão”.¹⁸

Minutos antes de começar a partida, as duas torcidas parecem cantar num sistema de pergunta/resposta. Quando uma grita: “Leão, nós gostamos de você”, a outra manda na lata “Leão, vai morrer na série C”. Ou então: “Leão, ô...tam tam tam tam tam” e a resposta é: “Leão, ô...gay, gay, gay, gay, gay”. Em diversos momentos tanto a torcida alvinegra quanto à tricolor utilizam o léxico “gay”, “dar o cu”, “tomar no cu”, “comer o cu”, como ofensas das mais incisivas contra o adversário.

Quando os times entram em campo, uma chuva de papel higiênico, jogado ao alto pelos próprios torcedores em direção ao campo, recebeu o time do Ceará, junto com a bateria dando o tom da festa. Vale registrar que haviam várias outras torcidas alvinegras também presentes naquela zona do estádio como Fúria Jovem, Setor Alvinegro, Ceará Chopp. Algumas com bateria e música própria e outras sem esse aparato. No outro setor destinado à torcida alvinegra, na superior, estavam os Cangaceiros e a MOFI. Na inferior vi a Alfa Alvinegros e Ceará Surf.

O jogo se inicia, visualmente parece ter mais pessoas do lado do Ceará do que do lado do Fortaleza, apesar do time leonino contar com mais espaço devido ao mando de campo ser seu. Os dois times se estudam em campo e, enquanto isso, a torcida incentiva, pula e canta. Todos permanecem em pé na Cearamor.¹⁹

Dentro de uma arena esportiva de futebol no Brasil, nem todos assistem aos jogos da mesma forma. Muitas das torcidas organizadas seguem um ritual que obedece a momentos específicos, assim como falam Peirano (2003) e Tambiah (1985), antropólogo que estudou os rituais contemporâneos.

Ritual is a culturally constructed system of symbolic communication. It is constituted of patterned and ordered sequences of words and acts, often expressed in multiple media, whose content and arrangement are characterized in varying degree by formality (conventionality), stereotypy (rigidity), condensation (fusion), and redundancy (repetition). Ritual action in its constitutive features is performative in these three senses: in the Austinian sense of performative, wherein saying something is also doing something as a conventional act; in the quite different sense of a staged performance that uses multiple media by which the participants experience the event intensively; and in the sense of indexical values—I derive this concept from

¹⁶ Diário de campo, 08/07/2016.

¹⁷ Usarei tanto a sigla TOC quanto Cearamor para me referir a esta torcida.

¹⁸ Diário de campo, 03/05/2017.

¹⁹ Diário de campo, 22/01/2017.

Peirce—being attached to and inferred by actors during the performance (TAMBIAH, 1985, p.128).²⁰

Assistir os jogos de pé por sobre as cadeiras do estádio; se encontrar no caminho com o seu bonde e chegar de *mulão*²¹; passar por um rito de iniciação/batizado dentro da sua torcida organizada; receber o time com festa no estádio (dentro e fora dele); fazer festa no aeroporto quando o time viaja ou consegue um resultado positivo longe de seus domínios. Tudo isso e mais um pouco faz parte do ritual de muitos torcedores organizados alvinegros. Peirano (2003) nos lembra que “a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada. Ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”. Assim, com minhas observações e participação no campo é que pude começar a entender um pouco daquele ritual de ser um torcedor organizado, no caso, não como um organizado também, mas como alguém que ali os estava pesquisando e trocando experiências.

Toda essa teatralidade performática se configura no dia-a-dia do torcedor organizado. E acaba que mesmo com os outros torcedores ditos comuns muitas vezes a linha divisória entre esses e aqueles é tênue e pode se borrar quando dentro de um estádio, no meio de uma multidão. Palavrões, refrões entoados à exaustão, pulos, fumaça e consumo de substâncias lícitas e ilícitas são alguns dos ingredientes presentes nesta composição singular e ao mesmo tempo com tantas semelhanças com outras pelo mundo.

Sobre as torcidas organizadas em si, é necessário que se diga que elas são “o fundamental do futebol fora os jogadores [...] eu não entendo o futebol sem torcida, muito menos torcida organizada, são quase que irmãos siameses” (informação verbal)²². Lá pelos idos dos anos 1940, elas já existiam, mas com outra conotação. Aquilo que nasceu como algo ligado às diretorias na época das charangas, e que inicialmente se

²⁰ Ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. É constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, por vezes expressos em múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizado por variados níveis de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus aspectos constitutivos é vista como performativa em três sentidos: no sentido de que dizer algo é também fazer aquilo como um ato convencional; no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação; e no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance, eu obtenho esse conceito a partir do Pierce (Tradução nossa).

²¹ Organizei essas e outras categorias êmicas num glossário situado ao final do trabalho.

²² Trecho de palestra do historiador Airton de Farias, na mesa temática Futebol Moderno e suas opressões, dentro da programação da Bienal do Livro do Ceará, em Fortaleza, em abril de 2017.

apresentou como uma espécie de ponte entre o clube e seus adeptos, nos anos vindouros acabou por ser tornar um dos atores fundamentais no espetáculo do futebol.

Naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer para o time, “não importando mais nada”. (TOLEDO, 1996, p.22)

Eram conhecidas como bandas ou charangas as torcidas de apoio aos times na década de 40, tendo sempre a figura de um líder e também estas obtendo privilégios como doação de ingressos e pagamentos de viagens em troca de não interferirem em políticas internas dos clubes. Em troca desse prestígio, a situação acabava em “subordinação” às diretorias dos times para se tornarem coniventes com muito do que o clube fizesse. Assim permaneceu até os anos 1960, quando surgiram as primeiras torcidas organizadas jovens²³ de futebol, em pleno período de ditadura militar.

O movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido no país. E que, portanto, junto com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais. (TOLEDO, 1996, p.28)

Dentro de um ambiente de repressão por todos os lados, esses locais funcionavam como espaço para algum tipo de pluralidade, para vozes serem ouvidas. E estas poderiam inclusive ter posições críticas em relação aos clubes, diferenciando-se assim, das antigas charangas. Desde então, essas agremiações só cresceram, atraindo para um si um sem-número de adeptos e virando autênticas multidões uniformizadas de torcedores. Contudo, com o crescimento destas também ficaram mais expostas as suas fragilidades, que até hoje são bem discutidas na sociedade como um todo. O conflito que antes não costumava ser arquitetado e previamente definido entre as torcidas passa a fazer gradativamente parte do cenário nacional, com disputas de torcidas em todos os

²³ Rosana da Câmara Teixeira, que desenvolveu uma dissertação sobre as torcidas jovens cariocas nos anos 1990 define a criação desses grupos: “Paralelamente a estas transformações, a relação torcedor-futebol assume outros aspectos. Afirmam-se as primeiras organizações burocratizadas de torcedores com certa autonomia em relação aos clubes. Ao invés das torcidas personificadas predominantes até então, surgem agrupamentos mais independentes, inaugurando um novo padrão de relacionamento entre si e com os dirigentes dos clubes. Através deles, a paixão individual pelo time é canalizada para uma ação organizada pautada por projetos comuns. Assumindo um papel de pressão política junto aos clubes, essas associações torcedoras são mais autônomas e impessoais se comparadas às anteriores. Nelas observa-se cada vez mais a presença de jovens em detrimento de adultos que predominavam até então” (TEIXEIRA, 1998, p. 48). Para mais aprofundamentos sobre as torcidas jovens cf Holanda (2008).

cantos do país. Criam-se verdadeiras alianças entre diversas torcidas, que acabam atraindo rivalidade com outras e provocando muitos conflitos.

Girard (1998), ao falar sobre a violência e a crise sacrificial, nos diz que nas sociedades mais primitivas utilizava-se da violência contra um bode expiatório escolhido na comunidade para que a violência fosse extirpada (como uma purificação), ato que acabou perdendo força quando o direito se instituiu na maioria das sociedades seguintes. Nas relações entre torcidas/*outsiders*²⁴, vendo como *outsiders* quem está por fora desse ritual do torcedor uniformizado, muitas vezes o outro é esse bode expiatório, aquele não faz parte do ritual pode acabar enxergado como transgressor ou violento o outro.

De forma análoga aos torcedores organizados no Brasil, em outros países vemos representantes também dessa cultura do futebol tanto nas arquibancadas, como além delas. Na América do Sul temos os barras bravas²⁵, no sul da Europa temos os ultras e em países britânicos temos os hooligans. Sobre os hooligans, eis uma definição de suas ações segundo o antropólogo italiano Massimo Canevacci (2005), os *hooligans* são:

O oposto do eXtremo entendido aqui como multiidentitário e desterritorializado. É um extremo (mais do que antagonista) ‘irreduzível’, auto-encerrado nos recintos do domínio. Em lugar de eXtremo interminável, pode ser um extremo exterminador em sentido literal, isto é, que difunde a morte sem sentido. É o extremo do torcedor ainda colado à forma de cidade moderna e até pré-moderna, ultraterritorializado, que reproduz o próprio território circunscrito, gradeado e holístico. O bairro. O quarteirão (CANEVACCI, 2005, p.49).

Como podemos ver, enquanto nas terras do Velho Mundo, os torcedores definem os seus domínios a um território como o bairro, por exemplo, aqui no Brasil os torcedores organizados enaltecem os seus bairros, mas também pulsam ao longo da metrópole, parecem ao mesmo tempo evocar sempre pulsões de vida e morte e espalham-se na cidade.

Qual a maior ousadia e transgressão desses jovens quando acompanhamos esses percursos, essas experimentações urbanas? Nomadizar, trafegar utilizando-se do corpo para experimentar cidade. Ocupar com frenesi cada

²⁴ De acordo com Becker (2008), outsiders são definidos como aqueles que cometem atos desviantes, que não se definem num próprio comportamento, “mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele” (BECKER, 2008, p.27).

²⁵ Segundo Giulianotti (2010), todos esses grupos de torcedores fazem parte do que se pode chamar de “cultura do hooliganism” no futebol e têm suas diferenciações, mas o lado de torcedores militantes de seus clubes os une.

local por onde passam, até desfigurá-los com essas desmesuras, intensificar esses usos até serem temidos ou banidos. Os jovens pertencentes às galeras realizam percursos que por si só podem ser considerados delinquentes. Paradoxalmente, sua senha é o bairro, como código de passagem e de fronteira (DIÓGENES, 2003, p.71).

É perceptível que as torcidas não estão isoladas do resto da sociedade nas quais estão inseridas. Pensando desse ponto de vista, se a violência cresceu a níveis estrondosos no Brasil não é tão estranho assim encontros sangüinários entre torcedores também terem aumentado. Também não pretendemos ser tão simplistas a ponto de dizer que essa é a causa direta para a violência estar dentro do esporte, mas não podemos deixar de observar que em países violentos como México, África do Sul e Colômbia²⁶, tais episódios são costumeiros no esporte.

No país em que vivemos, e principalmente, no estado cearense, essa violência muitas vezes advém de juventudes²⁷ que são invisibilizadas, ou seja, de jovens que estão cansados de serem colocados à margem de políticas sociais e que querem ser vistos a todo custo. Jovens que desde a sua infância têm pouquíssimas perspectivas de algo interessante no futuro, acabam buscando outros caminhos a fim de exercer o seu vigor juvenil, aliado a uma *sede de movimento*²⁸, de corporalidade, como diz Diógenes (1998). Sobre a posição em que muitos dos uniformizados se encontram, vale ressaltar que:

Eles são criticados por reagir, por atacar. Na verdade, apesar da delinquência – mas por causa dela também –, eles estão em posição de fraqueza absoluta, isolados, obrigados à aceitação total, se não ao consentimento. Seus sobressaltos são iguais aos de animais caçados, antecipadamente vencidos e que sabem disso, às vezes por experiência (FORRESTER, 1997, p.62).

Na própria imagética das torcidas organizadas, costumeiramente são vistos escudos, simbologias e categorias que remetem à força, à bravura, remetendo inclusive à imagem de super-heróis e vilões também. Os torcedores costumam representar suas organizações desse modo, com esses signos, que significam muito mais do que aquelas próprias imagens, como diz Ribeiro:

²⁶ Ver mais em DIPUTADOS (2014) e JACKS (2013).

²⁷ Utilizo o termo juventudes por acreditar que essas diversas trajetórias de juventudes são plurais, multiformes, “isso porque a experiência geracional é inédita, já que a juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete” (NOVAES, 2006, p.119) e assim “pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 2003, p.69).

²⁸ Pais (2006) chamará isso de “culto da sensação multiplicada”, um termo retirado da obra de Baudelaire e que irá se referir à extravagância e ao experimentalismo.

Mesmo porque, o que significa a imagem de personagens musculosos, quando a maioria dos integrantes das torcidas apresenta uma compleição corporal magra e quase adolescente? Respondo! Quer dizer, eu não, quem responde é Fernando Pessoa, quando afirma que “Os deuses são a encarnação do que nunca podemos ser”. As representações que esses jovens torcedores organizados fazem de seus heróis e personagens-símbolo podem ser analisadas como a projeção de um desejo para si. Partir destas representações, feitas com uma considerável qualidade artística, pode se constituir como um caminho importante para a compreensão das necessidades e investimentos deste segmento juvenil (RIBEIRO, 2010, p.55).

Ah, a corporalidade...logo essa materialidade da qual fica difícil escapar. É ela que também é exercida através dos signos, das marcas corporais, do modo de andar, do modo de falar. E a mesma Josiane Ribeiro comentou sobre o tema numa palestra:

Lógico que isso é importante porque mesmo os meninos, tá aqui um bem novim (aponta pra menino, bem magro, que parecia ter uns 11 ou 12 anos de idade e estava uniformizado todo de Falange coral), se você botar um menino desses pra andar ele vai andar que nem um cara fortão, um brigão, por que? Porque ele ganha esse bônus, ele ganha essa força simbólica da torcida, e ele num tá lá à toa não, ele tá lá atrás disso também, isso é um bônus da torcida, isso é uma moeda importante numa torcida, e é uma chave pra gente entender também essa possibilidade que é dada pela torcida a esses jovens e que eles não tão encontrando em outros lugares (informação oral)²⁹.

Por meio dessa intensa busca por reconhecimento, seja através das gangues, das galeras ou das torcidas, os jovens de periferia tentam soltar seu grito de existência. E um local de excelência para esses gritos acaba sendo o ambiente do futebol. Por diversas vezes forma que essas pessoas encontram de buscar esse sentido de vibrar acaba sendo a hostilização do rival, o escárnio adversário. Cabe salientar aqui que o tom de ojeriza para com os adversários não é mérito exclusivo dos torcedores organizados. O dito torcedor comum, categoria que representa a todos os outros torcedores de estádio que não se denominam como organizados, constantemente xinga e faz chacota com os adversários, tanto acompanhando os organizados, como também em um movimento próprio relativo a cada sujeito naquela massa plural na arquibancada. Agora, dito isso, pode-se pensar que nessa relação os organizados acabam funcionando como um grande combustível para a manutenção dessas *táticas* de enfrentamento ao outro: seja esse o Estado, o juiz, a torcida adversária ou o clube adversário.

O estádio é o lugar da impossível conciliação. Daí o alarido dos refrões insultos e ameaças ao time opositor. No jogo, apenas uma das partes ganha. Não há conciliação. Desse modo, o encontro corporifica a ideia que os times

²⁹ Trecho de palestra pela socióloga Josiane Ribeiro em evento intitulado Futebol Moderno e suas opressões, dentro da programação da Bienal do Livro do Ceará, em Fortaleza, em abril de 2017.

em disputa, as torcidas rivais fazem parte de um mesmo encontro, denominado jogo. Torcedores, jogadores, bandeirinhas, juizes, técnicos, preparadores físicos formam o mesmo *corpus*: o futebol. É preciso que uma polifonia ruidosa lembre e re-lembre a cada partida que o jogo continua. Que o coletivo jogo permanece no confronto interminável entre as partes. (DIÓGENES, 2003, p.74)

No rol desses xingamentos e ameaças, várias ordens do discurso e também identitárias são colocadas como alvo. Alguns xingam a progenitora do árbitro da partida, outros xingam o adversário com base em classes sociais, ao dizer que enquanto tal time é nobre, o outro faz parte de classes da “mundiça”. A categoria de xingamento que predomina em muitas torcidas de diversos clubes do futebol brasileiro é a que remete a caracteres homofóbicos. Os maldizeres contra o adversário muitas vezes fazem parte do que o pesquisador Edison Gastaldo (2010) intitulou de relações futebolísticas jocosas, baseado na etnografia clássica do antropólogo Radcliffe-Brown (1973) em seus escritos sobre relações jocosas familiares, que seriam uma

Relação entre duas pessoas, na qual uma é, por costume lícito, e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou a zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida. É importante distinguir duas variedades principais. Numa, a relação é simétrica; cada uma das pessoas importuna ou zomba da outra. Na outra variedade a relação é assimétrica; fulano se diverte às custas de cicrano, e cicrano suporta de bom humor ser escarnecido e sem ir à forra; ou A importuna B À vontade e B retribui a zombaria apenas em parte. (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p.115).

Dentro desse paradigma, será que seria possível uma diferenciação entre jocosidades e racismo e homofobia, por exemplo? Ou essas jocosidades acabariam justificando a perpetuação desse tipo de xingamento? Penso que essas são questões importantes que podem dar pistas sobre o prosseguimento do trabalho. As jocosidades pertencem à teia das pessoalidades, do contato mais próximo, enquanto que os xingamentos ao outro torcedor no estádio, em coletividade, podem perpassar o limite da puerilidade jocosa e incomodar setores identificados com/como grupos historicamente oprimidos no país.

Novamente remetendo para a obra de Pierre Bourdieu sobre a “A dominação masculina”, ele nos diz que: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 1999, p. 18). Sendo assim algo estrutural da sociedade, as pessoas acabam perpetuando esses comportamentos, como os xingamentos de tom homofóbico que estão bem

enraizados na cultura de uma sociedade machista e patriarcal ao modelo brasileiro. O que choca é que hoje, em 2018, depois de relativos avanços nos campos de políticas sociais para o segmento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT+), esses tipos de ultrajes ainda possam existir. Maurício Pinto, que escreveu um artigo abordando a temática das novíssimas torcidas de modalidades *Queer*³⁰, também comentou acerca do preconceito escondido através dos xingamentos proferidos por torcedores. Segundo ele, “os xingamentos e associações à homossexualidade e à feminilidade soam como ofensas para desqualificação do outro, conformando um cenário de rivalidades em que tais expressões são entendidas como parte da ‘cultura do jogo’” (Pinto, 2014).

Qual seria o sentido do uso do termo *gay*, seria uma espécie de feminilização do adversário e reforço da sua masculinidade, como já comentamos anteriormente? Seria um exacerbamento da ideia de coragem e honra como algo supostamente interligado com a performance de gênero hegemônica masculina? Pretendo perceber o que emerge no campo como tipos de masculinidades para então entender quais são os confrontos a essas masculinidades que surgem no que se refere ao xingamento.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E ESCOLHAS POSSÍVEIS DA PESQUISA

Um trabalho de pesquisa pode se voltar, dentro de um cunho mais sociológico a saber “o que”, ou seja, tanto “o que existe”, quanto “o que não existe”. Até mesmo jornalisticamente nós nos atemos aos fatos. Diferentemente dessa prática, no âmbito dessa dissertação de mestrado, interessa-me a saber *como* as coisas acontecem. Assim como Foucault no *Microfísica do Poder* (2016), disse que não lhe interessa o poder e sim como ele se exerce, aqui me interessa saber *como as coisas acontecem*, como se exerce o jogo das masculinidades nas torcidas.

O que é o poder, ou melhor – pois a questão o que é o poder seria uma questão teórica que coroaría o conjunto, o que eu não quero – quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? (FOUCAULT, 2016, p. 272).

Dessa forma, não me interessa entender um fato ou comportamento em específico, e sim entender o “fazer com”, as práticas, como diz De Certeau (2014). O

³⁰ Falarei sobre esses coletivos e torcidas no capítulo 6 desta dissertação.

termo remete aos usos e a maneiras criativas de subversão do sistema, e, para Geertz (1997) o uso do “com que” tira um pouco do caráter colonialista do antropólogo e aproxima este de uma forma menos pretensiosa do seu interlocutor.

A meu ver, o etnógrafo não percebe – principalmente não é capaz de perceber – aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é o “com que”, ou “por meios de que”, ou “através de que” (ou seja lá qual for a expressão) os outros percebem. Em país de cegos, que, por sinal são mais observadores do que parecem, quem tem um olho não é rei, é espectador (GEERTZ, 1997, p.89).

Baseado nessa perspectiva, procurei em minha discussão realizar o trabalho de pesquisa juntamente com meus interlocutores, a minha tentativa não será pensar do mesmo modo o qual eles pensam, pois, além de soar bastante pretensioso, seria muito difícil conseguir obter êxito com isso. Nem tampouco fazer como eles fazem suas trajetórias de vida, e sim fazer junto no sentido de estar próximo e observar e sentir o campo e, a partir de minhas impressões, partindo do pressuposto de que os textos antropológicos são interpretações de “segunda e terceira mão” para Geertz (2014, p.11), pois só os nativos daquele locus fazem as “interpretações em primeira mão”.

2.1 – Etnografia: nem apenas técnica e nem apenas método

Um ponto interessante para se pensar é que a etnografia é muitas vezes utilizada como uma ferramenta de pesquisa na sociologia ou em outras áreas (Magnani e Aquino, 2012). Porém, entre os antropólogos e antropólogas, ela não é apenas um método, ela não é uma técnica, ou melhor, não é só uma técnica, ela não é só um método. Ela é um algo de concepção para o exercício antropológico. E daí a partir da etnografia vem a interpretação antropológica. Sem a etnografia a antropologia não seria a ciência que é hoje, é uma de suas bases, talvez a maior. Ela é ponto de perspectiva.

Para a antropóloga Mariza Peirano (2014), a teoria etnográfica é estudada através do estudo das monografias, que acabam sendo um estudo de práticas atrelado também com as próprias teorias. “Toda etnografia é também teoria”, ela diz, para rechaçar a ideia de que essa prática seja apenas um método. A pesquisadora pede para que se abra o olho para o uso do que chamam de “método etnográfico”, pois existe o risco de ser uma “descrição jornalística”, ou “uma curiosidade a mais no mundo de

hoje”. Já Magnani (2009) acredita que a disciplina é sim um método, mas não no sentido restrito do termo:

A etnografia é o método próprio de trabalho da antropologia em sentido amplo, não restrito (como técnica) ou excludente (seja como determinada atitude, experiência, atividade de campo). Entendido como método em sentido amplo, engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a experiência etnográfica e que levam à escrita final. Condição necessária para seu exercício pleno é a vinculação a escolhas teóricas, o que implica não poder ser destacada como conjunto de técnicas (observação participante, aplicação de entrevistas, etc.) empregadas independentemente de uma discussão conceitual (MAGNANI, 2009, p.136).

Acredito que o pensamento dos dois autores acaba dialogando, mesmo utilizando termos que parecem um dizer o contrário do outro. Pois se formos ver na gênese, os dois insistem para que o uso do termo etnografia seja cuidadosamente utilizado, dentro da correta acepção da palavra. Magnani (2012), numa entrevista para a Revista de Ciências Sociais da UFC nos fala que outras áreas podem sim se apropriar do termo, “mas com o devido cuidado; do contrário, perde consistência”. A inspiração que desejo ter na pesquisa é essa, principalmente como Peirano diz, sobre beber na fonte dos autores clássicos, de buscar essas etnografias, as quais têm muita teoria, como princípio. Afinal, uma “etnografia não é algo que se faz espontaneamente” (Peirano, 1995), nem do nada.

Seguindo nessa linha de pensamento, Peirano (1995) também diz que:

meras descrições de um fenômeno de uma cultura em termos de outra são um arremedo necessariamente pobre da prática antropológica e, por definição, estão condenadas a não passar de afirmações de um tipo popularesco – aquilo que Fábio Wanderley Reis chama de o estilo jornalístico que invade as ciências sociais. É importante, então, reter a ideia de que as observações são realizadas não só para descrever o curioso, o exótico ou o diferente por si mesmos (pelo natural interesse que despertam), mas também e principalmente para universalizá-los (PEIRANO, 1995, p.18).

Novamente se bate na tecla para que o trabalho do cientista social seja meticuloso para que a sua ciência não seja algo meramente jornalístico ou informacional. A antropologia, que para alguns já vista como “ciência social do primitivo”, tem como objetivo buscar uma “visão alternativa, mais genuína talvez, da universalidade dos conceitos sociológicos”, segundo a mesma antropóloga brasileira. E muito mais do que simplesmente verificar e medir, a proposta é entender (mas também se deixar se desentender), sentir, se afetar com o trabalho de campo (Goldman, 2003). Não adianta chegar ao campo com explicações prontas, só querendo aplicar uma teoria.

O clássico antropólogo inglês Evans-Pritchard, em seu trabalho sobre os povos Azande, traz uma reflexão fundamental sobre isso:

Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para o país zande, mas os Azande tinham; e assim tive de me deixar guiar por eles. Não me interessava particularmente por vacas quando fui aos Nuer, mas os Nuer, sim; e assim tive aos poucos, querendo ou não, que me tornar um especialista em gado (EVANS-PRITCHARD, 2005, p.244).

Por mais que ele tivesse pensamentos iniciais a respeito do seu campo e do que pudesse encontrar, até mesmo teorias, como ele diz em sua obra, foi apenas lá, em sua estada, que ele tomou os rumos da pesquisa e foi aberto para que as condições encontradas guiassem o rumo de sua empreitada. Acredito que muito da pesquisa etnográfica seja desta maneira.

2.2 – Dilemas entre ser insider e outsider

No momento de minha escolha do objeto, ao abordar as torcidas organizadas locais, tinha ciência de que teria muito a percorrer para que pudesse empreender a pesquisa. Mesmo com um conhecimento adquirido durante as disciplinas e com leituras que busquei e também indicadas por minha orientadora, sabia que iria suar para chegar num nível de qualidade desejado, pois eu vinha de outra área, não havia me graduado nas Ciências Sociais, e sim na Comunicação, e percebi que pouco correspondia ao que se espera de um estudante de tal curso. De toda forma, na graduação eu havia estudado o tema do futebol e das torcidas organizadas, no que concerne à polêmica que houve em relação a possibilidade da existência de um jogo de torcida única em 2012 entre Ceará x Fortaleza, mas, dentro desse paradigma, a minha construção metodológica foi nas Ciências da Comunicação e agora eu adentrava o campo da Sociologia.

Concomitantemente, por ser um torcedor com presença em estádio desde muito tempo, por estar ali como um *insider*, existiam certas vantagens que um neófito no campo não teria. Já me era sabido de como funcionavam os locais de demarcação das torcidas no estádio, assim como previamente conhecia boa parte das músicas cantadas, alianças feitas, dentre outras coisas. Ao mesmo tempo, se pensarmos na configuração de Elias e Scotson (2000) sobre estabelecidos e *outsiders*, eu também não era alguém estabelecido ali. Acabava sendo um outsider se olharmos do ponto de vista de que eu,

mesmo tendo vivido a minha vida toda em estádios, não tinha vivências como torcedor organizado. Então tive que quebrar barreiras e entraves iniciais também para adentrar nessas, pois, mesmo com a constante presença de pesquisadores em seus espaços fazendo trabalhos, ainda existe um tipo de muro ou parede que acaba delimitando quem é e quem não é T.O.

Eu como alguém cisgênero e heterossexual, consegui ter uma certa familiaridade e possibilidade de presença no ambiente masculinizado do futebol desde criança. E isso facilitou, sem sombra de dúvidas, a minha entrada no campo durante o período de pesquisa. Sobre performatizar os caracteres da masculinidade hegemônica durante os jogos, na maioria das vezes esse meu lugar me coloca em posição confortável para continuar performatizando essas situações. Muitas vezes por mais que eu tente tentar evitar xingamentos de tom homofóbico com os adversários; evitar comportamentos misóginos e agressivos nesses ambientes, eu me percebo imerso num ambiente de emoções e passional, às vezes me afeto e acabo não racionalizando antes de xingar.

Então, eu acredito que o meu lugar de fala me faz privilegiado pois estou dentro da normatividade esperada. Contudo, mesmo estando nesse lugar, tenho por intenção de tensionar esse mesmo privilégio e local e repensar o meu lugar dentro desses campos. Para a questão do lugar de fala generificado eu era alguém *outsider*, já para o caso de ser um torcedor eu era *insider*, mas *outsider* por não ser organizado. Creio que durante toda a pesquisa essa tensão entre *insider/outsider* assim como a de pesquisador/torcedor, se fez presente em diversos momentos. São fronteiras que se borravam em determinadas situações, e em outras se impunham.

Eu fui para o pátio interno da torcida, onde haviam muitas pessoas sentadas em cadeiras de plástico e outras tantas em pé, conversando, comendo e bebendo, me encostei na parede e ali fiquei por quase 30 ou 40 minutos, a esperada da chamada. Eu estava mais na minha, por não conhecer ninguém ali e por estar adentrando nesse mundo dia-a-dia dos organizados agora. Parecia que algo me travava e eu não conseguia puxar nenhuma conversa boba com ninguém ali, não sei se medo, inexperiência. Não sei, isso me incomodaria durante o dia todo.³¹

Em algum momento, quando se aproximava das 15h, encontrei Clóvis e ele disse para eu falar com o Carlos sobre o ingresso. Falei com Carlos e ele disse que eu só pegava no estádio. Depois, foi anunciado pela banda de forró que estava tocando que em meia hora todos os ônibus sairiam para o jogo. Eu fui lá para fora esperar o meu. Tempos depois descobri que o meu ônibus

³¹ Diário de Campo, 12/02/2017.

levava faixas e bateria e já tinha ido pro estádio. Agora os retardatários teriam que se dividir entre os dois ônibus que já levariam uma certa quantidade de torcedores que tinham vindo nesses. Depois de uma certa espera e agonia pela proximidade da hora da partida, fomos para o outro ônibus.³²

Saí daquele setor, voltei uns dois setores e cheguei ao Setor Alvinegro. O nome da torcida se confundia propositalmente com o setor. Ali, músicas eram cantadas e pessoas pulavam e incentivavam o time. Procurei um lugar e ali fiquei, obviamente em pé como todos que estavam ao meu redor. E o mais engraçado da situação é que dois dos meus interlocutores ali estavam. Da parte do primeiro tudo bem, afinal ele é componente da torcida Setor Alvinegro e, como essa é uma torcida diminuta, ele estava ali com os seus. Esse primeiro era Jefferson. O segundo, era Fabinho e a sua presença ali era sui generis pois ele, como membro da Cearamor, supostamente assistiria jogo com seus pares ali na sua torcida. E ele estava em outra torcida vibrando e torcendo. Me posicionei exatamente ao seu lado e falei com ele logo que cheguei.

Joaquim: - Bé isso man, foi pra TOC hoje não?

Fabinho: - Fui nada cara, nosso ônibus chegou atrasado, só às 9, aí não deu tempo da gente ir pra lá.

Joaquim: - Ah eu vi, na hora que eu entrei a polícia tava fechando várias entradas, inclusive a da Cearamor, fiquei sem entender.

Fabinho: - Pois é, aí como tava fechado lá tivemos que vir aqui pro outro lado. Aí eu tô aqui no Setor. Tu é dessa torcida?

Joaquim: - Sou não, sei algumas músicas e tudo, conheço algumas pessoas, mas não sou da torcida aqui não.

Fabinho: - Ah, massa!³³

Nas duas primeiras cenas, ainda numa etapa em que estava me familiarizando mais de perto e conhecendo melhor os ritos das organizadas, eu parecia ser alguém totalmente de fora e isso me mexia comigo também, provocando inclusive uma certa timidez dentro do campo. Já na última cena, ocorrida numa fase posterior do trabalho, eu já estava melhor aceito dentro do universo e mais próximo dos meus interlocutores, conseguindo travar mais conversas e também estar ali de forma mais legitimada. Parecia que eu, mesmo supostamente iniciado, ainda não tinha sido tão afetado pelo campo como depois viria a ser. Como Favreet-Saada (2005) conta sobre sua experiência com a feitiçaria na região do Bocage na França, seus interlocutores só resolveram quebrar o gelo com ela a partir do momento em que ela foi afetada pela magia. Ela fez da “participação um instrumento de conhecimento”, se deixou levar pelo campo e, posteriormente, trabalhou com os dados e experiências que tinha vivido para elaborar a sua pesquisa. Sabendo que o tempo de exigência acadêmico dentro de um curso de Mestrado no Brasil hoje é reduzido, seria impensável um empreendimento como o da antropóloga francesa nesse espaço na Academia hoje, contudo, a partir dessa

³² Diário de Campo, 12/02/2017.

³³ Diário de Campo, 02/06/2017.

experiência é possível ter contato com *modos de fazer* inusitados e que consigam dialogar com o que o campo pede que seja sentido.

De acordo com Velho (1981, p.126), “o que *vemos e encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*”, dessacralizando, assim a ideia de que o que está próximo já é do nosso conhecimento. De acordo com Molotch apud Becker (2007), o trabalho do sociólogo deve ser o de caminhar pelo mundo:

Sociólogos com frequência não conhecem nenhum mundo fora de seu próprio círculo acadêmico e familiar diário; não fazem ‘ponto’ nas salas de pregão de *commoditie* [...] em igrejas pentecostais ou em clubes de golfe exclusivos. Reuniões de comitês, cargas de aulas, revisão pelos pares e escrita de ensaios como este são a ocupação principal, deixando pouco espaço para caminhar através do mundo (MOLOTCH apud BECKER, 2007, p.35).

Sendo assim, concordo com os autores supracitados e creio ser fundamental para o “*metiér*” sociológico se deixar conhecer e ser conhecido no mundo, andar à toa como um *flanêur* de Baudelaire e se deixando afetar e ser afetado pelo que o cerca.

2.3 – Metodologias escaladas para a empreitada

Sobre a experiência de campo, tendo em vista nunca ter realizado nada parecido com uma etnografia durante a graduação tive que buscar uma fonte de saber teórico e prático sobre o tema. Assim sendo tive que buscar tais caminhos para que pudesse construir bases metodológicas e teóricas mais sólidas. Sobre o tipo de proposta etnográfica que proponho nessa dissertação, trago a definição de Eckert e Rocha (2008):

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ECKERT; ROCHA, 2008).

A pesquisa se configura como qualitativa a partir de um olhar mais localizado, mais voltado para o âmbito das experiências dos atores e suas práticas. Realizei contato com os interlocutores através de observação participante³⁴ e entrevistas

³⁴ Sobre observação participante procuro buscar o sentido de Becker e Geer (1969, p.322), que diz: “Por observação participante nós entendemos aquele método no qual o observador participa na vida diária das pessoas sob estudo, seja abertamente, no papel do pesquisador, seja de forma encoberta, através de um

presenciais semiestruturadas³⁵ em profundidade. Ao todo foram realizadas 11 entrevistas com 6 sujeitos³⁶ diferentes no período de dezembro de 2016 a maio de 2018. As incursões em campo se deram através de presença em jogos do time em questão (Ceará), viagem com a torcida organizada³⁷, presença em seminários de torcidas, presença em eventos sobre a temática torcida organizada. Para uma melhor compreensão de minhas incursões ao campo, detalharei esses dados numa tabela.

Tabela 1: Idas ao campo

Incursões	Idas à jogos	Viagens com a torcida	Presenças em seminários sobre torcidas organizadas	Entrevistas realizadas
Quantidade	40	1	5	11

A escolha pela abordagem com entrevistas se deu pois essas são “utilizadas como um recurso para entender como os indivíduos decifram o mundo social e nele agem” (MAY, 2004, p.169) e a adoção de formato semiestruturado se deu porque ele possibilita, segundo Piedade Lalanda (1998, p.875) entrar no “universo subjectivo do actor, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história”. Então, se esses significados são pertinentes à vida dos sujeitos, estes também fazem sentido dentro do mundo social e resultam de interações tanto com outros sujeitos, quanto com estruturas sociais.

papel dissimulado, observando as coisas que acontecem ouvindo o que é falado e questionando as pessoas no espaço de algum tempo.

³⁵ Configura-se como semiestruturada ou semidiretiva a entrevista que não é totalmente aberta e nem direcionada por um número de perguntas preciso. “Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber alguma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, <<deixará andar>> o entrevistado para que esse possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objectivos para vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar às perguntas as quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível” Cf QUIVY e CAMPENHOUDT (2005, p.192).

³⁶ Todos os entrevistados correspondem ao perfil de torcedores e torcedoras organizados de clubes de Fortaleza (4 do Ceará, 1 do Fortaleza e 1 do Ferroviário); todos são membros ativos de suas respectivas torcidas; e estão na faixa etária de 20 a 40 anos.

³⁷ A viagem em questão foi realizada para a cidade de Itapipoca, para assistir partida válida pelo Campeonato Cearense 2017.

Todas as entrevistas foram previamente marcadas e agendadas com os entrevistados e aconteceram baseadas na disponibilidade de horário e de data dos interlocutores, fato que acabou por provocar um distanciamento temporal entre algumas entrevistas. Como acontece em qualquer empreendimento, alguns sujeitos se mostraram como mais acessíveis e disponíveis para contribuir com o trabalho de pesquisa do que outros, mas nada que viesse a atrapalhar o processo de coleta de dados. Quase a totalidade das entrevistas foram gravadas, com a exceção de uma em que a entrevistada preferiu que não fosse. Em todas pedi o consentimento dos entrevistados, lembrando que os dados informados só teriam utilização para fins acadêmicos e garantindo o anonimato para todas essas pessoas. Os locais em que as entrevistas foram realizadas variaram desde a casa dos entrevistados até locais públicos como faculdades e praças.

O contato com alguns dos sujeitos se deu através de uma “rede de relações previamente existente e anterior à investigação” (VELHO, 2003, p. 12), formada por conhecidos e amigos, que me indicaram pessoas as quais eu poderia ter interlocuções dentro das torcidas organizadas locais. Através dessas pessoas indicadas, pude adentrar nesse universo, transformando alguns em interlocutores-chave de pesquisa, aqueles que me dariam acesso e informações privilegiadas por terem um trânsito privilegiado tanto dentro da organização como entre os seus pares. Tendo em vista não me constituir como um torcedor organizado, embora para alguém de fora, mesmo que na condição de torcedor isso possa parecer uma proximidade, em alguns momentos no campo, isso mostrou distância. Para lidar com essas questões é preciso que se faça presente no campo e rotinize a presença para que os sujeitos fiquem mais à vontade com a minha estada naquele lugar.

A presença etnográfica na dinâmica social das pessoas dos grupos em enfoque, tem por intenção a busca de dados e fragmentos que servem como base para o trabalho do pesquisador. Trazendo à tona a metáfora feita por Ginzburg (1989), assim como Sherlock Holmes na sua caça por pistas que o levem até a descoberta de um crime, o antropólogo faz essa procura no sentido de tentar interpretar as interpretações das experiências, segundo nos fala o antropólogo já supracitado Clifford Geertz (2014), dos nativos sobre alguma determinada questão.

A natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o

qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido” (MAGNANI, 2002, p.17).

As narrativas observadas por meio do diário de campo, de entrevistas e outras formas de experimentação devem ser entendidos dentro do contexto da pesquisa e analisados de forma que eles não falem o que o pesquisador está querendo dizer, com as palavras do entrevistado, e sim tentar captar a essência do que os sujeitos compreendem e vivenciam e transpor isso através de palavras. Não é uma tarefa fácil que se põe por sobre os ombros da pesquisa, mas com criatividade, pesquisa, inventividade e sentidos atentos ao campo, é possível que se consiga extrair bem o que ele tem a oferecer.

3. QUANDO O TRABALHO ENTRA EM CAMPO: DESVELANDO O OBJETO

Sobre o trabalho de campo propriamente dito, foi iniciado no final de 2016 e continua se desenvolvendo até os meses atuais. Antes de ir a campo fiz observações preliminares de caráter exploratório, em jogos do Ceará Sporting Club e também em bares e restaurantes, locais que também fazem parte do dia-a-dia do torcedor de futebol. Desde o início a ideia era fazer campo dentro das torcidas organizadas do Ceará, tanto por conta do recorte que é necessário para a dissertação, quanto pelo motivo o qual partilho, como torcedor do clube, de um conhecimento prévio como *insider* nesse mundo de torcedor da agremiação. Ao mesmo tempo me faltava proximidade com pessoas das torcidas organizadas, pois, apesar de ter comprado materiais de torcidas na adolescência, nunca fui filiado a nenhuma, e isso fez com que meu acesso até essas pessoas necessitasse de alguns passos prévios.

Meus contatos iniciais foram com a Torcida Organizada Cearamor através de uma ligação telefônica, feita no início de dezembro de 2016, na qual contatei a torcida e comentei sobre minha vontade de pesquisa com os membros da mesma, e me foi passado o contato de um dos diretores da Torcida, para que entrasse em canal direto com o mesmo. No dia seguinte o procurei, liguei para ele, que se mostrou interessado

para com a pesquisa e então depois de umas ideias trocadas via *WhatsApp*³⁸ marcamos o contato presencial inicial.

A ideia da escolha pela Cearamor é tanto pelo seu tamanho como pela sua importância perante ao clube. A torcida é a historicamente mais antiga e que ainda permanece na ativa em prol da equipe. Também é a que costuma ocupar um espaço maior na arquibancada em jogos, e tem ramificações e subdivisões (comandos e regiões) que abrangem a cidade toda e até extensões fora do perímetro urbano (a torcida também tem sedes e representantes no interior do Estado e em outros estados do Brasil). Mas, não estou restringindo os meus interlocutores apenas à esta torcida, entrevistei durante a pesquisa membros de outras organizadas do clube, e até mesmo de outros times rivais, pois creio ser rico para a pesquisa essa diversidade opinativa.

Organizei uma tabela detalhando o perfil dos entrevistados e algumas informações relevantes acerca dos sujeitos de pesquisa, sobre as quais aprofundarei melhor ao longo da dissertação.

Tabela 2: Perfil dos sujeitos da pesquisa qualitativa

Nomes	Profissão	Bairro	Torcida	Tempo de contato com o pesquisador
Fabinho ³⁹	Decorador / Empregado doméstico	Edson Queiroz	Cearamor	2 anos
Clóvis	Professor	Metrópole	Cearamor	2 anos e meio
Milena	Estudante	Não informado	Cearamor	3 meses
Jefferson	Técnico de informática	Dias Macêdo	Setor Alvinegro	1 ano
Cláudio	Professor	Aldeota	Resistência Coral	1 ano
Luciana	Recepcionista	Parreão	Leões da TUF	20 dias

³⁸ Rede social virtual criada no ano de 2009 por um engenheiro norte-americano, Brian Acton e um programador ucraniano, Jan Koum. O aplicativo funciona a partir da troca de mensagens instantâneas entre seus usuários, de forma gratuita utilizando apenas os dados de internet do telefone. Nele também é possível a troca de mensagens de áudio, vídeos, chamadas de vídeo e telefônicas. O aplicativo é o mensageiro mais popular do mundo, com mais de 1 bilhão de usuários ativos por dia, e o Brasil é um país que utiliza o app para as mais diversas finalidades como contatos profissionais também, além de diversão. C.f. Kleina (2018).

³⁹ Todos os nomes de interlocutores utilizados nesta dissertação serão fictícios para preservar a identidade dos personagens envolvidos.

3.1 – Os bailes e os bairros

As divisões internas dentro das organizadas tem raízes vindas diretamente do final dos anos 1990 e início dos 2000. Naquele período, faziam muito sucesso na cidade de Fortaleza os bailes funk, que arrebatavam multidões de jovens que transitavam e nomadizavam de um lado a outro da cidade em busca dessa diversão. A presença desses jovens nos bailes se dava muito mais do que apenas para curtir o som ou paquerar, muitos deles integravam grupos de galeras e gangues ligadas ao bairro, que marcavam o seu espaço geográfico nesses locais e se envolviam em conflitos com juventudes de outros bairros.

A diversão estava totalmente ligada ao confronto, se este não existisse algo estava errado. Os bailes eram organizados em diversos locais ao longo da cidade, a maioria deles de periferia, e neles os jovens extravasavam diversas emoções. O espaço do local era dividido entre o lado A, a um canto do ambiente, a divisória policial no meio e do outro lado o lado B, fazendo valer uma dinâmica da diferença: se eu sou do lado A, quem tá aqui do nosso lado é amigo e quem tá do outro lado é inimigo, e vice-versa. Ao longo da noite, as galeras divididas se espremiavam contra a linha que os separava e tentavam adentrar um o território do outro para brigar e exercer a sua masculinidade (SOBREIRA FILHO, 2014, p. 39).

A antropóloga Glória Diógenes estudou de perto o dia-a-dia desses participantes de bailes e via esses embates “como uma das possibilidades da festa, como potência de dissolução de limites, pactos e fronteiras; como lugar de instituição de outros limites, pactos e fronteiras. Transições do corpo, metamorfoses da cidade” (DIÓGENES, 2003, p.48). Se, para Duvignaud (1983, p.31), a festa era “subversão exaltante”, era isso que esses jovens buscavam. Sair do espectro de invisibilidade social por alguns momentos, aparecendo para o resto da cidade com seus corpos e territórios que se desterritorializavam em diversos outros locais.

Eu lembrava dos bailes e tinha um debate pra acabar com os bailes, e aí um dia eu fui pro jornal, até um coronel me perseguiu muito na época, eu falei que eu era contra o fechamento dos bailes porque a juventude já naquela época a gente saía das Quadra aqui na Aldeota até o mei do Antônio Bezerra, ia e voltava a pé cruzando um monte de favela rival na época e era treta, ia lá curtir o baile, chegava lá tinha um corredor, voltava de novo. Chegava lá e: “Negada, num dá pra acabar com isso, num tem como acabar com isso. Vai fazer o que mandar pra outro planeta? Pra outra cidade? O que é que vai fazer, vai matar todo mundo?” E eu era contra porque eu quis chegar a conversar com os donos de equipe na época “Arroz com fumo”, “Turma do Circuito” pra tentar conduzir aquilo ali pra uma parada que não fosse só vender ingresso. E muitas vezes a briga era tolerada dentro do baile porque se as Quadras levasse 50 e a gente passasse mal no baile, na outra nós ia levar 100, chapa. Num tinha jeito, ia ter que ir 100 e quem não fosse, era espirrado

do Bonde das Quadras, não tinha jeito. Então os caras do baile, os donos, viram naquela indústria vender aquela treta porque dava mais ingresso. Então a gente conversava com eles pra tentar construir uma agenda que é mais ou menos parecida com o que a gente quer conduzir pras torcidas de a gente direcionar essa energia para algum lugar que não fosse somente a nossa autodestruição. E eu lembro aqui que não é à toa que as torcidas cantam e a bateria é de funk, pra você ver como foi a origem das torcidas lá, porque os gritos das torcidas a galera trouxe de dentro do baile pras torcidas. Só que quando os caras deram o xeque-mate e acabaram o baile funk, a treta que era só no baile do final de semana passou a ser no terminal, passou a ser na praia, passou a ser na rua e explodiu também dentro do estádio em uma proporção, lógico que quando a gente se matava nas praias, no baile normal, não, porrada começou a comer dentro do estádio a imprensa tomou um susto, a cidade toda tomou um susto (Informação Verbal)⁴⁰.

No início da década de 2000, os bailes funk foram proibidos de acontecer em Fortaleza por ordem judicial. A interdição se deu por conta de uma morte que havia acontecido, sendo o estopim para que os juízes declarassem o fim desse tipo de atividade. Qualquer semelhança com a atualidade e a justiça declarando o fim de torcidas organizadas não é mera coincidência⁴¹. E o que aconteceu a partir disso? Muitos dos jovens que participavam desses grupos que iam constantemente pros bailes passaram a fazer parte em massa das organizadas locais. Segundo Josiane Ribeiro (2011), a partir daí a configuração das T.O.'s locais mudou bruscamente, por dois sentidos:

Primeiro, a interdição dos bailes não implicou a dissolução das significações organizadoras das sociabilidades que lhes eram características; segundo, com o fim dos bailes, todo aquele contingente juvenil que os frequentava migrou para as torcidas organizadas, com a mesma demanda por poder e enfrentamento. E eles migraram organizados, levando consigo seu espírito de exército. A partir de então, não era mais o baile o princípio organizador destas alas, ou seja, não era mais a divisão entre os 'lados' A, B e C, que determinava a geopolítica dos bairros, mas sim o critério do pertencimento a uma determinada torcida (RIBEIRO, 2011, p.170).

Então, hoje ainda perpetuam-se nas torcidas essas divisões baseada em territórios. Se na época de pesquisa de Ribeiro (2011) e Diógenes (2003) os sistemas de divisão da Cearamor eram alas ou bairros, hoje a categoria chama-se comando e também região. Os comandos correspondem aos bairros em específico (Comando João

⁴⁰ Fala de Preto Zezé, presidente da CUFA Global (Central Única das Favelas) e rapper, em mesa temática "Futebol Moderno e suas opressões", dentro da programação da Bienal do Livro do Ceará, em Fortaleza, em abril de 2017.

⁴¹ Desde o começo dos anos 2000, quando houve a primeira morte relacionada às torcidas organizadas cearenses, vez ou outra autoridades locais como Ministério Público ou a própria mídia, cobram punições e até mesmo a extinção das torcidas organizadas do Estado do Ceará. Em março de 2018, ocorreu uma chacina no bairro Benfica, provocada por facções criminosas e que vitimou diversos membros de torcidas organizadas. Dias depois o MP-CE proibiu a atuação das torcidas e pediu o fim dessas instituições. C.f.: APÓS (2018).

XXIII ou Comando Montese, por exemplo), e regiões a partes maiores da cidade, que englobam vários comandos (Região Norte, Região Leste). Como não poderia deixar de ser, essas fronteiras acabam tendo diferentes conotações dependendo do contexto, vejamos:

Ao adentrar no estádio, escuto logo um grupo de torcedores reunidos gritando: “Uh é Rosalina! Uh é Rosalina!” e assim eles sobem a arquibancada, falando pra todos com orgulho o nome do bairro de onde eles vêm.⁴²

A chegada se misturava numa chuva que caía do céu, com os cânticos empolgados que vinham dos bairros chegando, fazendo-se ecoar pela cidade com seu corpo e seus sons. Desde “Uh Cearamor” até “Região Sul, ô”, as músicas não paravam de aparecer e demarcar esses territórios, que se não eram os seus de origem, já tinham se transformado desde a chegada na sua casa temporária.⁴³

Joaquim: Castelo Encantado é Cearamor também né?

Fabinho: É Cearamor e tem TUF lá.

J: Mas eles lá num são meio que rival não?

F: É, lá eles num são rival não. Um fala com o outro. Quando tem festa na quadra lá, festa do Ceará, os meninos fica andando, ninguém mexe. Eles também num mexe. É respeito entre eles.⁴⁴

É comum de visualizar muitos meninos das organizadas já cantando nos trajetos, nos ônibus indo para o jogo, e também indo e voltando dos terminais. Na chegada ao estádio também esses gritos são evocados, ritualisticamente falando, demarcando seus territórios e falando para todo mundo de onde são suas filiações. Não importa se de onde venha existem problemas, a ideia é enaltecer os seus locais originários. E além dessas encenações, que costumam juntar vários torcedores que pulam e gritam o nome de seu comando ou alguma música relativa a este, temos essas divisões dentro dos próprios bairros. No Castelo Encantado, como disse Fabinho, ambas as torcidas compartilham de um mesmo território e uma respeita a outra, talvez por entender sua noção de convivência com ideias em comum, de vivenciarem uma realidade semelhante, mais aguçada do que a própria noção de rivalidade extrema acima de tudo.

⁴² Diário de Campo, 22/01/2017.

⁴³ Diário de Campo, 12/02/2017.

⁴⁴ Entrevista com Fabinho, membro da Torcida Cearamor.

3.2 - O estigma de ser um torcedor organizado

Bem, quando do momento de minha primeira entrevista com Clóvis, diretor da TOC, o time não estava mais disputando nenhuma competição. O Campeonato Brasileiro da Série B já havia acabado com o time amargando uma insossa décima posição. Nos últimos jogos da temporada o time já não tinha mais chance de subida nem de descida⁴⁵, o que fez com que o público fosse diminuto e os ânimos esportivos ficassem em baixa na torcida alvinegra. Tinha iniciado uma observação exploratória mais direcionada nos 2 últimos confrontos do time no campeonato em casa, além de outros que já tinha visto antes. Clóvis havia acabado de voltar do Rio de Janeiro, onde participara do V Seminário Nacional de Torcidas Organizadas. Por não estar tão por dentro daquele cotidiano e não estar tão familiarizado com os passos dos meus interlocutores, não soube que iria acontecer esse evento, pois se tivesse esse conhecimento prévio teria tentado participar, pois não fazia muito tempo também que havia retornado das terras cariocas.

Poucos dias depois que fizemos o contato inicial, virtualmente, conseguimos marcar uma entrevista para um dia de sexta-feira no horário da tarde. Combinamos um encontro na própria universidade, no campus onde estudo, já que Clóvis conhecia o espaço por ter anteriormente participado de outro evento ali. Sugeri que poderia ser em algum outro lugar que ele quisesse, como na sede da torcida ou em sua casa, mas ele optou que fosse na UFC mesmo. Desde o início, a conversa transcorreu de forma muito tranquila, me apresentei, comentei com ele sobre a pesquisa, expliquei que se tratava de algo sobre as suas vivências e experiências como torcedor. Ele de forma nenhuma foi contrário à gravação e disse que eu poderia ficar à vontade para agir como considerasse melhor na situação. Ele não era um total desconhecido dos procedimentos, visto que já tinha sido Relações Públicas da torcida no passado e também era professor de história com especialização, então conhecia alguma das técnicas de entrevista e de coleta de dados as quais estava ali participando.

Nos anos 90 eu era o Relações Públicas da Cearamor, que hoje você não tem, hoje é aquela ideia das Redes Sociais, rapidinho você tem um contato, a

⁴⁵ Em 2016, o Ceará estava disputando o Campeonato Brasileiro da Série B. Ao final do campeonato, 4 times sobem para a Série A e 4 times descem para a Série C, essas são as chances de subida e descida a que me refiro na oração.

gente, depois você pode fazer uma análise sobre essa documentação, era assim, 15 dias pra ter um contato com uma torcida de fora.⁴⁶

De acordo com sua trajetória, a qual ele estava me falando, dentro da torcida, desde cedo ele conseguiu ter alguma função importante dentro desta, pois entrou no início da década de 90 na torcida e poucos anos depois já estava na diretoria e também trabalhando como RP. Futuramente, ele viria a cursar História numa universidade estadual e também viria a ser professor da rede pública de ensino do Estado. Além de ser um dos atuais representantes da torcida na ANATORG⁴⁷ e ser uma pessoa que hoje em dia se informa sobre a temática de torcidas através de livros, participa de eventos e palestras sobre o tema, muitas vezes integrando a mesa. Essa sua ascensão social dentro da torcida não necessariamente significa uma não estigmatização fora dela, pois o mesmo interlocutor me contou que costuma sofrer preconceito dentro de alguns estabelecimentos, assim como na rua, quando está com a camisa de torcida e ainda por ser uma pessoa que se autoafirma como negro, também, juntando as duas esferas de exclusão.

O termo estigma foi criado pelos gregos e fazia referência às marcas corporais que denotavam sobre o status moral negativo (de escravo ou traidor, por exemplo) de quem as carregava, posteriormente o significado da expressão foi expandido no Império Romano e Idade Média e passou a se referir também a quem tinha alguma deficiência física (GOFFMAN, 1988, p. 5). Para o antropólogo canadense Erving Goffman, estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p.4) e existe uma série de expectativas e exigências de atributos que vemos como normais para o outro em um grupo dentro de uma relação social, o que se chama de identidade social virtual; e esses caracteres quando mensurados na concretude são chamados de identidade social real. O estigma ocorre quando há discrepância entre a primeira e a segunda identidades.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma,

⁴⁶ Entrevista com Clóvis.

⁴⁷ Associação Nacional das Torcidas Organizadas. Instituição surgida em 2014 com o intuito de buscar “reverter o cenário desfavorável às torcidas organizadas” no Brasil no período. A reversão referida pelos *organizados* é a da fama de violentos, brigões, de vagabundos semeada muitas vezes por mídia, poder público. Posteriormente adentrarei mais na temática dessa associação.

especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1988, p. 6).

O estigma pelo qual meu interlocutor costuma passar tende a ser recorrente para com outros torcedores organizados segundo outros depoimentos outros torcedores, desorganizados e organizados, além de algumas matérias midiáticas⁴⁸ que batem nessa tecla. Clóvis, no entanto, mesmo sofrendo isso na pele, reiterou em diversas conversas comigo e também com outras pessoas os quais pude ver, que não tem vergonha de pertencer a essa instituição, muito pelo contrário, pois ele “não conseguiria ser um educador, um professor, se não tivesse tido essa base, de dialogar com todos os segmentos sociais, é essa base que facilita pra ter um diálogo”. Ele ainda costuma dizer que só teve a oportunidade de conhecer um país do exterior por ser de organizada, fazendo referência a uma viagem que torcedores organizados cearenses, cariocas e paulistas, em conjunto com sociólogos, empreenderam em 2014, em convênio com o governo alemão, num intercâmbio em que torcidas daqui foram para lá, e as de lá vieram para cá. O intuito da viagem foi a troca de experiências e informações acerca de como se dão os processos do torcer, mediante a regulamentação estatal e dos clubes. Inicialmente, torcedores alemães dos times Borussia Dortmund, Fortuna Düsseldorf, Hertha, Union Berlin e Augsburg estiveram em Fortaleza/CE (BRAGA, 2014), em parceria da prefeitura da cidade com a Agência de Cooperação Internacional de Políticas Públicas do Governo Alemão (GIZ). Aqui na cidade, estas pessoas foram recebidas pelas torcidas organizadas locais do Ceará (Cearamor e MOFI) e do Fortaleza (TUF e JGT). Além de visitarem as sedes das torcidas, os estrangeiros puderam ter conhecimento acerca dos projetos sociais feitos pelas organizadas brasileiras. Dois meses depois, alguns organizados brasileiros viajaram para excursão semelhante nas cidades alemãs que tinham mandado representantes para o Brasil. A oportunidade surgiu através da mesma parceria que possibilitou a estada dos alemães aqui. Em diversas vezes que estive em contato com Clóvis, ele sempre lembrava dessa viagem e de como ser torcedor organizado o proporcionou isso, e, segundo ele, a probabilidade de vivenciar isso se não participasse desse tipo de agremiação era quase nula. Ainda de acordo com ele, e que também foi algo apontado por outros membros da ANATORG

⁴⁸ É possível encontrar diversas matérias sobre o tema em sites especializados em esportes, como colunas esportivas de jornais. Muitos desses escritos criminalizam as torcidas organizadas e as colocam como culpadas pela violência no futebol brasileiro. Ver Valadares (2014) e Pereira (2013).

que pude visualizar em depoimentos virtuais, a ideia de criação da instituição surgiu também após esta troca de saberes.

Depois do contato com o primeiro interlocutor, pude conseguir com o mesmo, outros canais de interação com membros da torcida que pudessem colaborar também na pesquisa. Naquele momento ele já se apresentaria como futuro interlocutor-chave do trabalho, pois a sua presença tanto me facilitara a chegada nos outros através de sua rede de relações, como também ele seria a minha ponte com outros segmentos como ANATORG e ainda com eventos que posteriormente entrariam no campo também, que foram seminários e eventos organizados por poder público, clube ou outras instituições. Nesses eventos pude enriquecer o campo, ver outros atores em jogo também falando sobre, além de trocar ideias com torcedores, profissionais do esporte, professores.

3.3 – Quando o poder público dialoga com as torcidas: eventos envolvendo organizadas e outros atores

Depois da virada do ano, pude dar prosseguimento ao campo agora com a presença nos estádios. Antes do primeiro jogo de fato acontecer, uma semana antes, o Ceará Sporting Club sediou um evento em suas dependências intitulado “I Seminário de Torcidas do Ceará S.C. – A paixão nas arquibancadas em prol do glorioso”. O evento foi organizado coletivamente tanto pelo clube, quanto por algumas torcidas, principalmente às ligadas à Associação de Torcidas supracitada, e tinha como intenção mostrar um diálogo do clube com os seus adeptos antes do início das competições do ano que viria a seguir. Isso apenas no discurso. Com as evidências empíricas percebidas naquele local, observei no discurso de muitos personagens que fazem o futebol, uma culpabilização de inúmeras situações ruins do futebol colocadas apenas para as torcidas, que só foram ter espaço para falar na segunda mesa, de 3 que aconteceram. E em outro evento que fui posteriormente, na semana seguinte a este, a mesma tônica seguiu, várias autoridades (polícia, bombeiros, ETUFOR, advogados) apontando diversos problemas nas torcidas enquanto a paridade numa mesa nem acontecia, até possíveis respostas ficavam difíceis com essa dinâmica, com os *organizados* tendo apenas o momento das perguntas para possíveis resoluções ou perguntas no que concerne ao que estava sendo dito pelas pessoas lá na frente.

Dentre algumas considerações sobre o evento do I Seminário, pude notar que a sala não era muito grande, mas estava lotada com a efervescência de um público eminentemente masculino (cerca de 70% dos presentes), com a participação de membros de muitas torcidas organizadas e grupos de torcedores do clube, todos devidamente uniformizados com suas roupas distintivas. Na minha situação se dava como um dos poucos ali que era torcedor, mas não vestia camisa de torcida alguma e sim do time. Além de um policial que participaria do último painel da manhã, estavam presentes outros PM's fardados e armados, que eram um número de 4 agentes da lei e sentavam-se bem atrás de onde estava situada a minha poltrona. Também foi comentado pelo mediador, o membro da TOC intitulado Buiú, que o evento era pioneiro no futebol local. Da primeira mesa, que tinha como tema: "A importância das TO's no cotidiano do Ceará Sporting Club e arenas esportivas" bastante se falou que os torcedores causam danos ao equipamento do Castelão, quebrando as cadeiras, que sai um custo caro para o clube, e foi dito que se precisava "educar o torcedor para a nova arena", além de Geraldo (Representante das torcidas na diretoria do clube) ter parabenizado as lideranças das organizadas por acreditar que estas fazem um trabalho para o bem do clube e da torcida. Na segunda mesa intitulada "A presença feminina nas torcidas organizadas do Ceará Sporting Club e apresentação da ANATORG" destacadamente se comentou sobre a associação, fazendo-se conhecer para quem ainda não sabia direito como esta atuava, e pouco se falou sobre a tal presença feminina na torcida alvinegra. Luana, uma torcedora organizada dos Cangaceiros presente na mesa, apenas comentou que o público feminino vem aumentando no estádio nos últimos anos e disse sofrer preconceito e piadas em relação a futebol, como perguntas sobre a regra do impedimento, mas não entrou em mais detalhes. Maria Sobral⁴⁹, torcedora-símbolo e que já passou por torcidas como a antiga Glória Alvinegra e a Cearamor, além de fundar o Projeto Ceará 2000, permaneceu em silêncio e não falou praticamente nada na mesa, além de dar destaque aos seus marcos históricos que citei nas últimas linhas.

A última mesa, intitulada "Prevenção da violência nos estádios cearenses e a mídia como canal de informação para o torcedor", teve a presença do Tenente Marcelo da Silva (Batalhão de Policiamento de Eventos/PM-CE), Inspetor Alencar (Guarda

⁴⁹ Maria é funcionária pública, atua dentro do clube atualmente como Coordenadora da Torcida Feminina do clube. Sobral é conhecida por acompanhar o time tanto nos jogos em casa como fora de casa, viajar para jogos, fazer campanhas de melhora e ajuda para o clube, mas também pela sua participação constante como ouvinte ativa em programas de rádio locais, principalmente no gênero esportivo.

Municipal), João Paulo (jornalista setorista do clube) e Raimundo Silva (Coordenadoria de Políticas Públicas de Juventude do Governo). O NUDTOR⁵⁰ do Ministério Público foi convidado a participar mas não se fez presente na mesa, nem setores da grande imprensa, apenas o setorista do clube numa pequena emissora. As falas de Marcelo foram no sentido que os torcedores precisam “se conscientizar e ir ao estádio com o intuito de torcer para o seu clube, não adiante irem para lá no intuito de arranjar confusão que as forças policiais responderão”, disse ainda que “o presidente da torcida tem papel fundamental no quesito de prevenção dos torcedores” e que “muitas vezes o torcedor pede pra levar bala de borracha”. O representante da Guarda usou pouco da palavra, apenas comentou que faziam a segurança nos terminais de ônibus; já o jornalista criticou a imprensa num tom mais incisivo, dizendo que “o produto briga costuma vender muito, mas que essa mesma imprensa deveria vender o produto educação”. João Paulo também se colocou à disposição para divulgar o que considera situações positivas sobre o futebol para os torcedores em geral, incluindo os *organizados* e disse que “essa ideia que o torcedor organizado é vagabundo precisa ser mudada”.

O representante do poder público, Raimundo, fez loas às torcidas organizadas, disse que elas fazem parte da cultura do futebol brasileiro, e ainda fez uma provocação: “sem as torcidas organizadas, o que seria o futebol?” Criticou o padrão-FIFA e a transformação do futebol em teatro em muitas dessas atuais arenas, e também comentou sobre as iniciativas que tratam os *organizados* exclusivamente sob a ótica da repressão, segundo ele, tais políticas foram percebidas como “falhas e ineficazes”. Frisou que é necessário que se tenha políticas públicas para atender a cultura do futebol e que se estabeleça diálogos com as torcidas organizadas através da pacificação e regulamentação. Ele propôs que se individualize as punições para membros em específico e não para a torcida toda, além de explicar a futura setorização, a qual os estádios locais iriam passar. Agora os setores em que as torcidas iriam ficar seriam exclusivos para elas, com grades de separação ao longo do estádio. Existe também a possibilidade de que nesses setores sejam retiradas cadeiras para que as torcidas possam fazer uma festa do jeito que desejam, inspirando-se no futebol alemão, por exemplo.

⁵⁰ Núcleo de Desporto e Defesa do Torcedor do Ministério Público do Ceará. Foi criado em 29 de junho de 2009.

Uma observação que quase ia me passando despercebida, por não ter tomado nota inicialmente mas que carece de ser lembrada, é que além do silenciamento que ocorreu na mesa a qual me referi anteriormente, durante o encontro, no credenciamento, na hora de anotar o nome dos participantes e de dar o crachá, e também no intervalo no momento de servir os lanches, quem fazia tais atividades eram mulheres. Todas vestidas com a blusa da Cearamor, inclusive uma delas me seria apresentada no final daquele dia, se chamava Milena e era a liderança do Bonde Feminino da torcida. Ela era esposa de um dos diretores da torcida, Carlos, e quando da nossa introdução já me situaram como “a mulher do Carlos”.

Uma semana depois deste evento, outro fato semelhante aconteceu, desta vez tendo como sede a Secretaria de Esporte do Governo do Estado, situada na Arena Castelão. O evento se intitulava: “I Encontro de Torcidas Organizadas do Estado do Ceará: ‘Fale conosco e não sobre nós!’”. Dessa vez quem estava organizando o evento era a secretaria governamental local, além da ANATORG novamente. Em pesquisa que empreendi no *Facebook*⁵¹ da instituição e no seu site, esses encontros, tanto com as organizadas de um respectivo clube, como com as torcidas diferentes de um mesmo Estado estavam sendo realizados e incentivados pela associação, com notícias de encontros em Limeira, Piracicaba, Pará, Rio de Janeiro, São José dos Campos, Piauí⁵². O esqueleto organizacional desse evento era parecido com o de uma semana atrás, com 3 mesas divididas em um turno, no caso o da tarde.

No evento, estavam presentes torcidas organizadas tanto de times da capital (Cearamor, Força Independente, Ceará Chopp, Setor Alvinegro, JGT, Leões da Tuf, Fortaleza Beer, Falange Coral) quanto do interior (Ita Jovem, Fúria Icasiana). A mesa inicial foi apenas para apresentação de autoridades ligadas ao esporte local, no nível municipal e estadual, como representantes da ETUFOR, Polícia Militar, Guarda Municipal, Ministério Público, Bombeiros, Coordenadoria de Juventude tanto da Prefeitura quanto do Estado. Após estas apresentações, já se iniciou a mesa seguinte,

⁵¹ Rede social virtual, assim como o *Whatsapp*, criada no ano de 2004 pelo estudante de psicologia Mark Zuckerberg, que, juntamente com amigos, o criou a partir de outra rede também desenvolvida por ele chamada de *Facemash*. A rede, que começou como algo restrito ao círculo universitário e permitia a criação de perfis que falavam de si e o compartilhamento de fotografias, ganhou o mundo desde então, somando mais de 2,1 bilhão de usuários e a presença de um sem-número de empresas que anunciam constantemente nessa plataforma. O *Facebook* comprou diversos aplicativos de concorrentes, expandindo sua atuação no mercado de redes sociais virtuais, como o *Instagram* e *WhatsApp*. C.f. Fernandes (2018).

⁵² Cf ATORFLA (2017), EXEMPLO (2017), SEMINÁRIO (2017a, 2017b, 2017c, 2017d).

com a temática “A importância da pacificação entre movimentos de torcidas organizadas para a cultura do futebol no Estado do Ceará”. Como componentes do painel marcaram presença Clóvis (ANATORG), Gustavo Alves (Advogado do Fortaleza E.C.), Jaqueline (Comando Feminino da JGT) e Fabrício (Representante do NUDTOR). A primeira fala foi de Clóvis, que emendou críticas à “abordagem rasa da mídia sobre as torcidas organizadas, muitas vezes desconhecendo o seu lado cultural e social”, segundo ele, a mesma imprensa que costuma elogiar as torcidas de fora do Brasil, critica as locais. Também criticou a instituição Polícia Militar e disse que ela também contribui para a violência “não se pede o fim dela como se pede das torcidas”. Ele reclamou do desconhecimento dos torcedores sobre o próprio Estatuto do Torcedor, e que o papel destes e das autoridades competentes era fazer cumprir o estatuto. Pediu uma punição individualizada para casos de violência, criticou a elitização do futebol mundial e colocou essa como prejudicial para as organizadas e considerou como exitosos os diálogos entre torcidas e autoridades que ocorreram no Ceará em 2016. Gustavo iniciou sua fala fazendo um levantamento histórico das torcidas organizadas e disse que a “responsabilidade de tirar a imagem da torcida de violência é de todos”. Ele também afirmou abertamente que “o STJD é um declarado inimigo das torcidas” e comparou a situação inglesa do final dos anos 80 com a situação brasileira atual e colocou como parâmetro de melhora os “*Football Acts*” lá aplicados que fizeram com que a violência física dentro das arenas esportivas fosse diminuída em níveis altos. Gustavo ainda deu uma declaração polêmica ao dizer que “dirigentes de torcidas sabem quem tá quebrando o estádio”, o que provocou um burburinho em desaprovação da parte dos *organizados* quando ele falou isso.

Fabrício foi o próximo a falar, em nome do Ministério Público e do NUDTOR. O promotor foi incisivo em dizer que muitas vezes as torcidas tentam dialogar com as autoridades mas quando chega no momento do jogo acabam cometendo os mesmos erros e ficava difícil pro MP passar a mão na cabeça. Ele fez muitas críticas às associações por não darem um jeito nos membros brigões e sua fala era muito enrolada, da posição em que me sentava por vezes era difícil compreender o que ele estava falando. Muitos torcedores ouviam o que o promotor dizia e faziam um misto de cara de desaprovação com um descrédito, levando quase em forma de piada, pois ele utilizava muitas expressões do senso comum e coloquiais, que deram um tom jocoso para alguém trajado com terno e gravata. Jaqueline, a quem esperei que fosse fazer a

próxima fala, apenas foi apresentada na mesa, mas não teve o poder da palavra, com a mesa terminando em seguida para que começasse o painel seguinte. O momento que veio adiante foi uma mesa com Raimundo Silva (Coordenadoria de Políticas Públicas de Juventude do Estado do Ceará) e Célio Jorge (Coordenadoria de Juventude de Fortaleza), em que ambos falaram sobre resultados e planos do poder público nas duas esferas sobre a temática das torcidas. O representante municipal comentou sobre o I Campeonato das Torcidas Organizadas⁵³, organizado pela prefeitura no ano de 2016 e que contou com a participação de diversas agremiações dos 3 grandes clubes da capital. A iniciativa consistiu em diversas ações humanitárias como doação de sangue, de carro-pipa para localidades do interior em período de seca, em questionário de conhecimentos culturais sobre os clubes, além de medições da festa feita nas arquibancadas. No final de cada tarefa as “organizadas” recebiam pontuação e também perdiam, caso se envolvessem em episódios de confusão ao longo do ano, tendo assim seus pontos computados ao final do ano, com as primeiras colocadas recebendo uma premiação em dinheiro. Célio mostrou slides sobre a participação dos grupos, com a pontuação final de cada uma e explicando ponto a ponto as atividades. Já Raimundo fez uma fala muito semelhante a que tinha feito na semana anterior na sede do Ceará, mostrou como o Estado pretende promover um “plano de pacificação” dentro dos estádios locais, através de dispositivos como a setorização das torcidas para promover uma cultura de pacificação. No final, muitas perguntas foram feitas pelos torcedores, tendo os alvos divididos. Alguns pediram maiores esclarecimentos da parte de Raimundo sobre a tal setorização, assunto que já era burburinho entre os torcedores organizados desde a semana anterior, pelo menos, pelo que observei e ouvi nos corredores dos dois eventos. Outros queriam uma melhor explicação sobre a contagem de pontos do campeonato de torcidas, pois algumas torcidas ficaram na frente, mas por conta de punições em decorrência de seus atos de violência, segundo a comissão analisadora, perderam pontos e foram prejudicadas na competição. Além disso, os T.O.’s alegavam que tinham pontos faltando para a contagem e que queriam conferir se esses tinham sido computados, principalmente no que competia às doações de sangue.

⁵³ Ver mais em PREFEITURA (2016).

3.4 – Que comecem os jogos!

Finalmente, depois de um tempo de espera chegariam os jogos do clube para que pudesse fazer campo no estádio de futebol. De 12 jogos em casa que o time fez no Campeonato Cearense 2017, fui para 6 jogos, além de um no interior. Não fui para mais jogos porque teve um período em que adoeci e tive que perder alguns, além de ter muitas vezes que estudar à noite para as disciplinas ou fazer trabalhos para o dia posterior, o que também atrapalhou um pouco o meu percurso durante esse campeonato estadual. Ainda estive presente em um jogo do clube na Primeira Liga, outra competição disputada pelo time no primeiro semestre contra times do Sul e Sudeste do Brasil.

Na terceira semana de janeiro, aconteceria um clássico-rei. O jogo é o de maior rivalidade que o Ceará enfrenta, contra o seu rival figadal, o Fortaleza E.C. Era o segundo jogo do Vovô⁵⁴ e o terceiro do Leão na competição. O time alvinegro vinha de uma vitória contra o Maranguape fora de casa na estreia e o tricolor também tinha vencido o Guarani de Juazeiro em casa, mas empatado na no primeiro jogo contra o Ferroviário. Dois clubes que estavam parelhas na competição e quem ganhasse o clássico botaria pressão no outro. Esse jogo também era marcante pois como no novo regulamento do campeonato não teria mais turno e retorno, os dois times só se encontrariam nas fases finais se fossem passando adiante, o que não aconteceria mais em 2017. O clima era de tensão na cidade, como de praxe antes de um jogo desse quilate, e antes do jogo já pude sentir algo que me mostrava o caráter *sui generis* dessa partida.

Ao longo do caminho, quase nenhum trânsito e movimentação normal, com algumas pessoas indo a pé para o jogo e muitos policiais situados ao longo do caminho nas paradas de ônibus. Ao nos aproximarmos do estádio, na avenida Alberto Craveiro próximo a passarela de pedestres, vemos um bom número de alvinegros aglomerados: confraternizando, bebendo e ouvindo o som que vem dos paredões, antes do início da partida. No meio do trânsito, com os vidros do carro aberto era possível sentir um cheiro de churrasquinho assando em meio aos canos de escapamento dos carros. Ao passarmos pela passarela seguimos em frente no carro para fazer o balão, e, em seguida, pegamos a outra mão contrária, para termos acesso ao estacionamento coberto do estádio. Justamente no meio do balão, enquanto esperávamos parados atrás de um carro, vemos pedras voando vindo da nossa esquerda, lado em que estavam torcedores do Fortaleza, e os do lado do Ceará jogando outras de volta nos rivais. Ao vermos e sentirmos a confusão, percebemos que os carros procuravam sair logo de perto e algumas motos também. Pessoas esbaforidas corriam e gritavam de um lado pro outro e alguns motoqueiros desceram de seus veículos e foram pra cima dos rivais (motoqueiros do lado do Ceará). Algumas pessoas gritavam: “polícia, polícia” fazendo um

⁵⁴ Vovô e Leão são os respectivos apelidos de Ceará e Fortaleza.

chamamento para que os homens da lei viessem, mas estes não estavam lá desde o começo da querela, chegando só uns 5 minutos depois, com o destacamento da cavalaria. O fluxo continuou e no meio do burburinho conseguimos sair dali e ir em direção à entrada do estacionamento. No meio do caminho, a minha vizinha que tinha ido com a gente encontrou o seu namorado (pessoal a qual ela iria encontrar para comprar seu ingresso) correndo no meio da confusão e desceu para segui-lo em busca de seu acesso ao estádio.⁵⁵

Não era em todos os jogos que correrias como essa aconteciam. Apenas nos que tinham mais apelo agonístico⁵⁶ e nos que havia algum tipo de rivalidade. Essas rivalidades podem ser territoriais: como no caso de clubes pertencentes a bairros vizinhos (Independiente x Racing na Argentina; Tottenham x Arsenal na Inglaterra); clubes de mesma cidade que costumam se enfrentar constantemente (Corinthians x Palmeiras em São Paulo; Ceará x Fortaleza no Ceará); clubes de grande expressão num mesmo país (Liverpool x Manchester United na Inglaterra; Real Madrid x Barcelona na Espanha). Outro fator que também provoca rivalidades, não necessariamente entre os times, mas entre os torcedores aqui no Brasil, é o sistema de alianças de torcidas organizadas. Segundo Toledo (1996), “ter amigos fora de casa é sinal de respeito e reconhecimento” e tais alianças não seguem algum sistema simbólico lógico como cores dos clubes ou clubes ligados a elite/povo, são definidas muito mais por relações de recepção e amizade que se constroem nos encontros entre esses torcedores. Um ponto a se pensar é que

Este tipo de reciprocidade entre torcedores é estabelecido também como uma oportunidade efetiva de mostrar aos outros a importância, o prestígio, a organização, o patrimônio e a influência da torcida. Receber bem uma torcida amiga significa ser bem recebido em um eventual jogo fora de casa. Aqui reitera-se tanto a amizade com a torcida afim quanto a rivalidade com a torcida inimiga dos amigos (TOLEDO, 1996, p.110).

Com essa rede de relações, as torcidas criam uma comunidade, que segundo o pensamento dos sociólogos Peruzzo e Volpato⁵⁷ (2009) existem algumas características essenciais de uma comunidade na sociedade atual, “como o a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação

⁵⁵ Diário de Campo, 22/01/2017.

⁵⁶ Segundo o Vocabulário Técnico e Filosófico de Filosofia de André Lalande (1996) um dos significados de agonístico está ligado com algo que é “relativo à luta, particularmente à luta pela vida” (LALANDE, 1996, p. 38). Trazendo também o conceito de âgon que é uma das características básicas do jogo para Caillois (1990), que é a da competição, uma partida com um forte apelo agonístico é a que tem a rivalidade mais acirrada, a que tende a provocar mais tensão entre o público, imprensa e jogadores antes, durante e depois.

⁵⁷ Nesta passagem, os sociólogos dialogam com as ideias de Marcos Silva Palácios (2001).

entre seus membros por meio de veículos específicos”. Dentre esses valores levantados, as torcidas possuem um sentimento de pertença em comum a um grupo e de comunidade por estabelecerem relações com outras torcidas para além das suas, solidariedade e amizade mútuas. O valor permanência também é evocado principalmente entre os membros mais antigos, possuindo a Cearamor um grupo interno que se chama Velha Guarda, com as pessoas que formam esse setor possuindo um certo caráter de importância dentro da comunidade, sendo respeitadas pelos mais novos e possuindo privilégios como ônibus próprio e com ar-condicionado numa viagem (fato acontecido na viagem da caravana em que fui para Itapipoca), enquanto os outros comandos foram em ônibus sem climatização. A territorialidade na maioria das vezes é simbólica, em cânticos e gritos de guerra os nomes dos bairros são berrados pelos torcedores, mas também é real quando por exemplo torcedores daquela região se unem para fretar um ônibus de destino a algum lugar. Ao mesmo tempo em que acontece um processo de territorialização, também ocorre um de desterritorialização, pois, dentro do pensamento dos filósofos Deleuze e Guattari (1997), o nômade se reterritorializa ao desterritorializar, fazendo um fluxo de movimento, assim como fazem os *organizados* quando fluem pela metrópole evocando seus bairros de origem e também Brasil afora e no interior, em cidades que visitam quando há jogos.

E nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.44).

A partir desse duplo movimento nômade, a comunidade é atualizada e ressignificada, tanto para com os torcedores de uma mesma torcida quanto para os outras, sejam essas rivais ou aliadas. Sobre a forma própria de comunicação observo que nos anos 1990 as torcidas comunicavam-se bastante através de cartas, nas quais eram divulgados eventos, trocados adesivos e materiais inclusive com outros torcedores que não necessariamente fossem aliados; já nos tempos atuais uma ponte para essa comunicação é a ANATORG, além de grupos em redes sociais virtuais como *Facebook*

e *Whatsapp*, e eventos quando essas torcidas se encontram e uma recepciona a outra em seu local de moradia, por exemplo.

Para Castells (1999), o agrupamento das pessoas em formas comunitárias gera identidades culturais que podem ser legitimadoras: acontece com as instituições dominantes que estão interessadas em expandir e racionalizar a sua dominação; de resistência: ocorre com atores que estão em condições estigmatizadas ou desvalorizadas e permanecem resistentes à dominação; de projeto: quando existe uma busca de criar uma identidade que tenha como foco a transformação social, o autor usa como exemplo o feminismo. Dentro dessa comunidade criada pelas torcidas, tanto ocorrem laços de amizade e cordialidade em comum, como também uma criação e manutenção de inimizades, pois o inimigo do meu amigo acaba se tornando meu inimigo também, recuperando o que Toledo falou. Em diversos relatos de entrevistas, meus interlocutores comentaram sobre essa política de alianças e amizades.

3.5 – Inimigo do meu amigo é meu inimigo também: os sistemas de alianças entre torcedores organizados

Joaquim: Como funciona o sistema de alianças em relação ao Brasil? Tem as alianças nacionais e as regionais, me explica melhor como funciona.

Clóvis: As alianças é um dos problemas de violência que nós temos no meio das torcidas organizadas. Essas alianças começam lá nos anos 90 né? E que vai diversificando, não obrigatoriamente, vamos supor, eu vou dar um exemplo aqui, a Cearamor ela é aliada da Terror Bicolor, torcida organizada do Paysandu, a torcida organizada do Paysandu já é aliada lá em Recife da Inferno Coral e a Cearamor da Fanático. Você tá me compreendendo? Que por conta dessa aliança você tem conflitos e você acaba deixando de lado o seu clube de coração, a sua torcida organizada, pra vestir a camisa de um outro clube, de uma outra torcida. Aí tem até uma fala bacana, de um presidente da Jovem do Santos, eu não recordo o ano, “Como é que pode, camarada deixa de lado o clube e a bandeira da torcida organizada dele pra se matar por outra instituição que não há um pertencimento dentro do indivíduo?” No caso, a Cearamor era aliada da Trovão Azul do Remo nos anos 90, aí em um dos jogos do certame nacional é que há uma recepção de respeito num jogo aqui no Presidente Vargas, com a torcida do Paysandu e a partir daí começa esse diálogo pra você passar a ter uma amizade maior com a (Terror), e acaba deixando de lado o pessoal do Remo. Eu acho que eu tenho algumas imagens de arquibancada com o presidente da Trovão no meio da Cearamor.⁵⁸

Joaquim: Me explica melhor como é que funciona as alianças e amizades que as torcidas, no caso que a tua torcida tem com as outras, no Nordeste e no Brasil.

Milena: As torcidas organizadas pra entrar em qualquer estádio do Brasil precisa mandar um ofício pra polícia de eventos, no caso, da cidade que vai

⁵⁸ Entrevista com Clóvis, Cearamor.

haver o jogo. É, vamos dizer que eu vou ter um jogo no Rio de Janeiro contra o Flamengo, que é uma torcida que não é aliada com a gente. Eu preciso mandar um ofício pra polícia de lá aí a gente tem aliança com a torcida do Botafogo e com a torcida do Vasco, a gente comunica com algum deles e pede pra falar com o chefe de policiamento de eventos pra receber aquele ofício, pra entregar pra gente, tipo assim, é um vínculo mais direto do que as vezes por e-mail que acontece e, a gente não tem contato com eles direto por telefone, e não sabe se eles receberam ou não, e a aliança funciona como, ele conhece a polícia de lá eles vão resolver o problema mais rápido do que eu daqui. Pegar ingresso pra gente lá, ou ter uma facilidade de ingresso pra, no caso, a gente chegar depois e comprar, pra num ter, é assim, é uma amizade um respeito de ter, de chegar na cidade do outro e ser recebido como se fosse por um familiar ou por um amigo da gente, é assim.

Joaquim: Aí também tem o outro lado que seria as outras rivalidades que acaba criando né...

Milena: É, porque se eu sou amiga da torcida do Vasco, vamo dar um exemplo, a torcida do Vasco não gosta da torcida do Flamengo, a do Flamengo não gosta da torcida do Vasco, acaba que a torcida do Flamengo não vai gostar de mim por tabela. Mas em relação, assim a algumas torcidas tipo do Rio, algumas torcidas não são rivais, acaba que há aquele respeito. Isso não é em todas as capitais, mas em algumas sim, por mais que aquele, o time A não seja minha aliança, ele vai me respeitar e não vai vim atrás de confusão, ou eu não vou atrás de confusão com ele.⁵⁹

Joaquim: Me fala mais como é que funciona as alianças e amizades que a tua torcida tem com as outras aqui no Brasil.

Luciana: Se vai ter um jogo do Santa Cruz aqui, aí eles vem pra cá, a gente recebe eles, eles ficam numa casa com piscina lá na Messejana, passam o dia lá e depois vão pro estádio e tudo, junto com a gente. E quando tem jogo nosso lá a mesma coisa. Funciona assim, uma recebe a outra [torcida] e ajuda com estadia e tudo o mais. As vezes em casa de praia, as vezes na sede mesmo.

Joaquim: E como funcionam as rivalidades/inimizades dentro das rivais das aliadas? Esse seria o outro lado né...

Luciana: É, tem isso também, as outras torcidas acabam ficando rivais nossas, as outras de Pernambuco por exemplo. Mas é assim mermo né?⁶⁰

Com essas falas dos sujeitos, além de observação em muitos jogos e leitura de conteúdos sobre isso, posso notar como é complexa essa relação que estabelece o sistema de alianças entre torcidas organizadas brasileiras. Pois não existe uma lógica fixa de filiação entre clubes em que aliados são escolhidos e definidos e assim está feita a organização. O caráter dessas filiações é completamente relacional, e depende tanto do comportamento que se espera de mim perante aos meus aliados e inimigos de aliados (que podem se tornar meus inimigos também, mas isso também pode ser mutável e negociável) quanto do comportamento deles perante à minha agremiação. Como Milena disse, no caso do Rio de Janeiro, que é uma capital, que, assim como São Paulo, possui pelo menos quatro clubes de grande porte, então, mesmo que minha torcida seja aliada de torcidas de apenas dois clubes naquela localidade, as outras podem nutrir uma certa

⁵⁹ Entrevista com Milena, Cearamor.

⁶⁰ Entrevista com Luciana, Leões da TUF.

tática de não-agressão e respeito a mim, mesmo que não sejamos coligados. Sobre as desavenças com inimigos de amigos, isso é delicado pela questão de que algumas alianças seguem direcionamentos e critérios, como torcidas Lado A e Lado B⁶¹, torcidas Dedo pro Alto e Punho Cruzado⁶², mas essas coisas não estão simplesmente postas. A torcida Leões da TUF era aliada da Torcida Bamor do Bahia e hoje não é mais, por confusões que aconteceram num determinado período, a torcida Cearamor foi, nos anos 90, aliada de uma torcida do Remo intitulada Trovão Azul, como Clóvis disse em sua fala, e há alguns anos quebrou-se qualquer aliança com torcidas deste time pois a torcida passou a se aliar com as torcidas do rival, o Paysandu. E segundo ele me contou, essa nova aliança e quebra da anterior aconteceu quando em determinada partida o Papão⁶³ de Belém veio jogar aqui e a Cearamor recebeu bem a sua torcida, contrariando o que se esperava de uma torcida aliada com os rivais. Daí nasceu a amizade e futura irmandade.

Como já foi falado anteriormente neste trabalho, a importância dos bailes funk é fundamental para compreender um pouco da lógica das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza. E justamente deles também advém as ideias das alianças. Afinal, galeras aliavam-se a outras galeras amigas e tornavam-se rivais de outras, que eram inimigas dos meus amigos. Contudo, assim como a política de alianças de torcidas, estas também se colocavam de uma forma relacional e situacional.

É possível afirmar que os “bondes” ou “mulões” – alianças entre galeras – são em geral efêmeros, transitórios, e dizem respeito ao fortalecimento momentâneo da galera em determinado baile, e não necessariamente a alguma ligação aos “comandos”. Eventualmente, isso pode suscitar algum tipo de constrangimento ou confusão, mas não é o único fator determinante na escolha de uma aliança. Muitas vezes a aliança de uma galera com outra é motivada pelo desejo de vencer um festival de galeras. Isto é, muitas vezes, galeras menores ou “desconhecidas” aderem ao bonde encabeçado por uma galera maior e mais bem preparada para vencer um festival. Em suma: não é tão raro ocorrer nos bailes que o alemão de hoje seja o sangue-bom de amanhã e vice-versa (HERSCHMANN, 2005, p. 168).

⁶¹ Redes de união de torcidas nordestinas encabeçadas por Leões da TUF (Lado A) e Cearamor (Lado B). Essas divisões entre lado A e B são frutos do período dos bailes funk de corredor dos anos 90, em que dividia-se o baile entre esses lados opostos para que ocorressem os embates (CYMROT, 2012; HERSCHMANN, 2005).

⁶² Redes de união de torcidas ao longo do Brasil, a Dedo pro Alto é encabeçada por Galoucura (Atlético-MG), Mancha Verde (Palmeiras) e Força Jovem do Vasco; já a Punho Cruzado é formada por Torcida Jovem do Flamengo) + Torcida Tricolor Independente (São Paulo) + Torcida Organizada Camisa 12 (Internacional) + Torcida Jovem do Sport + Comando Máfia Azul (Cruzeiro). Algumas torcidas da primeira união aliam-se com a Cearamor e com outras do Lado B, já as da segunda união tendem a se aliar mais com a Leões da TUF e outras do Lado A.

⁶³ Papão é o apelido do Paysandu.

A conclusão antropológica de Herschmann (2005), sobre essa possibilidade de mutabilidade entre aliados, nos permite traçar mais paralelos aproximativos entre a cena funk e a cena torcedora organizada. Em ambas as cenas, essas alianças, além de mutáveis também não necessariamente são compartilhadas igualmente por todas as torcidas (ou galeras) de um mesmo clube (lado do baile de corredor). Geralmente as torcidas que não são as principais dos clubes, por exemplo as torcidas do estilo barra brava⁶⁴ ou torcidas chopp⁶⁵, seguem as mesmas amizades/alianças das principais, mas isso não significa uma regra. Jefferson, integrante de uma organizada do Ceará que segue mais o estilo barra brava, contou-me melhor sobre essas amizades com torcidas de outros estados.

Joaquim: Tu falou né? Que vocês tem essas, vocês consideram como aliança ou amizade?

Jefferson: Aliança eu acho que é um termo...sei lá. Uma ideia tão maior. É amizade, né? Até porque num rola só quando tem jogo, é amizade mesmo, até porque a gente tem um grupo, os caras ficam amigos mesmo, tem um cara que agora em julho tá vindo pra cá com a namorada.

Joaquim: E essas amizades, qual a lógica que elas seguem, tem a ver com as alianças das outras torcidas, não tem a ver?

Jefferson: Infelizmente tem né? Porque mesmo que não envolva o lance de torcidas organizadas, se você for pra Natal com sua família, de carro, infelizmente você tá correndo um risco porque virou essa história porque Ceará e ABC são irmãos e o América é inimigo da gente, infelizmente. Aí segue essa linha né, aí em Recife a gente tem amizade lá com o pessoal do Náutico, porque criou-se culturalmente isso e acaba facilitando. Natal é o ABC, Belém Paysandu, enfim, vai seguindo realmente.

Joaquim: Entendi, mas no caso tu tinha me falado, assim, pelo que eu já andei pesquisando e até mesmo aquela outra conversa que eu tive contigo, vocês abominam, não apoiam coisas ligadas com a violência. Não se envolveram em nenhum caso e tal. Então, no caso vocês falaram das barras bravas, lá elas costumam estar muito ligadas com casos de violência. Então vocês meio que tentam pegar esse lado “bom”?

Jefferson: Assim, tentando desenhar isso que tu tá falando. A gente tem amizade com o pessoal da Alma Celeste, que é a barra do Paysandu, mas de maneira nenhuma a gente tem ódio do pessoal da Camisa 33 que é a barra do Remo. A gente num tem contato com eles porque não rolou, mas se rolar de

⁶⁴ Denominação que costumam ser chamadas as torcidas organizadas pela América do Sul em países como Argentina, Uruguai e Chile. São torcidas que têm a fama de serem violentas e apresentam ramificações inclusive com “as políticas dos clubes de futebol e as atividades criminosas” (GIULIANOTTI, 2010, p.83). Esses grupos são famosos por ter um estilo de torcer incondicionalmente não importando o resultado e fazer festas admiradas mundialmente nos estádios. Segundo Morais (2015), pesquisador que fez dissertação sobre uma das torcidas neste estilo do Ceará S.C. (o movimento Setor Alvinegro), “no Brasil, muitas dessas torcidas que adotaram o estilo “barra brava” acabaram também por ser nomeadas como “torcidas de alento”. A “música de alento” é assim denominada por ter uma batida mais suave e um ritmo mais lento. As letras dessas músicas também são, geralmente, com declarações de amor incondicional ao clube.

⁶⁵ Estilo de torcidas organizadas que existe em diversos clubes do Brasil e que no geral costuma cultivar a bebida alcoólica e ter um discurso de não-agressividade nos estádios, buscando se diferenciar das organizadas mais tradicionais.

ter uma conversa com os caras, vamo conversar numa boa, num tem apologia nem nada a violência. Realmente abominar mesmo o termo nesse sentido.⁶⁶

Pelo teor do discurso de Jefferson, pode-se ver como é complexa a questão das amizades (no caso deles). Pois, por mais que procurem cultivar e enaltecer uma cultura de paz entre torcidas e não se envolver em confusões, segundo ele mesmo frisou, de “abominar o termo nesse sentido”, as tradicionais alianças entre as maiores organizadas os deixam sem muitas opções de mudança. Então, se a Cearamor tem aliança com a Gang Alvinegra do ABC, fica complicado que uma torcida de porte bem menor como o Setor pudesse pensar em ter uma amizade com uma barra brava do rival do ABC, o América-RN. Eles ficam coagidos de certa forma, até por questão de contatos e de uma cultura que acaba se espalhando pelo resto da torcida, a não estabelecer essa amizade. Ao mesmo tempo, comentam que não tem qualquer tipo de rivalidades com barras de times “rivais” (dentro dessa política) como a Camisa 33 do Remo, e que ainda não rolou um diálogo entre os mesmos por questões de não ter tido oportunidade.

Podemos pensar dentro do conceito de coerção do fato social de Durkheim e ver que, nesse aspecto, as torcidas maiores acabam fazendo uma coerção para com as menores para que a política do sistema de alianças entre torcidas siga a lógica que agrade as maiores. Na sua definição do que seria fato social, o sociólogo francês dizia que:

Certamente, quando me conformo voluntariamente a ela, essa coerção não se faz ou pouco se faz sentir, sendo inútil. Nem por isso ela deixa de ser um caráter intrínseco desses fatos, e a prova disso é que ela sê afirma tão logo tento resistir. Se tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim para impedir meu ato, se estiver em tempo, ou para anulá-lo e restabelecê-lo em sua forma normal, se tiver sido efetuado e for reparável, ou para fazer com que eu o expie, se não puder ser reparado de outro modo. Em se tratando de máximas puramente morais, a consciência pública reprime todo ato que as ofenda através da vigilância que exerce sobre a conduta dos cidadãos e das penas especiais de que dispõe. Em outros casos, a coerção é menos violenta, mas não deixa de existir. Se não me submeto às convenções do mundo, se, ao vestir-me, não levo em conta os costumes observados em meu país e em minha classe, o riso que provoco, o afastamento em relação a mim produzem, embora de maneira mais atenuada, os mesmos efeitos que uma pena propriamente dita. Ademais, a coerção, mesmo sendo apenas indireta, continua sendo eficaz. Não sou obrigado a falar francês com meus compatriotas, nem a empregar as moedas legais; mas é impossível agir de outro modo. Se eu quisesse escapar a essa necessidade, minha tentativa fracassaria miseravelmente. Industrial, nada me proíbe de trabalhar com procedimentos e métodos do século passado; mas, se o fizer, é certo que me

⁶⁶ Entrevista com Jefferson, Setor Alvinegro.

arruinarei. Ainda que, de fato, eu possa libertar-me dessas regras e violá-las com sucesso, isso jamais ocorre sem que eu seja obrigado a lutar contra elas (DURKHEIM, 2007, p.2).

É justamente o que Jefferson ou qualquer outro que queira ir de encontro ao que se espera como alianças baseado nas torcidas maiores, se você quer ser contrário a alguma provavelmente tenha que lutar contra isso, pois, se você está entre os menores as suas possibilidades já estão muitas vezes dadas. Daí acontecem os casos que falarei agora em seguida. Momentos em que duas torcidas de um mesmo clube se aliam com torcidas de clubes diferentes e rivais, justamente quando alguma dessas torcidas, a de menor tamanho, modifica a aliança e isso provoca cisões em sua relação com a maior torcida do seu próprio clube. Muitas vezes acaba que em algum jogo contra um desses clubes, acontecem encontros e brigas entre essas duas torcidas de um mesmo time com amigos opostos. Um exemplo que ocorreu nos últimos anos aqui em Fortaleza, foram duas das organizadas da equipe, Leões da TUF e JGT, protagonizarem cenas de violência uma contra a outra em um jogo contra o Santa Cruz-PE. A questão é que a primeira é aliada da Inferno Coral, torcida do Santa, já a segunda é aliada da Torcida Jovem do Sport, rival do tricolor pernambucano. Acontecem também casos em que bairros diferentes da torcida estão brigados, existindo a possibilidade de acontecer conflitos entre esses durante as partidas, ou ainda quando duas ou mais torcidas do mesmo clube estão em atrito. Durante um período dos anos 2000 e 2010 as torcidas Cearamor e MOFI do Ceará estiveram brigadas e por vezes aconteciam confusões entre as duas, antes ou após os jogos. Nesses casos acontece exatamente o que Clóvis fala em sua entrevista, lembrando uma fala de um componente da Torcida Jovem do Santos, “como pode um camarada brigar por outra instituição a qual ele não tem nenhum pertencimento, deixando de lado o seu clube?” Em tese o clube deveria ser o objetivo das torcidas, como muitos torcedores atestaram nas entrevistas, mas para diversos outros o componente *pista* prevalece até mesmo sobre o torcer.

Muitas das vezes essas disputas entre torcidas do mesmo time são conflitos por hegemonia, questões para que se prove quem é a torcida mais aguerrida, ou a mais disposta⁶⁷ de cada clube

⁶⁷ O termo faz referência ao uso da palavra disposição, expressão nativa da pesquisa etnográfica de RIBEIRO (2011) com as torcidas organizadas da cidade de Fortaleza. A expressão significa um “espírito aguerrido, perícia no combate, fidelidade aos torcedores aliados no momento de tensão ou luta e, ainda, atitudes de cortesia, generosidade e companheirismo entre os integrantes” (RIBEIRO, 2011, p.56).

Por sua vez, as Torcidas Organizadas de um mesmo time, por exemplo, às são-paulinas Tricolor Independente e Dragões da Real ou ainda as corintianas Gaviões da Fiel e a Camisa 12, ou TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) e Mancha Verde do Palmeiras disputam entre si alguns bens simbólicos que resultam em prestígio e reconhecimento enquanto torcidas aguerridas, organizadas, ricas e legítimas, aquela que melhor expressa a alma do time e de toda torcida [...] A hostilidade entre Torcidas Organizadas de um mesmo time consiste em uma disputa tanto em termos de prestígio e poder de influenciar em algumas decisões dentro do clube, quanto em relação ao papel perante a torcida do time no geral (TOLEDO, 1996, p. 106-107).

A teia que envolve as relações entre torcidas é complexa e muitas vezes o torcedor comum ou o jornalista, não entende porque está vendo dois torcedores organizados de um mesmo time em conflitos nas praças esportivas ou em seu entorno. Alguns dos motivos desses conflitos foram comentados acima, mas as motivações para tais encontros podem ir além desses porquês. Às vezes até mesmo tem alguém que bebeu demais, que consumiu outros tipos de drogas, que está estressado por algum outro motivo, e pode acabar descarregando a sua insatisfação em outra situação e ocasionar um choque. Presenciei em campo, discussões e xingamentos tanto entre torcedores organizados quanto de torcedores comuns, algo que serve para amenizar um pouco do estigma que os *organizados* costumam carregar pela violência no futebol, por parte de um entorno da sociedade.

Sobre o clássico-rei que comentei anteriormente, já no estádio depois de passar pelo pequeno tumulto lá fora, momentos interessantes da pesquisa aconteceram:

Na entrada um detalhe me chamou a atenção: nenhum tipo de revista foi feita em mim e nem em meu amigo, não sei se a cara de ser alguém de classe média e estudante de humanas (barba grande, brinco na orelha, tatuagens) colaborou para esse fato, a questão é que se quiséssemos ter entrado com uma bomba caseira ou cachaça teríamos entrado de boa.

Ao adentrar no estádio, escuto logo um grupo de torcedores reunidos gritando: “Uh é Rosalina! Uh é Rosalina!” e assim eles sobem a arquibancada, falando pra todos com orgulho o nome do bairro de onde eles vêm.

Subimos, procuramos um lugar para a mamãe sentar e depois a deixamos lá e combinamos de nos encontrar depois, no final da partida, no mesmo local. Fizemos isso pois eu e meu amigo iríamos assistir o jogo na Cearamor e lá todos ficam tradicionalmente em pé. Mamãe gosta de ficar mais sentada vendo a partida, ela é uma senhora idosa e costuma não ter pique para ficar em pé o jogo todo, então ela ficou numa parte e a gente noutra. Ela ficou próxima da torcida Ceará Chopp, onde se costuma assistir ao jogo sentado.

Eu e Zeca, nos encaminhamos para o local onde fica a TOC. No caminho dou uma olhada geral no estádio e posso sentir o começo da atmosfera de um clássico, com as duas torcidas se provocando e disputando quem anima mais, a grama verdinha, as pessoas se apertando nos seus lugares. Por falar em lugar, a disposição espacial naquele jogo tinha uma curiosidade, agora dois setores, com barreiras e divisão policial, dividiam parte das arquibancadas alvinegras, acontecendo o mesmo com os tricolores. É o início da tão falada (por torcidas, mídia e clubes) setorização, e, agora, se você comprasse

ingresso e entrasse numa entrada específica, não podia dar a volta em torno do estádio.

Depois de passar por uma pequena aglomeração na escada, conseguimos lugar na Cearamor, próximo ao Comando Edson Queiroz. Inferi a localização pois haviam torcedores com a blusa do comando e também porque um dos meus interlocutores, o Fabinho, estava presente lá, e me viu e acenou para mim.⁶⁸

E assim, nessas pequenas ações do cotidiano dos torcedores, principalmente dos *organizados*, podemos ver instaurado esse racismo vindo do próprio sistema estrutural e esse poder, que não é algo que vem de cima para baixo da sociedade, que é feito pelo Estado, na verdade ele acontece nos mais diferentes níveis e entranhas do tecido social contemporâneo. Para o filósofo Michel Foucault (2016), em sua obra “A microfísica do poder”, vemos o poder não necessariamente como algo que apenas está na lógica da negação, afinal ele também “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. A lógica que o permeia é relacional e discursiva a depender dos sujeitos que fazem parte de suas relações, assim como das estruturas sociais as quais esses sujeitos estão situados, também. O lema da torcida organizada Cearamor é “Vibração, união e poder”, sendo a palavra vibração em referência ao apoio nas arquibancadas e fora delas ao clube, a união mostrando sua união com outras torcidas pelo Brasil e também entre os alvinegros torcedores do Ceará e o poder relativo ao status simbólico que a torcida ocupa perante a outras no Brasil e também para os torcedores do time. Existe uma música da Cearamor que é constantemente cantada nos estádios e se chama “A TOC é o poder” que fala um pouco disso:

O funk é o nosso ritmo
 aqui é só um jogo
 Torcida organizada que estremece o estádio todo
 Alemão meu papo é reto
 Sou da maior do Nordeste
 Se tu não acredita tá maluco faz o teste
 Só moleque pesadão
 Eita que torcida massa
 A TOC é um galerão sacode na arquibancada
 De agasalho bolado
 E boné da Lacoste
 Minha beca é Cearamor
 no estilo a firma é forte
 Moral na capital
 Isso já foi confirmado

⁶⁸ Diário de Campo, 22/01/2017.

Torcida Cearamor dominando todo o Estado
 Não importa o que aconteça
 falo pra todo mundo
 Seja em qualquer lugar
 Pelo vozão vale tudo
 E pra aquela torcidinha vou dizer como é que é
 vou te dar um tá ligado pra deixar de ser mané
 tu só vive se gabando dizendo que é a maior
 que maior porra nenhuma de vocês não tenho dó
 Vou mandar a realidade que todo mundo já sabe
 a minha Cearamor é a maior dessa cidade
 Tenho orgulho em dizer,
 nosso lema pra você
 Vibração e união
 se liga e o poder por que?
 É o poder, a TOC é o poder
 torcida Cearamor, faz os comédia tremer, por que?
 É o poder, a toc é o poder
 quem fecha com os alvinegros tá tranquilo pode crer.

Essa música funciona quase como uma descrição nativa do que seria o torcedor organizado e sua atitude. Aquele que escuta e tem o funk como ritmo preferido, que usa agasalho e roupas de marca, que pelo seu time vale tudo. E de certa forma mostra o discurso de como os próprios torcedores organizados se veem. Se boa parte da sociedade os estigmatiza, a visão de si é a de “moleque pesadão”, “torcida massa”, “de agasalho bolado e boné da lacoste”, “minha beca é cearamor”. É interessante o uso do termo minha beca, com o significado mais próximo do cântico sendo o sentido coloquial de “roupa de bom gosto, elegante”, segundo busca pelo verbete no Dicionário Online Michaelis. Contudo, a mesma definição do verbete dá também o significado de beca como uma:

veste para cerimonial, em geral de cor preta, usada por funcionários e magistrados judiciais, bem como por advogados, catedráticos, todos no exercício de suas funções; também utilizada por formandos de grau superior na cerimônia de formatura e por membros de certas confrarias (BECA, 2015).

O uso do termo no cântico mostra como a própria torcida brinca com os preconceitos sociais em relação a quem é torcedor organizado. O orgulho de dizer que se usa a beca da organizada é tão grande ou maior do que qualquer formado que use uma beca universitária. Dentro dessa lógica, como diz a música, realmente a TOC é o poder!

E isso não restringe a definição para apenas para torcedores localizados no Ceará, pois se observarmos os trabalhos de GIULIANOTTI (2010) e TOLEDO (1996) vemos que torcedores militantes em locais diferentes têm comportamentos e estilos

semelhantes. No final dos anos 1980 e 1990 em parte dos países europeus surge o fenômeno dos *casuals*, que seriam hooligans que não vestiriam mais os trajes da torcida para se degladiar, e sim roupas de marca como Reebok e Adidas, em conjugação com a moda esportiva da época. A especificidade dos cearenses é que estes aliam essa estética ao vestuário típico da torcida como a “beca Cearamor”. O “alemão” e a “torcidinha” a qual se faz referência é uma provocação aos rivais, e forma de dizer que a minha torcida é a maior, pois a moral já foi confirmada e a torcida está dominando não só a capital, mas também todo o Estado. O que seria ter o poder, ou melhor, ser o poder para essa torcida? Dominar as arquibancadas e fora destes, vencer os conflitos simbólicos perante outras torcidas rivais e perante outras do mesmo time, subjugar os adversários e reforçar a minha superioridade. Contudo, na segunda estrofe da música algo que está ali quase despercebido aparece, na frase “aqui é só um jogo”. Vale lembrar de Elias e Dunning (1992), para quem o futebol funciona como excitação e tensão durante o seu período e depois tem-se o fim destas ao fim do ritual, que se renova a cada prática, o jogo seria esse que se encerra aos 90 minutos e que está ali para aliviar muitas pressões do dia-a-dia de cada um, ao mesmo tempo em que esse jogo não se finda ali naquele momento. As torcidas convivem diariamente nessa lógica e seguem o clube através de caravanas, participam ativamente do dia-a-dia da equipe, além de possuir uma dinâmica própria que se distancia até mesmo do time. As torcidas também funcionam como empresas, vendem produtos tanto em alusão ao clube, mas principalmente em alusão à própria torcida assim como materiais de outras torcidas aliadas também, planejam festas ao longo do ano, incluindo a de aniversário da torcida, participam em jogos de outras torcidas aliadas, dentre outros fatores que não estão em ligação mais próxima da agremiação clube, e sim da torcida e de suas relações.

A lógica de vivência de práticas dos torcedores organizados cearenses tem toda uma ligação histórica com o gênero funk, a história das torcidas e dos bailes se confunde por aqui. É pensando nisso que trabalharei no sentido de pensar as raízes do funk no Brasil e como esses bailes tiveram essa importância histórica que possuem até hoje no simbólico das organizadas, no capítulo a seguir. Falarei disso com um enfoque principalmente nas canções entoadas até hoje pelas torcidas organizadas do Ceará.

4. CÂNTICOS E MÚSICAS: O FUNK É NOSSO RITMO

Aqui neste trabalho já foram elencadas algumas canções relacionadas às torcidas organizadas cearenses. Creio ser de muita valia pensar num entendimento dessas instituições a partir também dessas pistas presentes nas letras, ritmos e melodias dessas músicas.

O futebol de espetáculo num ambiente profissional (DAMO, 2017) é formado pelos mais diversos personagens. Desde o vendedor de marujinho que passa pela arquibancada gritando “Olha o Gutinho, olha o Gutão”⁶⁹, até os jogadores propriamente ditos, que estão ali dentro do campo em busca da vitória para seus respectivos times. Passando por esses sujeitos, temos ainda o torcedor, na plateia, costumeiramente situado tanto nos arredores dos estádios quanto dentro dele, na beirada do campo, os jornalistas e demais profissionais de imprensa que cobrem os jogos, os árbitros e membros da Federação, os dirigentes esportivos. É um jogo intenso e cheio de protagonistas. É um campo polissemicamente polifônico.

A grande maioria das canções das organizadas cearenses adota como ritmo-base o funk, diferentemente das torcidas paulistas, por exemplo, que costumam ter como base o ritmo de samba⁷⁰, e que até mesmo possuem agremiações próprias de escola de samba. Esse funk, que segue o estilo do funk carioca e por que não brasileiro, é o estilo costumeiramente adotado pelas grandes torcidas organizadas ao longo do Nordeste. Sobre o percurso histórico do funk no Brasil, é interessante notar que ele se propagou entre os anos 1980 e 1990, exatamente o mesmo período em que as T.O.’s cresceram e passaram a ter uma maior presença na mídia, tanto por suas festas quanto pela quebra no tecido social que causavam (seja com demonstrações de paixão ou de terror). Dentro das próximas linhas farei um breve percurso histórico acerca do gênero musical no Brasil afim de que possamos ter uma maior compreensão dessa importância dele tanto para os jovens advindos de periferia como para as próprias torcidas organizadas, já que muitos desses jovens são seus componentes também.

⁶⁹ Marujinho, gutinho e gutão são marcas de um doce bastante apreciado no Estado do Ceará que consiste numa espécie de sorvete líquido congelado dentro de um invólucro de plástico. É uma variação do popular din-din, conhecido em outros locais do Brasil como sacolé ou raspa.

⁷⁰ Para saber mais sobre as relações entre as torcidas organizadas paulistas e o samba ver CAMPOS; LOUZADA (2012) e HOLLANDA (2018).

4.1 – Do funky ao funk: origens, crescimento e consolidação como manifestação artística e cultural

Nos anos 1960, surge nos EUA, como uma mistura do gospel americano negro e do *rhythm and blues*, a música *soul*. Tal estilo musical logo passou a servir como uma verdadeira trilha para a luta por liberdades civis para os negros ianques, tendo como grandes expoentes os astros James Brown e Ray Charles (VIANNA JÚNIOR, 1987, p. 45). Com versos como “*Raise on up, get yourself together and drive that funky soul*⁷¹” e “*Say it loud, I'm black and I'm proud*⁷²”, Brown, o artista afro-americano mais bem-sucedido daquela época, trazia a política pra cultura.

Então, com a futura comercialização maior dessa sonoridade soul, os negros norte-americanos partiram para um som mais agressivo e pesado, chamado de funky music. Segundo Vianna Júnior (1987):

Em 68, o soul já tinha se transformado em um termo vago, sinônimo de “black music”, e perdia a pureza “revolucionária” dos primeiros anos da década, passando a ser encarado por alguns músicos negros como mais um rótulo comercial. Foi nessa época que a gíria funky (segundo o Webster Dictionary - “foul-smelling; offensive”) deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como funk (VIANNA JÚNIOR, 1987, p.46).

Ao final dos anos 1970, o funk também passa por esse processo de comercialização excessiva e apropriação por parte da cultura branca, criando assim o gênero de disco music, que se tornou uma verdadeira febre no mundo inteiro. Novamente a comunidade negra se reinventa e anos depois da explosão da discotéque, uma nova reinvenção ocorre (VIANNA JÚNIOR, 1987). Surge no final dos anos 1970, em Nova York, no bairro do Bronx, um novo gênero, baseado em uma sonoridade funk e da própria disco. Através de misturas musicais, chamadas de mixagens, um novo jeito de dançar e de se expressar, surge o *rap*⁷³. Os profissionais encarregados de executar

⁷¹ Levante-se, fiquemos juntos e vamos balançar essa alma funky (tradução nossa).

⁷² Fale alto, sou preto e orgulhoso! (tradução nossa).

⁷³ “Rap music is a black cultural expression that prioritizes black voices from the margins of urban America. Rap music is a form of rhymed storytelling accompanied by highly rhythmic, electronically based music. It began in the mid-1970s in the South Bronx in New York City as a part of hip hop, an African-American and Afro-Caribbean youth culture composed of graffiti, breakdancing, and rap music. From the outset, rap music has articulated the pleasures and problems of black urban life in contemporary America. Rappers speak with the voice of personal experience, taking on the identity of the observer or narrator” (ROSE, p. 2). Ver também LOURENÇO (2010) sobre o surgimento do hip-hop no Brasil.

esse som eram chamados de DJs e estes trabalhavam inicialmente com as levadas de bateria e baixo da disco, o *breakbeat*, para tecer novas sonoridades favoráveis a dança break (dança do estilo hip hop). Durante os anos 1980, o hip hop foi crescendo, saindo de NY e ganhando o mundo, tornando-se um gênero famoso no mundo todo até os dias atuais.

E aqui no Brasil, onde estava o funk? Bem, segundo o antropólogo Hermano Vianna Júnior (1987), os primeiros bailes black no Rio começaram na Zona Sul, no espaço do restaurante Canecão, isso nos anos 1970. Eram os bailes da pesada. Contudo, a casa mudou de proposta afim de buscar um outro público mais “intelectualizado”, segundo um dos DJs da festa chamado Ademir Lemos, que aparece na pesquisa de Vianna Júnior (1987, p. 52). E com essa mudança os bailes passaram a ocorrer nos clubes de subúrbio, a cada domingo num bairro diferente, principalmente nos da Zona Norte carioca. O sucesso foi tão grande que até em outras cidades ocorreu, como em Brasília.

Essa cena evoluiu, com os donos de baile montando suas próprias equipes de som: Soul Grand Prix, Revolução da Mente, Black Power. Existia todo um sistema para que os discotecários conseguissem acessar o que estava sendo lançado no exterior, afinal, naqueles tempos, poucas lojas brasileiras traziam essas gravações. Quando algum disco de boa qualidade caía nas mãos desses produtores, logo faziam questão de rasgar o rótulo e colocar outro para que as pessoas não identificassem que disco era aquele (VIANNA JÚNIOR, 1987, p. 54). Futuramente, toda essa cena passou a ser chamada de Black Rio e passou a haver um investimento de grandes gravadoras no sentido tanto de importar sucessos internacionais, quanto de promover artistas brasileiros a cantar o estilo. Além disso, os bailes passaram a investir mais num caráter educativo e cultural:

Os bailes da Soul Grand Prix passaram a ter uma pretensão didática, “fazendo uma espécie de introdução à cultura negra por fonte que o pessoal já conhece, como a música e os esportes.” (Jornal da Música, Nº 30:4) Enquanto o público estava dançando, eram projetados slides com cenas de filmes como *Wattstax* (documentário de um festival norte-americano de música negra), *Shaft* (ficção bastante popular no início da década de 70, com atores negros nos papéis principais), além de retratos de músicos e esportistas negros nacionais ou internacionais. Os dançarinos que acompanhavam a Soul Grand Prix (e também a equipe Black Power) criaram um estilo de se vestir que mesclava as várias informações visuais que estavam recebendo, incluindo as capas dos discos. Foi o período dos cabelos afro, dos sapatos conhecidos como pisantes (solas altas e multicoloridas), das calças de boca estreita, das danças à la James Brown, tudo mais ou menos vinculado à expressão “Black is Beautiful”. Aliás, James Brown era o artista mais tocado

nos bailes. Suas músicas, principalmente Sex Machine, Soul Power, Get on The Good Foot, lotavam as pistas de dança (VIANNA JÚNIOR, 1987, p.56).

Mesmo com esse sucesso em presença de público, muitos dos artistas de soul brasileiros que tentaram emplacar suas carreiras não obtiveram êxito. O movimento seguinte foi então o do abandono de gravadoras acerca da cultura funk e voltando-se especificamente para o que estava em voga no momento no mundo, que era a disco music. As equipes de som também acabaram enxergando a oportunidade e não perderam tempo:

Quando os filmes de John Travolta e a febre da discoteca chegaram ao Brasil, a maioria das equipes aderiu ao novo ritmo, para desespero dos fãs do soul. Esse foi um momento raro: a Zona Sul e a Zona Norte estavam dançando as mesmas músicas (VIANNA JÚNIOR, 1987, P. 62).

E então, com o final do auge da disco, logo as pessoas da Zona Sul passaram a ouvir outros estilos que estavam em voga nos anos 1980, como o new wave e o punk, enquanto que a Zona Norte permaneceu fiel ao black norte-americano, originando o que hoje é chamado no Rio de baile de charme. E isso, concomitantemente com o surgimento do hip hop no exterior e chegada desse estilo no Brasil. As rádios que tocavam charme passaram a inserir o *hip hop* em sua programação (VIANNA JÚNIOR, p.62) mais e mais.

Com isso, as equipes, como a Furacão 2000, passaram a organizar os chamados bailes funk, contudo, esses bailes de funk se diferenciavam do baile de charme (mais voltado para o soul americano e funk). Nesse baile, do chamado funk carioca, mesmo que até o final dos anos 1980 as músicas fossem internacionais, as coisas eram diferentes. O jeito de dançar era mais sensual e provocante, os DJs buscavam acentuar os graves das músicas e as batidas fortes, além disso, os nomes das músicas passavam por alterações para o português, adaptando para a forma como o público dos bailes cantavam. Isso fez com que se iniciasse esse processo de nacionalização do funk, que se concretizou na década seguinte, a de 1990 (FERREIRA; ARAGÃO; ARRUDA, 2010).

O processo de construção de um *funk* carioca e, portanto, brasileiro, teve início na década de 1980. As músicas em inglês, incompreendidas pelo público, passaram a ser substituídas por frases com sonoridade semelhante em português, embora com sentido completamente diferente. Nascia um produto híbrido; novas ancoragens eram postas em marcha. Esse tipo de apropriação criativa ficou conhecida como "melô" e os exemplos são muitos: "you talk too much" deu lugar a "taca tomate" (melô do tomate) e "I ll be all

you ever need" transformou-se em "ravioli eu comi" (Herschmann, 2005). Mas foi a transformação do refrão "Whoomp! There it is" em "Uh! Tererê!", na primeira metade da década de 1990, que extrapolou o universo *funk* e ganhou as ruas. Virou hino de torcida de futebol ("Uh! Tererê! Sou Flamengo até morrer") e jingle de campanha política para a prefeitura do Rio de Janeiro em 1996 ("Uh, tererê, vote no PT"). (FERREIRA; ARAGÃO; ARRUDA, 2010, p. 40).

Desde meados da década de 80, a musicalidade do funk carioca era advinda do hip hop feito na região da Costa Leste norte-americana, mais especificamente na Flórida, o chamado *Miami Bass* (LOPES, 2010). As temáticas das músicas cantadas tinham por princípio, “quase sempre, longas narrativas que falavam de paixão e de desilusões amorosas, retratavam os prazeres e as dificuldades de se viver em uma favela ou pediam paz nos bailes” (LOPES, 2010, p. 133). Esse último pedido tem a ver com um formato que os locais de festa passaram a ter a partir dessa década. Com a chegada os anos 90, os bailes funk cariocas passam a ter uma nova configuração. A partir desse período, os bailes passaram a ser divididos em de comunidade, de corredor e normais.

Os bailes de corredor e os normais aconteciam em lugares semelhantes, e também “eram pagos e ocorriam em clubes, escolas de samba e CIEPS do subúrbio do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Contavam geralmente com instalações precárias e área física incompatível com o número de frequentadores” (CYMROT, 2012, p. 171). O que diferenciava os dois, basicamente, era a proibição de brigas. Nos normais estas não eram toleradas. Nos bailes de corredor essa era a principal temática da festa e esse confronto era estimulado por produtores de equipes e DJs das festas. Contudo, havia uma quantidade reduzida de bailes normais que as permitia apenas no final da festa. Nesses bailes, os duelos só aconteciam nos últimos 15 minutos de festa, que era conhecido como “*quinze minutos de alegria*” (CYMROT, 2012, p.171). Os bailes de comunidade, por sua vez, costumavam ser gratuitos, realizados nas favelas mesmo e as brigas não eram permitidas também, para que a polícia não fosse atraída para o local. Normalmente, essas interdições partiam dos traficantes que comandassem a região (CYMROT, 2012; CUNHA, 2001).

4.2 – A cena do funk em Fortaleza

Quando aportamos sobre o contexto da cidade de Fortaleza nos anos 1990, a situação é deveras semelhante sobre as gangues e galeras de jovens que frequentavam

os bailes funk como uma de suas formas de sociabilidade (mesmo que agressiva). De acordo com Diógenes (1998, p. 47) “para os jovens que ocupam os points e os agitos da cidade, a ‘festa’ passa a ser o acontecimento social por excelência. A festa torna-se lugar do encontro e de formação de galeras demarcadas territorialmente”. E as festas em que essa movimentação ocorria eram os bailes.

Assim como nos bailes de corredor cariocas, o conflito era incentivado e provocado por organizadores de equipes e DJs. Isso se dava através da menção no microfone e da execução de funks e montagens que remetiam às galeras presentes, momentos em que o DJ instigava para que ali fervilhasse o embate (idem, ibidem, p. 48). Como já foi dito nesta dissertação anteriormente, a lógica de filiação entre galeras num baile era presente, com a formação de alianças de amizades e rivalidades, assim como nos atuais formatos de torcidas organizadas no Brasil.

O enfrentamento entre galeras no baile *funk* obedece a um modo de constituição de alianças e disputas segundo uma geografia do estigma territorial que pontua a cidade de Fortaleza. Um estigma territorial que como uma bomba implode com todos os seus megatons na forma das Batidas por Minuto (BPM) das músicas *funk*, culminando na explosão de energia dissipada nos momentos de “enxame”. O baile *funk* é o momento em que o sentido de morar num bairro segregado e esquecido ganha notoriedade através dos “gritos de guerra” mobilizados pelos Djs e pelo reconhecimento e afirmação da força de cada galera no momento dos “enxames⁷⁴” (DIÓGENES, 1998, p. 48).

A organização dos bailes era feita toda baseada nessas divisões entre os distintos grupos que o frequentavam. De um ficavam as galeras componentes de uma das alianças, de outro lado, os seus rivais, no meio costumam ficar os seguranças. Segundo relato de um dos interlocutores de Diógenes (1998, p. 49), ainda existiam divisões em relação a quem fica na frente e atrás, no espaço do baile. Quem ficava na frente queria brigar, já quem ficava “atrás, sentado, namorando tá na santa paz”. Cada galera ali estava em defesa de seus territórios dentro do espaço do baile.

Como ato performático de um jogo, o ritual dentro do baile de corredor se dava através da manifestação de corporalidades e intensidades excessivas, dramatizações de violência e de solidariedade ao mesmo tempo. A tensão era constante, ser agressivo com o rival/ser fiel e leal ao amigo. Segundo Cymrot (2012), funcionava desta maneira:

⁷⁴ Termo êmico da tese de Diógenes (1998) com as galeras e gangues, refere-se à “galera quando está reunida; geralmente é relativo a uma ação; tirar onda”.

O jogo consistia em desferir golpes rápidos no outro lado, com os pés ou com as mãos, de tal maneira que o combatente pudesse voltar logo ao seu campo. Se escorregasse, caísse no território inimigo e não fosse arrastado a tempo, ele corria o risco de ser trucidado. Neste jogo em que a violência era ritualizada, cada um dos membros precisava do apoio da sua galera. Havia fortes laços de solidariedade e companheirismo permeando a conduta destes grupos (CYMROT, 2012, p. 172).

Essa violência era encenada e coreografada nos bailes com a intenção de se destacar perante às outras galeras. Todos queriam ser vistos como a galera que se garante (DIÓGENES, 1998, p.104). Tais tipos de atitudes ainda são bastante valorizadas atualmente no contexto das torcidas organizadas quando se pensa na frase “torcida X é boa de *pista*”. Ou seja, aquela torcida não arreda o pé em confusões, tem coragem para enfrentar adversários e não tem fama de ser covarde e fugir da luta. Dentre as diferenças que se pode pensar em relação ao modelo carioca de baile de corredor, aqui geralmente costumava-se dividir os bailes em lado A, lado B e lado C, este último constituindo uma mistura entre pilantras dos dois lados e refugos (DIÓGENES, 2003, p. 108). Nos cariocas a divisão costumava se dar entre A e B.

Ainda sobre a cultura funk local, podemos entender que esse movimento faz parte de uma cultura juvenil e negra diaspórica mundial. Para Paul Gilroy (2001), em sua obra *Atlântico Negro*, sobre a diáspora negra durante o século XX, diz que as marcas de uma cultura diaspórica são tanto a diferença quanto o movimento. A linguista Adriana Lopes (2010, p. 30), faz então uma aproximação entre o funk e outras culturas diáspóricas negras “nesse sentido, funk carioca é uma ressignificação local dessa cultura hip hop, assim como é o *reggaeton* em boa parte da América Latina, o *raggamuffin* no Caribe, o *Kuduro* em Angola”. E como eu comentei no início, toda essa perspectiva está imersa numa cultura jovem que também está num contexto macro. Assim, é mais do que possível de que essas comparações entre os bailes cariocas e cearenses venham a fazer mais sentido, pois eles possuem práticas semelhantes e tem rituais próximos e uma cultura em comum, mesmo ocorrendo em *locus* diferentes.

O baile funk de uma capital nordestina como Fortaleza torna-se um modo juvenil de expressão da estigmatização, da segregação urbana e da exclusão social semelhante a outros que ocorrem em pontos diversos do planeta. As gangues de jovens moradores de periferia, organizadas em torno dos bailes funks, expressando-se através da música, da estética e da violência, tornam-se um modo globalizado de produção e registro do signo relativo ao ser jovem “morador” do outro lado da cidade nesse final de século. Nos bailes funks os jovens transpõem as “barreiras da alfândega”, explicitam a existência da periferia para o centro, expõem “excessivamente” suas

diferenças e, finalmente, instituem, através de rituais não-normatizados, códigos próprios sobre o permitido e o proibido (DIÓGENES, 1998, p.49).

Imerso nesse mar de significação simbólica, o baile funk se situou no território fortalezense e se desterritorializou nas práticas desses jovens de *nomadizar* pela cidade em busca dos agitos. Tal fato gerou tensões, como ainda gera até hoje, vide o caso dos rolezinhos, e provocou movimentações contrárias partindo de setores da sociedade civil instituída e de órgãos governamentais. A mídia também teve um forte papel na estigmatização e criminalização dessas figuras, na desumanização⁷⁵ dessas pessoas, no geral.

Boa parte das galeras e gangues presentes nos bailes também endossava as fileiras das torcidas organizadas cearense. Essa mistura está presente na “gênese da instituição dos bailes e das organizadas no âmbito da cidade de Fortaleza”, segundo a antropóloga Glória Diógenes (2003, p. 111), em sua obra *Itinerários de corpus juvenis*. Segundo a pesquisadora, no início dos anos 1990, com o surgimento da TUF e a retomada da Cearamor, aflorou-se uma forte belicosidade entre os dois lados e, a partir de limitações de práticas de violência nos campos de futebol, buscou-se um lugar para que essa explosão de excessos acontecesse. E esse local era justamente o baile, pois lá era “um lugar em que fosse possível e legítimo brigar com todo o excesso de ira e extravasamento de tensões não permitido no espaço do estádio” (DIÓGENES, 2003, p. 112). Aí se colocam as tensões entre estádio/festa, torcedor/gangueiro, permitido/proibido, transgressão/legalidade, às quais as torcidas organizadas se constroem até os dias atuais.

Por volta de 2001, as equipes de som resolvem acabar com as montagens e bailes que favoreciam ao embate entre seus membros. A partir daí, as festas passaram a apostar numa sexualização no que se chamou de “bailes das popozudas”. As temáticas das letras passaram a ser mais românticas e voltadas para o duplo sentido sexual, além de serem proibidas as antigas práticas de conflitos no corredor. Um DJ, interlocutor de Diógenes (2003, p.115), a explicou que nessa nova fase do funk as festas seriam “pra poder a mulher participar mais e o homem esquecer...ficar mais voltado para mulher, pra namorar, ficar dançando”.

⁷⁵ Segundo HASLAM e LOUGHNAN (2014, p. 401) a desumanização consiste seria “*perceiving a person or group as lacking humanness*”, em tradução nossa, perceber uma pessoa ou um grupo de pessoas como sem humanidade ou atributos humanos. Se no passado essa ideia foi utilizada para subjugar indígenas, judeus e negros (NASCIMENTO, 2015, p.50), hoje essa negação de humanidade é percebida na relação com minorias sociais no geral (NASCIMENTO, 2015; SMITH, 2010).

No Rio, tentou-se inicialmente, para diminuir essa violência nos bailes, a promoção dos concursos de galeras (HERSCHMANN, 2005; CYMROT, 2012). Aos moldes de um programa de auditório, eram feitas competições entre membros de galeras diferentes, nas quais positivava-se a disputa territorial entre estes segmentos através de disputas de danças, coreografias e canto. A disputa girava em torno de escolher “o melhor rap, o melhor MC, o melhor DJ, rei e rainha do baile, o melhor grito de galera, o melhor *striptease*, a melhor coreografa, a melhor torcida, dentre outras” (CYMROT, 2012, p. 175). Contudo, a existência dessas competições não ocasionou o fim dos conflitos, fazendo com que elas passassem a não existir mais depois de um período. Depois de interdições e sanções, a partir do ano de 1999 não havia mais baile de corredor no funk carioca. E, a partir disso, paralelamente com a situação da cidade de Fortaleza, os bailes lá passaram a seguir a estética do pornográfico e das popozudas. Segundo Cymrot (2012, p. 172), a partir desse período, “a lógica guerreira é ressignificada e a disputa passa a ser pela conquista de mulheres no baile e não pela destruição de homens”, a pulsão sexual violenta se volta para a paquera e não mais para o embate físico.

Não apenas muda-se o modo de ser dos bailes em si. O público também acompanha. Se antes frequentavam mais de bermudas e um estilo *surf wear*, agora os homens já se preocupavam mais com o visual, alguns indo de calça jeans e tênis, um estilo mais arrumado. As meninas que já vestiam roupas curtas, passavam a ir com um vestuário mais desinibido ainda. Nesses bailes, tanto na capital cearense quanto na cidade carioca, passaram a acontecer provocações nesse tom e até mesmo intercursos sexuais, como mostra Diógenes (2003)

No baile das popozudas todos, dos lados masculino e feminino, potencialmente podem encontrar-se. Assim funciona “a roda”: as meninas ficam em um canto reservado do baile, onde os rapazes se sentam em cadeiras enfileiradas, e as meninas geralmente usando saias curtas e sem calcinha, dançam ao redor. Quando o DJ para a música, as meninas têm relações sexuais com o rapaz que está à sua frente (DIÓGENES, 2003, p. 117).

A tensão virava tesão. A encenação de batalha campal dava lugar de vez à encenação sexual. E de todo modo, nem com essa mudança de perspectiva em relação aos preceitos da grande festa de sensações que era um baile funk, as galeras deram uma pausa em suas guerras por território. A diferença é que agora as brigas, ao invés de ocorrerem no interior dos bailes da cidade de Fortaleza, ocorriam fora destes, e isso

acabou culminando num final trágico. No início do ano de 2001, uma jovem foi atingida por uma bala perdida, advinda de uma troca de tiros entre gangues, nos arredores de uma praça em frente a um baile. Foi exatamente a deixa perfeita para que autoridades instituídas decretassem a proibição desse tipo de festa. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, algo semelhante também acontecia. Se em meados dos anos 1990 os bailes de comunidade foram proibidos por conta de suas supostas ligações com o tráfico de drogas na cidade, em 2000, os normais e de corredor entraram na mesma égide da repressão (CYMROT, 2012, p.176).

Se existe toda uma pulsão de intensidade entre esses grupos de jovens e, em dada circunstância, isso é barrado, banido, é de se pensar ou esperar que essa pulsão se direcione para alguma outra coisa. E foi justamente o que aconteceu, tanto aqui quanto lá. No caso dos cariocas, além do fechamento de bailes ter aumentado a probabilidade de conflitos entre gangues rivais (em qualquer lugar) e dificultado alguma forma possível de controle (CYMROT, 2012, p.177); além disso, “com a perseguição no *asfalto*, o funk saiu dos clubes, onde as autoridades poderiam fiscalizá-lo, e foi acolhido dentro das comunidades, onde *retrata o cotidiano, personagens e fatos específicos deste espaço urbano* e se sujeita às autoridades locais” (idem, *ibidem*, p.177). Já em relação à situação dos cearenses, tal interdição afetou diretamente outra dessas formas de ser jovem envolvidas no contexto, as torcidas organizadas.

Nesse momento, os bailes funk são terminantemente proibidos em Fortaleza. No estádio a festa da cidade continua, perpassada por dispositivos vários de tentativas de ordenação e refluxo de práticas de excesso, de extravasamento juvenil. Por outro lado, ao findar esses relatos acerca dos bailes, ao perceber o espaço reduzido da festa em relação ao jogo nos rituais juvenis da periferia de Fortaleza, entendi através da fala de Chuchu: “não adianta, não tem um só lugar, não se controla, festa é em todo canto” (DIÓGENES, 2003, p.120).

A partir desse momento, cada vez mais as torcidas organizadas se tornam esse espaço liso de signos do ser jovem. E mesmo que as principais torcidas organizadas daqui (Leões da TUF e Cearamor) não carregassem a palavra jovem em seu nome, elas representavam esse espírito. Inclusive nos lemas de cada uma dessas torcidas isso está presente. “Disposição, coragem e atitude” é o lema da primeira, enquanto o da segunda é “Vibração, união e poder”. São palavras de cunho afirmativo, que procuram mostrar o vigor e a potência dessas agremiações, não só como instituições, mas como algo individualmente entranhado na mente de cada componente do coletivo, tanto no grupo maior, que é a torcida, quanto no grupo menor, que é o seu comando/núcleo respectivo.

Essa ligação entre as organizadas e os bailes funk na capital do Estado deixou como um de seus maiores legados a musicalidade do funk, a qual é presença certa nos rituais desses torcedores até os dias atuais. Irei agora contextualizar um pouco acerca desses gritos de guerra e músicas dentro desse cenário.

4.3 – “Alemão meu papo é reto”: gritos e funks de torcidas como expressão ritual

Desde tenra idade acompanhando futebol e com uma maior presença em estádios de futebol a partir da adolescência, algo que sempre ficou em minha cabeça foram os gritos e cânticos de torcidas organizadas. E isso dizia muito não apenas sobre estar ali no estádio e ouvir toda uma torcida mandar o juiz tomar no cu ou incentivar o seu time. Isso envolvia até mesmo relações na escola, nas quais em feiras culturais e gincanas, as músicas cantadas pelas torcidas eram adaptadas de músicas originárias de torcidas organizadas locais. Isso mostra um pouco da força que essas músicas sempre tiveram no imaginário dos torcedores, sejam eles organizados ou não.

Muitas são as vozes dentro do um estádio de futebol. Desde o tio que passa vendendo marujinho até mesmo algum torcedor ensandecido de raiva gritando e chamando o treinador de burro, todos ali parecem ter alguma voz. Trago para estas linhas a definição de Moraes (2015, p.79), que, aproveitando a descrição de Canevacci (1997, p.15) sobre São Paulo ser uma metrópole polifônica, traz essa conceituação para um estádio de futebol. Pois, como o antropólogo italiano fala, essa cidade polifônica é:

Uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 1997, p.15).

Os gritos de guerra frequentemente entoados pelos torcedores fazem parte desse coro de muitas vozes. Elas têm uma significação e querem dizer algo, além de claro, torcer pelo seu clube. Muitas dessas canções demarcam territórios, estimulam rivalidades, arrefecem paixões, inflamam a massa. Tomei como método para a análise, além de presença etnográfica constante em espaços de excelência dessas canções (nas arquibancadas dos estádios), uma escuta acurada de diversos CDs musicais lançados pela Torcida Cearamor durante a sua existência. Tais discos têm a finalidade tanto de capitalizar financeiramente como uma venda de materiais para a torcida (assim como

bonés, camisas e adesivos, em suas lojas); como também de fazer com que os torcedores apreendam as músicas a serem cantadas nas arquibancadas, em festas e nos seus trajetos pela cidade.

De repente, várias pessoas começaram a olhar pra cima no estádio, pra um setor situado a minha direita, ainda na torcida alvinegra. Tinham pessoas que pareciam brigar ou chamar pra briga, não entendi muito bem de onde eu estava, outras ao lado ficaram gritando e a torcida organizada Cearamor, que não estava envolvida com o fato começou a cantar: “Uh vai morrer! Uh vai morrer”. Eu não tava entendendo nada, chegaram depois polícia e seguranças particulares e levaram um jovem negro que se contorcia e depois deram uma gravata nele e sumiram pelo corredor externo à arquibancada. Perguntei pro moço que estava ao meu lado se ele sabia o que tinha acontecido e ele disse que não, também. No jogo o time continuava em cima até que abrimos o placar. Em uma jogada bem trabalhada, um jogador que não consegui identificar na hora fez o gol e todos os alvinegros explodiram de emoção. Gritos, pulos, abraços e cânticos como o tradicional “Uh é Cearamor” ganharam o estádio e se fizeram ecoar.⁷⁶

A Infraero, empresa que controla a logística de voos nacionais, mudou a chegada do time para o aeroporto velho (um aeroporto menor da cidade, muito pouco usado atualmente), para que assim ficasse melhor o contato dos torcedores com pessoas do clube e não viesse a atrapalhar a rotina diária do aeroporto internacional Pinto Martins. A massa alvinegra, sabedora dessa informação, se dirigiu ao lugar determinado para abraçar o time em mais uma de suas provas de amor incondicional. Com os gritos “A torcida já pediu, dessa vez não tem perdão, volta Vozão pra primeira divisão”, a torcida como um todo ditava o ritmo da celebração no aeroporto. A letra desse refrão era direta e creio que passava bem a mensagem que os torcedores queriam deixar, estamos aqui apoiando mas não fracassem, se nos anos anteriores insucessos foram perdoados, agora dessa vez não teria perdão. Primeira divisão era uma obsessão tanto para a torcida quanto para o clube, pois era lá que todos queriam estar ao final de novembro quando o campeonato chegasse ao seu término.⁷⁷

O eco da polifonia torcedora é algo inimaginável e que escorre para muito além de um simples estádio de futebol. É recorrente a cena costumeira de quem, mesmo que não vá a partida, como vendedores ambulantes que ficam nos arredores da praça esportiva e conseguem ter um pouco de noção do que está acontecendo dentro de campo baseado nos gritos da multidão dentro do estádio. Já ocorreu comigo diversas vezes, em que estava atrasado a caminho do jogo, de ouvir a torcida comemorando um gol ou uma falta perigosa, por exemplo, da parte de fora das arquibancadas. E para quem está contextualizado com essa gramática, os gritos diferem. Há uma determinada entonação para um grito de quase gol, para um grito de gol e para uma comemoração de pênalti ou reclamação de falta. São componentes sonoros da paisagem desse ambiente. Mas isso

⁷⁶ Diário de Campo, 30/04/2017.

⁷⁷ Diário de Campo, 14/11/2017.

escoa, vai além também. Afinal, o segundo trecho de diário colocado acima foi observado dentro de um espaço de aeroporto, que era tomado por uma torcida emocionada, empolgada com a boa fase do time e que resolvia exprimir essa empolgação no voo de volta da equipe em Fortaleza. Afinal, o espaço das torcidas é a cidade toda, não apenas o estádio e seus arredores. Do mesmo modo como terminais de jogos e ruas se transformam quando em dias de jogos, a partir dos rituais dos torcedores.

A história dos bailes funk se confunde com a das organizadas cearenses, como já comentei anteriormente. Os gritos de guerra presentes nos bailes também se mostram como parte desse contexto. Nos disco de Volume 1 da Torcida Cearamor assim como no Disco Oficial das Alas, lançados bem no início dos anos 2000, época em que ainda existiam bailes funk na cidade de Fortaleza, isso fica bem visível. Quase todas as montagens e funks presentes nesses disco são os gritos das galeras que frequentavam os bailes e pertenciam à Cearamor. Não só isso mas também o formato das canções geralmente é o mesmo do que era executado nos bailes, com um formato de versos com refrões curtos e que eram fáceis de ser repetidos e decorados pelos torcedores. Além disso, a territorialidade também está presente nas canções, quando a maioria delas destina-se a falar dos gritos de uma ala⁷⁸ específica ou de alas em conjunto, assim como suas performances na cidade e nos bailes. Colocarei a seguir exemplos dessas músicas:

Ala Oeste

No baile do Menfis esse bonde espancou 7 / Solta o Samuel, solta o Samuel
Que chegou a ala Oeste

Ala Brutal

Soldados de elite, nova geração / Chegou ala brutal / Caçadores de leão
Cearamor, terror, bota moral / Corre tuf gay tá chegando ala brutal

Guanabara, FX, Barra, Olavo

Guanabara dá na cara, FX quebra geral / Barra, Olavo
Cearamor tá na moral / O lado B quem manda / É aliança, é aliança
Uh, a Barra ae, uh uh a Barra ae

Ala Radical

No Bom Jardim, a tuf passa mal / Terror da Cearamor, é a Ala Radical
Se passar da ponte, vai virar finado / Ala Radical, Cearamor bonde malvado

Todas essas canções tinham um refrão de fácil assimilação, de intimidação ao adversário (fosse no baile no ou estádio) e de enaltecimento de seus territórios, como já falei antes. Esse tipo de montagem, bastante presente nessa ligação umbilical entre o

⁷⁸ Naquele período cada bairro da Cearamor formava uma determinada ala. Na torcida rival, a TUF, chamava-se zona ou núcleo.

funk e as torcidas e que ficou marcado nos volumes iniciais da mesma, serviu como inspiração para os cânticos de bairro que até hoje permanecem na torcida. Nesse mesmo ritmo, grupos de diferentes comandos costumam cantar quando de sua chegada nos terminais e nos estádios, os cânticos relativos ao seu lugar de origem, fazendo com que o nome de seu bairro ecoe aos 4 ventos. Segundo Josiane Ribeiro (2011), a questão da força dos bairros é decorrente do fato de que:

Os torcedores parecem estar promovendo uma luta pela significação social de seu bairro, na medida que devolvem a ele a moral, a respeitabilidade. A grande questão reside em asseverar que essa inversão simbólica do significado do estigma se dá através da posse da força. Força é poder. E se a força é poder, é justamente porque a força é a única coisa de que eles dispõem como moeda capaz de conferir dignidade social e pessoal e, ao mesmo tempo, humilhar e denegrir um lugar e um indivíduo. A força que se traduz em várias práticas como exercício e demonstração dela (RIBEIRO, 2011, p.184).

Esses bairros, em sua maioria tidos como territórios estigmatizados, são colocados à margem de muitas políticas públicas e muitos possuem índices alarmantes acerca de condições mínimas⁷⁹ para se viver. O grito desses jovens ressignifica e parece dizer: ei, eu sou de lá! Não tenho vergonha. E não só isso como fala que o seu bairro “tá na moral”, “tem disposição”, “se garante”. Positiva-se, de maneira violenta, o pertencimento àquelas determinadas regiões.

Luiz Henrique de Toledo (1996), em sua obra seminal “Torcidas Organizadas de Futebol”, coloca os gritos de guerra e xingamentos como algo pertencente aos torcedores de um modo geral, contudo, que acaba ficando mais ligado às T.O.’s por conta de sua constante renovação de cânticos e por essas agremiações os utilizarem “como via de comunicação de maneira mais sistemática e enfática”. Segundo o mesmo autor, tais verbalizações e insultos constituem a *ordem cósmica do jogo*.

Tal ordem, sugerindo um confronto, coloca em evidência os estereótipos sociais entre as classes, a oposição e os papéis desempenhados e atribuídos aos sexos (futebol é pra homem), as fissuras entre público e privado, as relações de poder (tudo quando é cartola é ladrão) (TOLEDO, 1996, p.65).

É justamente esse o ponto o qual acredito que seja o cerne da questão. Os funks, gritos de torcida, compõem um horizonte de *práticas*, que assim como fumar

⁷⁹ Bairros como Jardim Guanabara, Barra do Ceará e Bom Jardim possuem péssimos Índices de Desenvolvimento Humano. Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, tais bairros de índices piores do que o país mais pobre do mundo, o Níger (IDH 0,348). Jardim Guanabara é o melhor colocado dos citados com 0,325; enquanto Barra do Ceará possui 0,215 e Bom Jardim 0,194. C.f FORTALEZA (2014); PNUD (2015).

maconha no estádio, nomadizar e “tocar o terror” pela cidade, fazer grandes festas em aeroportos, acompanhar o time em outros Estados e estádios, definem o ser torcedor organizado. E isso constantemente parece pôr em xeque o instituído. O limite entre permitido e proibido, tensiona o politicamente correto e o incorreto. Isso define os rituais dos organizados.

Ainda sobre as músicas funks das torcidas, a partir do disco Cearamor volume 2, percebe-se uma mudança temática. As músicas deixam de ser em sua maioria apenas enaltecidas dos feitos de cada ala, e passam a também comentar sobre jogadores e feitos do clube em específico. Músicas como “Sacode o PV, faz leão virar gatinho / Tem que respeitar, o carrasco do Zezinho” exemplificam isso. Também se começa a pensar na ideia da Cearamor mais como um todo, com as músicas voltando-se não tanto para as divisões interbairros e sim na torcida como unidade. Além disso, neste disco temos uma música de mais estrofes, com mais letra, algo que futuramente viria a ser mais e mais frequente. Também nesse álbum se inicia a produção de paródias de músicas populares brasileiras, outra característica que se tornaria constante dentro desse contexto.

O *ethos* que se pinta do eu-lírico, torcedor organizado pertencente à Cearamor, ao longo dos discos, é como alguém bastante fanático, intenso, alucinado pelo seu clube e pela sua torcida e que é capaz de fazer praticamente tudo para ser excessivamente parte dessa paixão. Esse tudo inclui “dominar os estádios”, “acabar com o Castelão e acabar com o PV”, “expulsar os alemão”, “matar o Leão”, “dar show”, “cantar a festa”, “vibrar o tempo inteiro”, em resumo: “dominar a cidade” e “ser o poder”. Mas também é alguém que chora e se emociona ao lembrar dos amigos de torcida que se foram; além de criticar as autoridades e mídia por defenderem a proibição das organizadas, e de pedir pela liberdade da instituição.

Do volume 3 até o 9, foi aumentando gradativamente os níveis de exacerbação da violência nas letras e também nos sons das montagens. O que se iniciou com barulhos de tiros, sons de bomba explodindo ao longo das canções, além sons de golpes de jogos de luta de videogame, se intensificou também com uma maior quantidade de letras “esculachando” o rival e enaltecendo a si mesmo como os melhores dentro e fora de campo. Além de isso, canções com ofensas de tom homofóbico também aumentaram nesse período, tornando-se costumeiro a referência ao rival como “gay” ou de incitar dizendo que iria “comer o cu do adversário” ou “fazê-lo tomar no cu”. O

componente de classe também apareceu, embora de forma menos recorrente que o de gênero, dentro dessa perspectiva, com cânticos que endossassem o fato de a Cearamor “ser playboy”, enquanto a TUF “só tem mendigo”.

Uh saiu vuado! (Cearamor Volume 5)

Quando vai pro Castelão / Cearamor fica maluco / De soco e pontapé,
Sai quebrando todo mundo / Se não for alvinegro / É melhor ficar atrás
Se tu ficar na frente / pode crer que você cai / Porque lá só tem maluco,
Cearamor só tem malvado / Sai quebrando todo mundo / se tocar o sai vuado
Tu saiu vuado, tufgay todo quebrado!
(barulhos de tiros)

Cearamor quem manda aqui (Cearamor Volume 5)

Cearamor quem manda aqui / tuf gay não manda não / Nosso bonde é que
comanda lá no novo castelão / Sou filho de terrorista / levo bomba e rojão
Solta aí DJ Kadinho / A melô da explosão / Há há há, vai rolar destruição
Cearamor corre pra cima / na montagem da explosão

Tá na atividade (Cearamor Volume 8)

Agindo certo sem vacilação / Na Cearamor é só disposição / Mexeu com a
TOC vai se arrepender / Aqui o bagulho é louco você pode crer / Sabe por
que? / Tá na atividade esse é o bonde alvinegro / Tá na atividade Cearamor
bonde guerreiro (2x) / É o lado B que comanda geral / Em toda a capital
somos a moral / E os alemão que só sabe correr / Essa cambada de cuzão não
dá pra combater / Essa é a vida que você escolheu / O bicho pega você tá
ligado / O meu vozão vou sempre defender / Eu sou da Cearamor o bonde
bolado / Fecha com o certo sem vacilação / Na Cearamor é só disposição
Mexeu com a TOC vai se arrepender / Aqui o bagulho é louco você pode crer
Sabe por que? / Tá na atividade esse é o bonde alvinegro / Tá na atividade
Cearamor bonde guerreiro (2x)

Proceder da TOC (Cearamor Volume 9)

Cearamor, maior do Nordeste, essa torcida quem não viu / para pra ver, pra
ver / Sou da TOC, o terror do lado B, com vibração, união e poder, pode crer
Pra ser da Cearamor, atitude tem que ter / Humildade e disciplina / mostra aí
seu proceder / Pois na TOC é nois / e vale a consideração / Tem que ser
sujeito homem / e nunca falhar na missão / Seja na periferia ou no asfalto
é nois que tá / O certo é o certo demorou geral formar / Os granada sem pino,
pode crer é só guerreiro bonde dos linha de frente arregaça os cu vermelho
Esse papo de dar tiro, é maior vacilação / Jogo doido é no punho quero ver
fazer na mão / No aeroporto os alemão se arregou / Saíro tudo vuado
Cearamor botou terror / E na frente da sede eles tentaram brotar mas a TOC é
malvada / tuf gay levou azar / Cambada de arregueiro se esconderam no
busão / na avenida João Pessoa / a TOC é disposição / Cearamor, maior do
Nordeste, essa torcida quem não viu para pra ver, pra ver / Sou da TOC, o
terror do lado B, com vibração, união e poder, pode crer / Sem neurose, sem
caô, muita fé no coração

A disputa territorial que antes era mais no espaço do baile preenchia com tudo todos os espaços de dentro da torcida organizada, segundo consta nas letras. Fosse pela cidade, no aeroporto, em avenidas, no Novo Castelão. Todos os lugares podem ser um local simbólico de disputa para os organizados. Os meios para se derrotar o outro se diversificam e podem ser socos e pontapés, podem ser vitórias em campo, podem ser

bombas e rojões. O que não se admite é que seja visto como fracassado, como alguém que foge e corre do confronto, que arrega.

As duas últimas músicas colocadas, trazem termos e uma lógica próxima dos funks proibidos cariocas. Termos como “certo pelo certo”, “fecha com o certo”, “bonde dos linha de frente”, “alemão arregou”, que costumam estar na gramática dessas obras supracitadas. Segundo FERREIRA; ARAGÃO e ARRUDA (2010), a ligação entre funks de torcidas e funks proibidos ligados às facções criminosas cariocas é bem corriqueira e usual, quando muitas das torcidas utilizam da estética dessas canções, tanto sonora quanto verbal, para colocar suas letras em específico. Além disso, sobre as sonoridades de efeitos de bombas e tiros presentes, esses autores dizem que:

Há também os sons que são ou se assemelham a tiros de metralhadoras, fuzis e outras armas, ou distorções nas letras cantadas a fim de produzir sensação de medo em quem ouve, além de uma maneira de cantar que revela no volume e no timbre rouco uma identidade vocal específica. Esses elementos compõem com as letras violentas um universo particular e contribuem para o mergulho do ouvinte nele, trazendo a sensação de comungar com aquele mundo ao ter acesso a essas músicas (FERREIRA; ARAGÃO; ARRUDA, 2010, p. 44).

Nesse caso, a sensação de medo que se procura colocar é nos rivais, de que fiquem amedrontados com o poderio simbólico da torcida alvinegra. Toledo (1996, p.65), divide os cantos em 4 categorias: de incentivo, de protestos, intimidadores e de autoafirmação. Pude observar, também fazendo esse levantamento histórico dos cânticos, de que paralelamente a esse reforço do *ethos* violento, foram aparecendo timidamente cânticos de maior incentivo, com o passar dos anos. Até que culminou nos discos 9,10,11 e 12, em que já havia bem mais músicas de incentivo, apesar de ainda conter os cânticos intimidadores, além de outras em que se misturava as duas características com a de autoafirmação também.

Essa adequação e uma maior preocupação em fazer músicas que tivessem um incentivo maior para o time e os jogadores partiu de muitas cobranças de outros torcedores comuns e organizados, que exigiram da maior organizada do clube que suas canções fossem mais nesse tom. Isso justamente culminou com um período do time em que boas campanhas foram feitas (2009, 2010) e o time esteve na Série A e venceu a Copa do Nordeste (2015), fazendo com que a massa de torcedores como um todo passasse a exigir mais da torcida organizada, nesses aspectos. Um dos meus interlocutores de pesquisa, que já fez parte da TOC e hoje endossa as fileiras de outra

organizada do clube, comentou comigo sobre essa antiga prática da torcida de enaltecer mais a si do que incentivar o próprio clube. Jefferson diz que teve cadastro na Cearamor e tem até hoje carteirinha, guardada, “mas aí é, sei lá, questão de pensamento mesmo, e até com os amigos, a gente foi evoluindo essa ideia de que a gente queria mais gritos voltados para o time e não tanto para a instituição Cearamor ou Fúria ou MOFI ou qualquer outra. Gritos mais de apoio, basicamente”. Com essa crítica e de vários outros torcedores, a torcida foi se renovando e pensando mais nessa perspectiva, num processo gradual, obviamente, é o que podemos ver nos cânticos listados abaixo:

Coração alvinegro, pode crer (Cearamor Volume 9)

Meu, coração é alvinegro pode crer / Sou da Cearamor e tenho orgulho em dizer / A TOC é considerada torcida de tradição / São 27 anos de amor e dedicação / Não importa o que digam nunca vou te abandonar / Meu querido vozão, a tua glória é lutar / Desde 82, mostramos no dia-a-dia / Defender o alvinegro essa é nossa ideologia / Na arquibancada cada jogo é emoção
Olha o maior do mundo se liga no bandeirão / É o gigante negro da maior da capital / Fizemos nossa história no recorde mundial / Eu não posso deixar de falar na nossa sede / É uma das melhores em todo norte e nordeste / Nossa academia só tem lutador sinistro / Muay thai e vale-tudo arrebeta no jiu-jitsu
Torcida que contagia e sacode todo Estado / É o bonde preto e branco
Cearamor só tem bolado / Oh meu Ceará, joga com alma e coração / Quero ver meu alvinegro na primeira divisão / Onde nosso vozão joga a Cearamor está presente / As caravanas da TOC é só bonde chapa quente / Os comando fortalece fazendo a união / Todos bairros unidos mostrando disposição
Fazemos a diferença em toda a capital / Ponta a ponta é tudo nosso
Cearamor é a moral / Várias lojas pra você espalhada na cidade / Nosso material é de primeira qualidade / Forte abraço para os mano e toda a diretoria / Firme e forte pela TOC fazendo as correria / Pro bonde feminino um beijão no coração / Elas encantam os estádio com charme e vibração
Os projeto sociais eu não posso esquecer / Ajudando a quem precisa viemos fortalecer / Torcida organizada Cearamor é nois ae / Esse é o bonde alvinegro / Ceará até morrer / Meu, coração é alvinegro pode crer / Sou da Cearamor e tenho orgulho em dizer / A TOC é considerada torcida de tradição / São 27 anos de amor e dedicação

Estaremos contigo (Versão Brasília Amarela) (Cearamor Volume 9)

Ceará estaremos contigo / Tu és minha paixão / Não importa o que digam
Sempre levarei comigo / minha camisa alvinegra / e a cachaça na mão
O estádio me espera / vai começar a Festa / Eu sou Ceará (3x)
Vozão me deixa doidão / Eu sou Ceará (3x) / Vozão do meu coração

Bateria (Cearamor Volume 10)

Bateria nota mil, que sacode o estádio / Quando toca é na moral, humilhando o outro lado / Essa bateria é show / É a mais considerada / Pois nós somos Cearamor / O terror da arquibancada / Vai, bateria, sacode geral / A melhor do Estado que sacode a capital / Vai bateria, toca o terror / Quem balança o Nordeste é a torcida Cearamor / Olha quem chegou, bate palma quem não viu
Putá que pariu, bateria nota mil

Sempre eu vou ser (Cearamor Volume 11)

Alvinegro / Sempre eu vou ser / Estou contigo, até eu morrer / Ceará, sempre vou te amar / Eu te prometo / Nunca abandonar / Dale dale dale alvinegro
Dale dale ô / Vamos com raça, pelo meu vovô

Sou alvinegro sim senhor (Cearamor Volume 12)

Alô Força, Independente! / Alô Cangaceiros, alô Setor Alvinegro / Alô Ceará Chopp, Alô Fúria Jovem / Eu quero ver geral cantando com a Cearamor assim oh / Sou alvinegro sim senhor / E bebo todas que vier / Só pra apoiar meu vovô / Meu único amor / E dale dale, meu vovô (3x)

E comparecendo aos jogos é nítido que na maioria das partidas pude perceber que boa parte dos cânticos se misturava entre apoio e autoafirmação. Claro que os de intimidação ainda existem e também fazem parte do que é o simbolismo e ideologia da torcida organizada, mas, nas arquibancadas, esses não são necessariamente a maioria, como em outros tempos. Esses fenômenos também são sazonais, em determinadas partidas de rivalidade mais afluída, como em confrontos contra o maior rival, o Fortaleza, ou em jogos contra torcidas rivais (dentro do sistema de alianças), são cantadas mais músicas intimidatórias do que em outras partidas que não tenham tanto grau de rivalidade. Isso pode ser presenciado em partidas contra Fortaleza e contra o Vila Nova (time que possui torcida aliada à TUF), nos quais uma parte das músicas cantadas se destinava a tripudiar e intimidar o adversário.

As mais de 270 músicas da Torcida Cearamor que listei estão presentes nos discos de Volume 1 a 12; além dos álbuns especiais Carroça Desembestada e CD Oficial das Alas. Também se somam a essas algumas avulsas as quais escutei em estádios de futebol, nos jogos desse período de pesquisa. Dentre esse número, separei 50 canções e as organizei numa tabela, livremente inspirando-me em Durkheim (2013), Ribeiro (2011) e Toledo (1996). Do sociólogo francês veio a ideia depois da leitura do livro “O suicídio”, através do qual pude observar como os dados organizados em tabelas podem dar uma riqueza para a pesquisa, e junto com isso, pensei nas categorias criadas por Toledo sobre os cânticos e tive por base a tabela criada por Ribeiro em sua obra também sobre as músicas das alas. Assim, organizei uma tabela com características que designei de cada funk para uma melhor compreensão. As músicas não foram escolhidas de forma aleatória, mas sim com um propósito. Separei 50 que considero possuir inferências tanto na questão de gênero, assim como também alguma característica de classe social e raça.

Tabela 3 – Músicas da Cearamor com conteúdo de gênero, classe e raça

	Álbum/ Volume	Música	Categoria	Definição de si	Definição do outro	Ação sobre o outro
1.	Volume 5	Pede arrego e sai voadado	Intimidação; Autoafirmação	Bonde	Alemão; Tuf gay otário	Expulsa; Faz pedir arrego e sair voadado
2.	Volume 2	Expulsa, expulsa	Autoafirmação; intimidação	Cearamor; alvinegro	Raça do cu vermelho	Expulsa; não tente encarar o nosso bonde
3.	Avulsa	Cadê Bandeirão	Intimidação; Autoafirmação	Preto e branco; Reconhecido; A maior do Nordeste	Tuf gay	Rouba, rasga e queima o bandeirão adversário; ameaça de tomar novamente
4.	Volume 5	Cearamor quem manda aqui	Intimidação	Bonde que comanda; Filho de terrorista	Tuf gay	Vai sofrer com bomba e rojão; Vai rolar destruição
5.	Volume 9	Nordeste é o poder	Autoafirmação	Terror; Maior do Estado; Poder; Bonde bolado; Maior da cidade; Torcida que estremece; Tormento; Paz, justiça e liberdade	Cu vermelho	Apenas lamenta pelo outro
6.	Avulsa	Se tocar o expulsa, expulsa	Intimidação; Autoafirmação	Bonde sinistro; brigam com o baile todo	Tuf gay	Faz passar sufoco; quebra; joga no lixo
7.	CD Oficial das Alas	Ala Terror	Intimidação; Autoafirmação	Filhos de Saddam Hussein; Amedronta Bin Laden	Tuf gay	Faz pedir arrego
8.	Volume	Urubus vestem	Autoafirmação;	Guerreiros; Caçadores de cu vermelho; O terror dos alemão; Tem disposição; Estremece; Faz barulho no	Cu vermelho; alemão;	Caça; Bota terror;

	8	preto	Intimidação; incentivo	estádio; Ceará de coração; Possuem o maior bandeirão do mundo; Tem emoção e vibração; Bonde considerado; Urubus que vestem preto	comédia; imundos	humilha; cala
9.	Volume 5	Liga pro zoológico	Intimidação; Autoafirmação	Matador de leão; Não dispensa	Leão; Tuf gay	Mata; Não dispensa; Come o cu
10.	Avulsa	Stella eu sei que você treme	Intimidação; incentivo	Inalcançáveis; Maior do Estado	Stella; Leão	Faz tremer; Diz que o rival morrer na série C
11.	CD Especial - Carroça Desembe stada	Peia no leão	Autoafirmação (negação do outro); intimidação	Sou de primeira	Leão gay; Stella acabada; Carniça; Fudida; Carniçada	Faz apanhar
12.	Avulsa	Cai, cai leão	Autoafirmação (negação do outro)		Leão gay	Faz cair (de divisão)
13.	Volume 5	Raça do cu vermelho é melhor sair daqui	Autoafirmação; intimidação	Cearamor até morrer; Preto e branco no corpo; Maior torcida do Nordeste; 20 anos de moral	Raça do cu vermelho; Tuf gay; Esses tal de tricolor	Destrói; Dá porrada; Arregaça; Bota moral
14.	CD Oficial das Alas	Risada o tempo inteiro	Autoafirmação; intimidação		Tuf gay; raça do cu vermelho	Ri dos rivais; Manda expulsar; Tira onda; arromba o cu do adversário
15.	Volume 4	Aqui é só playboy	Autoafirmação; intimidação	Playboys	Tuf	Será destruído
16.	Volume 5	Tuf gay passa mal	Autoafirmação (negação do outro)	De mizuno e cylonde	Tuf gay; Sem dinheiro; Pé descalço; Passa fome; Camisa Rasgada; Barraco caído; Mendigo	Faz passar mal
17.			Autoafirmação;	Alvinegros; guerreiros;	Carniça;	Faz tomar no cu; Faz

	Volume 4	Somos urubu	intimidação	urubus; comedores de carniça	leão; cu vermelho	correr; Será comido
18.	Volume 6	TOC chegou (Versão de Maimbê Dandá)	Autoafirmação	Cearamor em todo lugar; Maior do Ceará; Maior do lado B	Gay	Faz babar
19.	Volume 6	Bonde preto e branco tem poder de sacudir	Autoafirmação	Bonde preto e branco; O terror que manda aqui; Onde preto, branco, rico e pobre são irmãos		
20.	Volume 7	Medley Bonde Feminino	Autoafirmação	Terror das arquibancadas; As gata da Cearamor; Só tem gatinha; Não dá mole; Só tem filé; De blusinha, shortinho e um corpo bronzeado; Chega de mansinho; Faz charminho; Dá show		Recebe charme e porrada no meio do corredor
21.	Volume 7	Só na moral, só na moleza (Versão Risca Faca)	Autoafirmação; intimidação	Bi-tetra estadual; Terror do Castelão; Tem o Mais Querido dentro do coração; Cor que domina a capital; Bolados	Carniça prepotente; Buchada; Curral; Bostaleza;	Fez se lascar; botou pra passar mal; foi dominado; teve a festa acabada; fez tomar no cu; teve faixa tomada
22.	Volume 8	Cearamor disposição	Autoafirmação; intimidação	Tá de caseira e rojão; Torce com vibração; Preto e branco; Tem disposição; É quem manda em qualquer lugar; Tá na pista;	Alemão; cu vermelho; comédia	Faz se complicar; Invade; Bota Terror; Baleará; Sequestra
23.	Volume 8	Sonhei que tava no Castelão (Versão Pagode	Autoafirmação; intimidação	Galerão; Torcida nota mil; Bateria que arrepiá;	Tuf gay; torcidinha de viado; JG3; Bafo gay; Pequeninh	Deixa calado; bota pra

		Russo)		Destrói os alemão; Estilo pesadão	a; só sabe copiar; alemão	correr; destrói
24.	Volume 8	As gata da Cearamor daquele jeito (Versão De sainha)	Autoafirmação; intimidação	As gata da Cearamor; Galerão; Guerreiras Alvinegras; Bonde feminino	Vadia; As pilantras	Faz se arregar; Bota pra correr; Espalha charme e porrada no corredor
25.	Volume 8	Cearamor é mau	Autoafirmação; intimidação	Boto moral; o maior da capital; boto terror; alvinegro com amor; Bonde ligado; Disposição; Só fecha com os irmãos; Mau	Otário; Arregueiro; Filha da puta	Faz passar mal; Mete o pau
26.	Volume 9	Proceder da TOC	Autoafirmação; intimidação	Maior do Nordeste; Terror do lado B; Vibração, união e poder; Atitude; Humildade; Disciplina; Sujeito homem; Nunca falha na missão; Os granada sem pino; Só Guerreiro; Bonde dos linha de frente; Malvada; Bota Terror	Cu vermelho; Alemão; Tuf gay; Arregueiro	Arregaça os cu vermelho; brigam na mão sem arma
27.	Volume 9	Uh, estremece!	Autoafirmação; incentivo	Lota o Castelão; Bonde que estremece; Maior do Nordeste; Maior da capital	Torcidinha arregueira; Vergonha de Fortal; Otários; Tuf gay	Calará a boca

28.	Volume 9	Chora, carniça! (Versão de Chora, me liga)	Autoafirmação (negação do outro)	Meu Vozão no G4	Carniça; Tricogay; Time ruim; Terceira divisão; Fudida	Faz o outro implorar para voltar a enfrentar o Ceará
29.	Volume 9	Chora, carniça! (Versão de Chora, me liga)	Autoafirmação (negação do outro)	Aqui não tem miséria	Come manga; Vende almoço pra comprar a janta; Carniça calada; Carniça tricolor; Segura a lanterna; Tuf gay	Faz ficar calado; Deixa o adversário na lanterna
30.	Volume 10	Firma forte e milionária	Autoafirmação	Torcida que sacode; Tá com o time joga a joga; Lota; Vibra; Pede raça; Terror das organizadas; Bonde considerado; Maior do Estado; Tirou onda em rede nacional; Firma forte e milionária; Bonde que nunca desiste	Cu vermelho	Cala a boca do adversário
31.	Volume 10	Na Série C	Autoafirmação (negação do outro)	Elite; Série A	Bostaleza; Carniça; Tuf gay; Leão; Time de terceira; Pede esmola	Verá o outro levar sacode, tremer de frio, levar peia, levar pisada n joelho, jogando em campo cheio de buracos e pedindo esmola; verá o outro se fuder
32.				Tem pegada;		

	CD Especial - Carroça Desembe stada	Posição da rã	Autoafirmação	Bam bam bam; Potente; Bota quente na pressão; Moleque alvinegro que bota terror; Pega a novinha até de manhã	Tricogay	Foi dispensado e trocado por um moleque alvinegro
33.	CD Especial - Carroça Desembe stada	Já sofri humilhação (Versão de Vou não, quero não)	Autoafirmação (negação do outro); Intimidação	Meu vozão é de primeira; meu vozão é Série A	Leão; terceira divisão; timinho; bando de gay; boiolão	Faz sofrer humilhação; Faz chorar
34.	CD Especial - Carroça Desembe stada	As stellas ficam loucas (Versão de Elas ficam loucas)	Autoafirmação; intimidação	Sou o terror; sou a maior; Só tem considerado; Agita o estádio	Tuf gay; Stella; Doida; Louca; Torcidinha; Terceirinha; Comedor de manga	Faz ficar calado; faz enlouquecer
35.	CD Especial - Carroça Desembe stada	Pega o beco seu doidim	Autoafirmação; intimidação	É o poder; Faz a cidade tremer; Elite; Maior da arquibancada; Tradição no Nordeste;	Leão gay; doidim; casaqueiro	Faz tremer; faz pegar o beco
36.	Volume 11	Vivo essa paixão (Versão de Wavin Flag)	Incentivo	Viciado no alvinegro; Tem o Ceará no coração; É o time do povo; Glorioso; Vitorioso		
37.	Volume 11	Fala mal do alvinegro (Versão de Fala mal de mim)	Autoafirmação; intimidação	Puxa o bonde; Sou da maior do Estado; Quem manda; Não dá moral; Vovozete	Leoninas; Modistas; Recalcada; Time fraco; Fã incubada da vovozete	Faz o outro sumir; faz ela se desesperar; ficará perdida se entrar no caminho da vovozete
38.	Volume 12	Deixa passar	Autoafirmação	Um só galerão; Comandos unidos		Fazem deixar passar o galerão da Cearamor; Botam terror
39.				O bonde que manda em		Faz se arregar;

	Volume 7	Fudeu, Cearamor chegou	Autoafirmação; intimidação	qualquer lugar; Bonde chapa quente; Torcida nota mil	Tuf gay	Deixa o Castelão em chamas
40.	Volume 8	A TOC é forte	Autoafirmação; intimidação	Forte; Bonde que não tem caô; Maior da capital; Veste o preto do terror; Não dispensa os inimigo; Não perdoa; É o poder; Bota pra fuder; Passa o rodo	Puf gay; verme; inimigo	Fez o outro entrar em pânico; Não será dispensado; Não será perdoado
41.	Volume 8	Não tem caô	Autoafirmação; intimidação	Bonde sem caô; Choque; Terror dos alemão; Só tem bolado; Bonde gigante; Sacode na moral; Sinistro; Guerreiro; Lado B	Alemão; comédia; cu vermelho	Esculacha; Sacode; Faz passar mal; Maltrata
42.	Volume 8	A TOC vai te pegar (Versão Tropa de Elite)	Autoafirmação; intimidação	Urubus de preto; Vai para o estádio; Apoia o Vozão; É pior que o Satanás; TOC de elite; Osso duro de roer; Pega um, pega geral	Tuf gay	Se pegar o outro será pior que o Satanás; Faz correr
43.	CD Oficial das Alas	Botamos o terror	Intimidação	Bota terror	Tuf gay; falange; raça do cu vermelho	Fez sair vuado; Foi quebrado; Foi deixado de joelho; foi expulso
44.	CD Oficial das Alas	Nada nos amedronta	Autoafirmação; intimidação	Nada os amedronta; Cearamor Jiu-jitsu; Bonde da maldição; O terror do corredor	Tuf; tuf gay; leão; bucha tricolor	Acaba com a TUF; Bota pra ir pra casa mais cedo; Dá mata leão e arm lock voador
45.	CD Oficial	Ala José Walter	Autoafirmação; Intimidação	Furacão; Chapa quente	Tuf gay	Deixa no chão;

	das Alas					Devasta
46.	Volume 2	O comando é o comando	Autoafirmação; intimidação	Bonde preto e branco; o comando; Só tem destruidor	Tuf gay	Faz sair vuado
47.	Volume 3	Sai, carniça	Intimidação; autoafirmação	Bonde preto e branco; Cearamor até morrer	Carniça	Acabou com o Castelão e PV; Faz sair o outro; Dará o osso da carniça pro cachorro; Fará linguiça com a carne da carniça
48.	Volume 4	Venha zuar aqui no PV (Vocal feminino)	Autoafirmação; incentivo	Torcida arretada; Faz a festa sem parar; Agita e pula		Faz o bicho pegar
49.	Volume 5	Uh saiu vuado!	Intimidação; autoafirmação	Malucos; Quebram todo mundo; Malvados	Tuf gay	Dá soco e pontapé; Quebra todo mundo que não for alvinegro; Faz o outro sair vuado
50.	Volume 5	Não se mete, não se mete	Intimidação; autoafirmação	A maior do Nordeste; Comanda a cidade; Faz o terror	Cu vermelho; otário; tuf gay; bambi	Faz o outro se machucar; destrói

5. AFIRMAÇÃO DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E PERFORMANCE TORCEDORA

5.1 – A construção da masculinidade hegemônica no futebol

“Não se nasce um homem viril, torna-se um homem viril”. Alterei a famosa frase clássica de Beauvoir, baseando-me na provocação de Bandeira (2010) e Bauberót (2013) para dar o pontapé deste capítulo. Para muitas pesquisadoras e pesquisadores (BUTLER, 2003; GROSSI, 1998; MOORE, 1997) tanto o conceito de sexo quanto o de gênero são construções culturais, então, a partir dessa concepção, pode-se pensar na ideia de que essas masculinidades também o são, e assim se perfazem e performam ao longo da vida dos sujeitos. Cabe ainda frisar que os estudos de masculinidades estão situados dentro do campo dos estudos de gênero e é nessa perspectiva que prosseguirei o trabalho.

A sexualidade pode ser entendida como as performances as quais os sujeitos produzem e praticam suas pulsões sexuais e formas de desejo, as quais podem ser de matizes heterossexuais, homoafetivas, bissexuais, etc. Até mesmo essa sexualidade também é construída socialmente, segundo Weeks (2010).

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. De fato, juntamente com Carole Vance (1984), estou sugerindo que o órgão mais importante nos humanos é aquele que está entre as orelhas. A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico (WEEKS, 2010, p.38).

Weeks, assim, não coloca simplesmente como algo dado, biológico, mas sim que têm tanto componentes naturais como sociais intrincados dentro dessa perspectiva. Baseado nesses pressupostos comentados sobre essas construções, também podemos enxergar a elaboração do *ethos* de masculinidade presente nos estádios de futebol. Existe toda uma gramática acerca disso, e de como seguir e se portar socialmente nesse espaço através destas, até porque, segundo Damo (2017), tem-se a impressão de que, por ser um ambiente de extravasamento e festa, tudo é permitido ser feito e dito dentro de um campo de futebol, o que não é verdade.

Pelo fato de que nos estádios é permitida a expressão pública de sentimentos, de uma maneira tal que são interditos em outras esferas da vida social, tem-se, por vezes, a impressão equivocada de que tudo pode ser dito. Minha

convicção é de que o espetáculo produz, a partir dos múltiplos pertencimentos em interação, um estado de ânimo alterado, uma espécie de transe. Não obstante, num estádio não se diz tudo o que se quer, pois há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos e da afetividade masculina (DAMO, 2017, p. 83).

E no rol dessa gramática simbólica do futebol está fundamentalmente a masculinidade dos torcedores. Bandeira (2010, p.348), em sua pesquisa com torcedores gaúchos de Internacional e Grêmio, sistematiza esses aspectos em 4 eixos diferentes, que são: “raça, garra e luta”; “violência e socialização”; “um amor de macho; masculinidades subalternas”. É possível pensar com essas categorias para analisar performances torcedoras na cidade de Fortaleza também.

Sobre a primeira, é constante o número de vezes em que a torcida pede raça pro time, principalmente quando se está perdendo, um grito que sempre acontece nas arquibancadas, puxado pela Cearamor é: “Queremos raça, o time todo”. Além de várias outras canções que citei no capítulo anterior, que conclamem que o time tenha raça, que lute até o fim. É um tipo de uma sociabilidade guerreira, que conclama que mesmo que se perca a luta, que se batalhe sempre até as últimas consequências. E os torcedores/jogadores que não compram esse discurso são vistos como frouxos ou algo do tipo. É frequente nas arquibancadas, quando o time está perdendo, que alguns torcedores saiam mais cedo, antes do jogo acabar, e estes ao saírem muitas vezes escutam de outros: “Já vai tarde secador”, “Vai embora, zicador”, jocosidades que se expressam dentro dessa lógica.

A segunda categoria, “violência de socialização”, também está intrincada nas torcidas daqui. Não só nas organizadas, diga-se de passagem, pois, mesmo que o senso comum imagine que a violência nesse esporte tenha ligação quase que exclusiva com as T.O.’s, nas práticas as coisas são diferentes. Cenas como torcedores comuns sendo agressivos, xingando e até mesmo brigando entre si nos estádios são corriqueiras. Eu mesmo já levei um tapa nas costas certa vez na arquibancada por estar em pé na frente de um torcedor comum indignado com a minha presença em pé na sua frente. Os organizados, por sua vez, têm na violência, tanto a simbólica quanto a concreta, uma forma de expressão de intensidades e reversão de estigma negativo, como falei anteriormente. Dentro do ritual do torcedor organizado existe uma violência permitida, como a dos batizados, por exemplo, sobre a qual falarei melhor posteriormente.

As duas últimas categorias: “amor de macho” e “masculinidades subalternas” estão bastante ligadas uma à outra. Isso é algo muito interessante a se pensar, pois, a todo momento, dentro de uma perspectiva clubista, existe a rivalidade e a competição de dizer que o meu time e torcida é melhor do que o do adversário. E quando este é o grande rival, as coisas se acirram. O bom é o meu o outro é o ruim. Contudo, os termos de expressão disso costumam ser desqualificando o outro como “gays”, “carniça”, “mendigo”, “bambi”. Ao mesmo tempo em que se propaga o amor ao seu time, e conseqüente aos outros torcedores que compartilham da mesma paixão e crença. É um sentimento de todos os de um mesmo lado unidos por um ideal, todos apaixonados por determinada equipe. E acontece de no momento de um gol esses machos se abraçarem, suados, enquanto que simultaneamente possam “esculhambar” o adversário o colocando como subalterno, o que também não deixa de ser uma forma de sociabilidade violenta.

Em muitas observações de campo e em vivências que o antecederam, em experiência como torcedor de futebol em estádios e também com a dinâmica esportiva para além jogos, que envolve noticiário midiático, dia a dia presencial do clube, diálogos com outros torcedores em praças e espaços da cidade, percebo como o espectro de uma masculinidade hegemônica e dominante circunda o futebol no Ceará e no Brasil, até mesmo no mundo, de uma maneira geral, e como isso se mostra em diversas práticas.

De acordo com Gastaldo (2010), em seu artigo sobre as relações jocosas futebolísticas no Brasil, a sociabilidade que envolve o esporte futebol no Brasil é marcadamente generificada pois:

a cada rodada de um campeonato — e sempre há um campeonato ou torneio em andamento — as relações de força entre as equipes se alteram, motivando um circuito de sociabilidade cotidiana, marcada por um forte viés de gênero. Embora nos últimos anos tenha havido um expressivo crescimento da participação feminina no universo futebolístico (que se manifesta não só na audiência, mas também dentro de campo, vide o sucesso internacional conquistado pela Seleção brasileira de futebol feminino), este universo continua a ser simbólica e hegemonicamente um território masculino (GASTALDO, 2010, p.314).

Sendo este universo simbolicamente masculinizado, também observa-se que são alguns tipos de masculinidade as que são incentivadas e apoiadas dentro desse espaço social. E figuras que não correspondem aos ideais de virilidade e masculinidade hegemônica e busquem disputar simbolicamente dentro desse locus, ou seja, ir de

encontro à essa hegemonia, podem ser vistas como “estranhas” ou “diferentes” dentro desse sistema.

Joaquim: Tu acha que um estádio de futebol é um local que ele tem abertura a diversidade de crença, de pessoas diferentes, de vários gêneros, de várias raças, tu acha que o estádio de futebol tem abertura pra isso?

Fabinho: “Tem, assim, não. Se você ver tem torcida de tudo que é jeito. Tem de negócio de cachaça, Ceará num sei o que, a Ceará Chopp, Ceará num sei o que. Mas assim de torcida que tem GLS não tem. Não tem nenhum estado tem”

Joaquim: Tu acha que aqui no Ceará não tem essa abertura?

Fabinho: “Não tem”

[...]

Joaquim: E tu já foi vítima de algum tipo de preconceito, alguma vez. Algum tipo de discriminação. Não necessariamente na torcida, contando assim no geral, na vida.

Fabinho: Não..teve um dia que teve uma reunião, até dia de segunda-feira na Cearamor, aí falaram porque tinham botado as minhas foto né? Aí eles tavam, or menino que é de comando mermo, aí tavam dizendo que não queria que eu andasse na sede, não queria que eu fosse pra jogo, porque se me visse lá no jogo ia querer dar em mim. Aí o Carlos disse que isso não poderia acontecer porque ninguém pagava meus ingresso, não pagava nada pra mim ir pros canto. Aí a Milena também entrou, o menino que vai pras reunião, que é o presidente do nosso comando aqui disse que eu num ia sair porque além deu ajudar muito ele, eu que trazia os pessoal assim pra ir pras festa, pra ir pra fora, eu que organizava mesmo aqui no bairro.⁸⁰

Joaquim: E tu vê o estádio com abertura por exemplo pra pessoas de orientação sexual diferente, pra mulheres? Tu acha que as torcidas elas tem aberturas pra essas pessoas?

Milena: Com certeza, o estádio sim. Eu não vou dizer que as torcidas organizadas têm abertura. Eu acho que a torcida organizada vai muito de quem, começa primeiro de quem lidera e depois vai abaixo deles. Já chegou caso de, a gente tem um rapaz, que é o Fabim, que eu já te passei até o contato dele, que ele é homossexual. Ele fez parte, ele sempre liderou o bairro dele lá com outro rapaz, o Edson Queiroz, inclusive ele faz uma trabalho dignamente muito bem feito, ele é muito organizado e muito querido lá pelo Edson Queiroz. E quando eu fiquei, depois de 6 anos na Cearamor ganhei a confiança do Carlos e ele me passou a chefia do Bonde Feminino, pra eu tomar de conta, e eu chamei ele pra fazer parte do Bonde Feminino, que ele se achava mulher, pra mim eu, nunca tive preconceito com ele como não tive com qualquer um, e alguns torcedores é, do bairro, quiseram, não quiseram ele como integrante do Bonde Feminino. E foi feito uma reunião, na segunda-feira, que é reunião de todos os bairros, e foi dito que ele realmente ia permanecer lá, que ele fazia um bom trabalho e que se dentro da Cearamor tivesse mais gente como ele a torcida organizada não teria o nome manchado e visto como marginalizado porque ele é uma pessoa que ajuda, colabora, não procura confusão em canto nenhum, e se cada bairro tivesse um Fabim as coisas seriam totalmente diferentes, ou então um pouco mais diferentes porque ele é altamente prestativo e organizado.⁸¹

Joaquim: Dentro da torcida tu acha que existe abertura pra diálogo com relação a essa opressão de etnia? Opressão de gênero?

⁸⁰ Entrevista com Fabinho.

⁸¹ Entrevista com Milena.

Clóvis: Eu creio que o caminho é a universidade. Eu vejo que, eu num sei como é que é a questão do mestrado, se você tem autonomia de trazer essa debate pra universidade num seminário e a partir daí a gente vê....

Joaquim: Mas em relação ao dia-a-dia lá da torcida, tu acha que a galera pensa nisso mesmo?

Clóvis: A questão das relações raciais se pensa né? A questão de gênero eu acho que já seria algo mais específico, é...num sei, a relação racial sim, por conta de que, é no discurso, ‘ah apanhei da polícia, o policial veio me chamar de negão, encosta aí’. Ainda não tem um avanço em relação a questão de gênero como há na questão racial. Mesmo em relação ao Bonde Feminino, você tem o Bonde Feminino, você tem uma indicação de uma menina da Cearamor pra fazer parte da diretoria da Cearamor, mas ela não tá no grupo de zap da diretoria, tá percebendo? É uma sociedade machista e conservadora, você avança mas impede dela tá no grupo. Ela é diretora mas não tá lá no grupo. Por que será?⁸²

Uma das torcidas organizadas a qual fiz pesquisa, tem como um de seus membros, um integrante assumidamente LGBT, chamado Fabinho. Este torcedor é negro, periférico e gay. E não esconde sua sexualidade de ninguém. Mas ao mesmo tempo, dentro da torcida organizada, busca ter uma performance que, segundo ele, não possa “pegar mal” dentro da torcida, pois você não pode “desmerecer” a torcida organizada. Tal tipo de comportamento implica em ser sigiloso em determinadas situações, como não beijar uma outra pessoa com a blusa da torcida, por exemplo. E essa sua sexualidade já foi palco de tensões dentro da torcida quando outros integrantes, de outro bairro, tentaram questionar a sua participação ali utilizando isso como demérito (depois do mesmo Fabinho ter tido fotos suas publicadas na Internet com a blusa da torcida organizada). No entanto, ao surgirem essas ameaças, dois outros componentes da torcida, incluindo um dos diretores, saiu em defesa do membro dizendo que a vida de Fabinho só interessa a ele próprio. A presença de Fabinho ali, por ser quem ele era e não estar dentro do modelo de masculinidade hegemônica esperado, foi colocada em xeque quando foi possível. Assim como a participação de mulheres na torcida também é algo que ainda não é equiparado à presença masculina, pois, como vimos numa das entrevistas, a menina era membro da diretoria, mas era excluída de um grupo de *WhatsApp* com os outros diretores, única e exclusivamente por ser do gênero feminino. É cobrado um tipo de comportamento em relação aos gays e às meninas que participam da torcida, que muitas vezes não é o mesmo cobrado em relação aos homens héteros. Fabinho continua ali por ser alguém muito prestativo e que faz acontecer lá dentro, mas ainda tem sua voz silenciada por alguns membros e tem que manter uma postura “discreta” em relação a quem ele é lá dentro, enquanto que as meninas correm o risco de

⁸² Entrevista com Clóvis.

serem expulsas caso venham a se relacionar com membros de uma torcida rival, por exemplo, como me disse Fabinho em entrevista.

Mesmo sendo assumidamente gay, Fabinho, para melhor ser aceito, adota um comportamento discreto tanto em ambientes da torcida organizada, como em outros aspectos de sua vida. O *ethos* de ser um torcedor organizado o acompanha por todos os lugares, assim como sua sexualidade. Mas, a cobrança para que ele mantenha uma postura “decente” e “não queime o filme da torcida” o deixam ligado para evitar situações que já aconteceram e possam acontecer novamente. Uma dessas situações, relatadas dele para mim, foi a de sua exposição nas redes sociais com blusa da sua torcida organizada, sendo ridicularizado por páginas de uma torcida rival cearense. Segundo Natividade (2010), em sua etnografia numa comunidade inclusiva pentecostal, isso se dá porque:

A expressão pública de afeto, amor e compromisso entre pessoas do mesmo sexo sofre constrangimentos sociais, e a força da percepção pessoal da discriminação enseja atitudes ambíguas. É nesse contexto que as afirmações sobre a necessidade de não “exagerar”, ou seja, manter-se discreto para obter respeito e aceitação social, devem ser compreendidas (NATIVIDADE, 2010, p.109).

Muitos são os fatores que explicam porque muitos homossexuais se valorizam esse comportamento “discreto”. Miskolci (2015) fala que a erotização de corpos mais másculos e/ou masculinos favorece com que se concretize o desejo de se relacionar com outro homem sem que se publicize o desejo; já Sívori (2006) observa que mesmo com atos públicos cada vez maiores como paradas gays e beijaços, ainda se tem uma ideia no cotidiano, partilhada por muitos dos ativistas gays, inclusive, de que sair do armário é um “processo individual negociado no espaço protegido da comunidade de pares” (idem, 2006, p.4). Tal autor segue a linha concluindo que esse pensamento se foca na ideia de liberdade, tanto de conseguir igual acesso aos bens como todo mundo, mas de também ser livre para ter sua intimidade como algo privado. Mario Pecheny (2002) assinala que a homossociabilidade se dá em três diferentes mundos: o dos que não sabem de nada, o dos que estão cientes e o mundo dos iguais dentro da homossexualidade.

Pode-se pensar nos 3 universos de Pecheny (2002) como relacionais. E, como isso acaba se tornando flexível em determinadas circunstâncias quando se é homossexual. Fabinho por exemplo, com seus depoimentos parece ser alguém que quer

ser visto pela torcida como um misto entre os que não sabem e os que estão cientes. E adota a postura social discreta em seus ambientes de convívio, ao mesmo tempo em que utiliza unhas postiças e pintadas, cabelo grande e blusas cavadas. Mesmo na sua discricção, sua sexualidade ali grita e aparece. Seriam esses indícios corporais formas de subversão do gênero? Prosseguindo no questionamento de Butler (2003, p.68), “que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora de identidade”?

São muitos os exemplos de como uma masculinidade agressiva está presente no seio desse esporte e se capilariza em diversos atores diferentes. A proibição da prática do futebol de mulheres da ditadura do Estado Novo até os anos 1980⁸³; a escassa cobertura midiática ou a relegação do futebol de mulheres pela imprensa como algo intrinsecamente ligado à beleza e sempre em déficit com o dos homens, só lembrando deste muitas vezes em Copa do Mundo e em Olimpíadas⁸⁴; o espetáculo que se fez entre clubes, imprensa e torcedores quando da suspeita de homossexualidade de um jogador no meio da década de 2000⁸⁵; o jogador de futebol inglês que se assumiu gay e pagou um preço caríssimo por isso nos anos 1990⁸⁶; os torcedores organizados que espancaram um rapaz por ele ser efeminado⁸⁷.

⁸³ Cf Franzini (2005); Almeida (2013); Teixeira e Caminha (2013).

⁸⁴ Segundo PISANI (2014, p.2), “no ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) estabeleceu que para uma atleta participar de campeonatos precisaria apresentar signos de feminilidade: cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos. Em entrevista de jornal, concedida na época, a jogadora Cristiane Silva, medalhista de prata na Olimpíada de Atenas, afirma ser favorável a um modelo de uniforme intermediário, ou seja: nem tão grande, mas também não tão justo. Contudo, segundo ela, usaria um modelo mais cavado se o clube ou patrocinador mandasse, pois ‘é melhor jogar assim do que não jogar’. Já no ano de 2004, depois que a Seleção Brasileira de Futebol Feminino conquistou a medalha de prata na Olimpíada de Atenas, algumas reportagens jornalísticas foram feitas e questionaram o preconceito que ronda a modalidade. Esse relacionava-se, sobretudo, ao desinteresse popular por conta da suposta homossexualidade das atletas. Da mesma forma, como no começo do século XX, as poucas reportagens e entrevistas realizadas nos últimos dez anos continuam evidenciando o charme e a beleza da jogadora brasileira em detrimento de sua competência profissional e qualidade técnica”.

⁸⁵ Cf Vico (2017) sobre o caso Richarlyson e a repercussão de sua suposta homossexualidade; ver León (2012) e Manfron (2011) para análise dos discursos do direito e da mídia sobre o caso, respectivamente.

⁸⁶ O jogador em questão é Justin Fashanu, que passou por vários times da primeira divisão inglesa e tinha um futebol promissor, mas que, depois de assumir publicamente a sua orientação sexual passou a ser deixado de lado na maioria das equipes e boicotado por jogadores e treinadores. O jogador declarou sua sexualidade em entrevista a um tablóide britânico (The Sun) exatamente numa época em que havia “um momento de recrudescimento das ofensivas contra os homossexuais (principalmente associadas à caça às bruxas instaurada pelo pavor infundado da AIDS nessa época)” (CAMARGO, 2017). Depois do fato, seu irmão, também atleta, parou de falar com Fashanu, e, além das dificuldades já mencionadas anteriormente, no fim de sua carreira, após acusação (que no futuro viria a ser arquivada) de abuso de um menor, ele não suportou mais e suicidou. Cf Leal (2013) e Camargo (2017).

⁸⁷ Cf Sheep (2017).

Em retomada a um conceito que já expus anteriormente nesse trabalho, sobre a masculinidade hegemônica posso dizer, baseado em Connell (1995) que ela é a masculinidade dominante no Ocidente até hoje, mas que desde os anos 1970 vem encarando novas clivagens, desafios e perspectivas, e ainda está muito presente no mundo hoje, mas não da mesma forma que tinha antes. Afinal, essa perspectiva de gênero além de ser relacional, é histórica e construída e desconstruída ao longo do tempo.

Nos últimos duzentos anos da história europeia e americana, por exemplo, vimos o padrão hegemônico de masculinidade da classe dominante ser deslocado por uma masculinidade mais racional, mais calculativa, melhor ajustada a uma economia industrial-capitalista e ao estado burocrático. Essa, por sua vez, tem sido contestada por formas de masculinidade que enfatizam o impulso e a violência – o fascismo na metrópole, as masculinidades do tipo 'cowboy' na fronteira. A forma hegemônica de masculinidade burguesa se dividiu entre as formas que enfatizam o conhecimento especializado e formas que enfatizam a dominação e o calculismo egocêntrico. A luta por hegemonia entre elas pode ser vista na divisão entre liberais e conservadores na política burguesa (CONNELL, 1995, p. 192).

Ao ver a perspectiva de dominação da masculinidade hegemônica, assim como outras masculinidades possíveis, como um fruto de seu tempo (BOURDIEU, 1999), posso tentar entender a existência dela no campo futebolístico. Tanto dentro quanto fora de campo é possível ver relatos dessa performance torcedora imbuída dessa masculinidade, que tanto se configura numa fuga da feminilização, quanto de uma passividade. Segundo Bourdieu (1999, p.67), essa noção de masculinidade e de virilidade é “eminente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. Então, nessa lógica de negação do sexo oposto ela se reafirma como potência viril.

Colocarei abaixo algumas das cenas vistas em campo e fora dele, para que se possa entender melhor algumas das práticas de sociabilidade dentro dessa lógica eminentemente hegemônica masculina nos ambientes que cercam os torcedores organizados e os estádios de futebol:

A sociabilidade guerreira estava presente em diversos momentos da ida no ônibus. Os membros novos, que nunca tinham passado por uma caravana, foram coagidos pela massa, principalmente pelos mais velhos ou considerados a correrem de trás pra frente do ônibus levando tapas e socos dos outros e depois o processo de volta para o seu lugar se repetindo, ritual que era chamado pelos *organizados* de “batizado”. Eu fiquei bastante

temeroso de que me colocassem para ser “batizado” também, já que era minha primeira caravana com a TOC, mas isso não ocorreu, felizmente.⁸⁸

De repente, várias pessoas começaram a olhar pra cima no estádio, pra um setor situado a minha direita, ainda na torcida alvinegra. Tinham pessoas que pareciam brigar ou chamar pra briga, não entendi muito bem de onde eu estava, outras ao lado ficaram gritando e a torcida organizada Cearamor, que não estava envolvida com o fato começou a cantar: “Uh vai morrer! Uh vai morrer”. Eu não tava entendendo nada, chegaram depois polícia e seguranças particulares e levaram um jovem negro que se contorcia e depois deram uma gravata nele e sumiram pelo corredor externo à arquibancada.⁸⁹

Na saída avistei um torcedor com boné da Ceará Chopp conversando com outros também dessa torcida que diziam: “Macho tu num vai pra casa com a gente não?”, “Rapaz só se vocês me acompanharem porque hoje eu só chego amanhã em casa”, e assim a nossa experiência clubística chegava ao fim naquela noite.⁹⁰

Vários jogadores do nosso time, principalmente os da defesa, estavam levando sucessivos cartões amarelos e preocupando a torcida. Esse fato também já provocava a ira de alguns contra o juiz quando, próximo do final do primeiro tempo, o juiz expulsou um volante do Ceará e todos gritaram: “Ei juiz, vai tomar no cu!”. Pouco tempo depois acabou o primeiro tempo.⁹¹

Alguns torcedores fazem piada com o jogador do Ceará Wesley, o qual estava sendo acusado judicialmente de estupro da sua esposa. Um homem, pardo, de uns 40 anos, gordo, de bermuda jeans e blusa do Ceará, diz: “Ô cara agressivo”. Seus amigos e pessoas que estavam na mesa apenas riem da cena.⁹²

Um fato que me chamou a atenção foi na mesa atrás da minha em que tinham muitas pessoas sentadas e uma mulher com um bebê de colo ao lado do seu namorado (talvez o pai da criança). Durante toda a partida o homem não pegou na criança, ficando com a mãe a responsabilidade de cuidar da mesma, trocar a fralda. Durante boa parte do jogo ele nem sentava perto, e sim do outro lado da mesa com seus amigos, não dava nem a entender que eles fossem um casal, só vim perceber isso ao final da partida. E, somente quando a partida acabou, o homem foi pegar a bebê no colo e fazer carinho, fazer algo próximo de um pai.⁹³

Desde o processo de iniciação e passagem dentro de um ritual que contém traços de violência, até mesmo a corporalidade intensa no xingamento e intimidação de adversários; de uma busca à vadiagem até mesmo ao escárnio com crimes de ordem sexual cometidos por alguém caso esse seja do seu agrado e também a continuação da ideia tradicional do papel familiar do homem e da mulher, enquanto um se diverte o outro cuida dos afazeres. Tudo isso está presente nos relatos que expus acima. O primeiro caso, que aconteceu durante uma caravana de torcida para uma cidade do

⁸⁸ Diário de Campo, 12/02/2017.

⁸⁹ Diário de Campo, 30/04/2017.

⁹⁰ Diário de Campo, 03/05/2017.

⁹¹ Diário de Campo, 29/01/2017.

⁹² Diário de Campo, 08/07/2016.

⁹³ Diário de Campo, 08/07/2016.

interior do Estado, mostra um pouco de como se dá essa iniciação do torcedor organizado dentro dos ritos da torcida. E isso não é exclusividade das torcidas cearenses, na pesquisa etnográfica de Canale (2015), em viagem com os membros da torcida Gaviões da Fiel (do Corinthians), ele observou e participou de manifestações de iniciação com esse tônus guerreiro semelhantes.

Ao entrar no veículo, o veterano bateu em todos os torcedores com tapas, chutes, socos e golpes de baqueta, aos moldes de um ritual de iniciação ou um aquecimento. O fato de eu ser apresentado pelo informante aos colegas de ônibus como pesquisador, ao contrário do que pensei inicialmente, não me serviu de resguardo de qualquer atividade ou fez com que eu recebesse um tratamento diferente. O que me levou a ser tratado de outra forma era não ter uma rede de conhecidos tão grande quanto os frequentadores da sede. Pois na hora de levar porrada, apanhei como todo mundo, na hora da briga generalizada, participei do grupo da frente, Zona Norte, contra o fundo, Zona Leste, e na hora de cantar as músicas antes do embarque também foi impelido.

[...]

Interessante perceber como, de fato, o intuito não é ferir os colegas. Os golpes são perceptivelmente desferidos com pouca força ou não em sua plena potencialidade. A brincadeira, a ludicidade e o companheirismo são elementos chaves para entender essa situação. Num primeiro momento, pode transparecer a ideia de violência gratuita ou mesmo de “preparação e simulação para a guerra”. Mas ele dialoga mais sobre um modo específico de interação do grupo (CANALE, 2015, p.275-277).

A exacerbação do macho dá o tom de muito da sociabilidade torcedora. Mas isso não fica apenas nessa esfera, se formos observar a cultura nordestina, e cearense em geral, tende a ter uma valorização masculina, principalmente até os anos 1970, dentro de uma perspectiva clássica do homem rústico do interior. Não à toa uma expressão muito utilizada como gíria em diversos grupos sociais hoje no Estado do Ceará e que funciona como signo desse domínio: “macho” (que pode ser abreviado para mah, man). Para as autoras Aluiza Araújo; Tatiane Guimarães e Hebe Carvalho (2016) o uso da expressão “*macho*” é uma forma que indica “solidariedade [...] entre homens jovens e ocorre em conversas com alto grau de intimidade”. Segundo a pesquisa delas baseada em dados colhidos com o projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) os indícios dão pistas de que essa seja uma “variante não estigmatizada e típica da fala dos mais jovens, visto que a variante aparece em nossos dados apenas nas duas primeiras faixas etárias e os mais escolarizados são os que mais a produzem”. As autoras concluem que, com o constante aparecimento da expressão, isso acabe se tornando uma “marca identitária, já que um fortalezense reconhece o outro ao usar essa forma de tratamento”. A corporalidade ligada à violência a qual muitas vezes está no

imaginário que circunda as torcidas organizadas também vai de encontro ao ideal da masculinidade hegemônica nordestina, principalmente em seu tipo-ideal do cabra-macho da caatinga.

Pensar esse conceito de uma masculinidade hegemônica no contexto de uma região específica do Brasil, mais particularmente do Nordeste, tem as suas particularidades. Para entender melhor isso, é necessário que façamos um percurso sobre como se criou a identidade de nordestino.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceram a partir de um conjunto de práticas regionalistas e de um discurso regional que se propaga entre as elites do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando essa região vive uma crise econômica e política, sofrendo uma subordinação em relação ao Sul do país, principalmente São Paulo. As divergências econômicas e político-sociais, e os conflitos interregionais se intensificam; as questões sociais do Nordeste, como a seca, as dificuldades climáticas, a miséria tornam-se elementos primordiais para a elaboração imagético-discursiva da Região, como sendo um lugar da periferia, da discriminação nas relações econômicas e políticas do país. É o momento de disputa política para garantir a barganha maior do capital que viesse beneficiar um dos espaços, Nordeste *versus* Sul do país, mais especificamente São Paulo, sendo este último privilegiado, por “possuir as condições favoráveis” para o desenvolvimento industrial do país. É nesse momento também, fruto desse impasse econômico e político-social, dos conflitos regionais, que surge uma literatura regionalista com objetivo de refletir o futuro e repensar o passado, defender a região que estava ameaçada diante dos novos hábitos sociais trazidos pela modernização (FARIA, 2002, p. 9).

A ideia que permeia o imaginário popular acerca do Nordeste foi criada historicamente. E havia grupos de intelectuais como Gilberto Freyre e políticos envolvidos na criação desse ideário. Essas pessoas formaram o que se chamou na época de Movimento Regionalista e Tradicionalista. E esse movimento tinha como objetivo “definir o que seria a realidade nordestina e a sua diferença em relação aos simulacros de felicidade que eram oferecidos pela vida moderna, pelo cosmopolitismo urbano” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 146). Freyre e seus contemporâneos de tal movimento valorizavam um passado tradicional, rural e patriarcal.

A partir daí surge o tipo ideal do nordestino. E esse tipo viria a se contrapor ao tipo urbano, ao tipo que acompanhava a modernização. E com essa modernização via-se uma certa possibilidade de mudança de papéis sociais entre homens e mulheres, e a criação da figura do nordestino vem também se contrapor a isso. E esse seria aquele “macho por excelência, a encarnação do falo, para se contrapor a esse processo visto

como de feminização, pensado como ameaçador, em última instância, para a região” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 152).

O macho nordestino, criado a partir dessa perspectiva, é um:

Tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade “matriarcal”, efeminada. O nordestino é definido como o homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita as suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

Segundo o historiador Albuquerque Júnior (1999), aqui na região em que vivemos: “Ser homem [...] exige ser corajoso, valente, disposto para uma briga, valentão. A sociedade depreciaria esse homem que vinha surgindo nas cidades, homem efeminado, sem coragem, covarde, cabra frouxo, que faz trabalho nas calças” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p.185). A disposição para o combate muito presente no discurso dos gritos de guerra e da imagética das torcidas, só vem a calhar com o ideário do macho da região. Segundo Cecchetto e Farias (2004), em pesquisa nos bailes funk cariocas, o conceito de disposição também é relacional com outros conceitos de masculinidade envolvidos na lógica da festa, pois:

Apesar de, grosso modo, este ser o esquema que preside a lógica de classificação da masculinidade na galera, existem outras divisões em menor escala. Isto porque, ao lado da classificação de “disposição”, modelo hegemônico entre os integrantes da galera que domina os outros, existem outras noções de masculinidade, sem as quais esta noção não teria a mesma significação. Assim, há por exemplo, as denominações “bundões”, “buchas”, “pilhas fracas” e “peidões”, figurando como atribuições negadoras da virilidade idealizada. Estas metáforas são acionadas com maior ou menor frequência por todos os depoentes das galeras, frequentadores assíduos ou não dos bailes. No contexto das rixas, são estes modelos que devem ser batidos, considerando que as ações para vencer a qualquer custo o adversário são componentes essenciais da interação entre estes grupos. Nas lutas corpo-a-corpo é que se define a hierarquização da masculinidade, dependendo do uso do corpo (CECCHETTO; FARIAS, 2004, p.9).

Existe uma noção de masculinidade idealizada pelos jovens frequentadores de bailes que é próxima da idealizada pelos torcedores organizados cearenses e muitos dos outros modelos de masculinidade que não o hegemônico são atribuídos jocosamente ao rival.

Como havia falado, a masculinidade hegemônica é uma construção, e assim como dizia Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo*⁹⁴, tomando a virilidade como um termo próximo, poderia se dizer, “não se nasce viril, torna-se viril”⁹⁵. Na infância já se iniciam esses processos, como mostra DaMatta (2010), ao descrever a brincadeira “Tem pente aí”, no interior mineiro. Segundo o relato do antropólogo, o ato consistia em apalpar a bunda do amigo dizendo a frase-título do jogo, “o que normalmente fazia com que a vítima desse um pulo para frente, protegesse as nádegas com as mãos e reagisse violentamente ao brinquedo”, afastando assim a mão do colega dessa zona sagrada masculina, tida como “a parte mais feminina do corpo masculino”. Se o amigo reagisse com muito escândalo ou até mesmo violentamente, era tido como possível homossexual por ter sensibilidade naquela região, o comportamento esperado pelos outros era o de não-reação ou reação moderada e contida, para reafirmar a sua macheza. Existia um tipo esperado do homem no Brasil durante boa parte do século XX, principalmente do seu início até por volta de 1950 ou 60.

“Cada um como cada qual”, dizia o ditado popular. Nada de equívocos. Bordões como “a mulher que é, em tudo, o contrário do homem” sintetizavam as formas de pensar. Curvas, cabelo comprido e adereços eram coisas femininas. Por seu lado, o homem moderno foi construir sua masculinidade. Masculinidade não mais fundada apenas na coragem e na honra, como no século anterior. Emergiam novos comportamentos: a palavra tomava o lugar do gesto, a competência se sobrepunha à dominação e a mediação substituía o confronto. Renunciava-se aos duelos, abandonava-se a faca, forjava-se um ideal novo: o homem educado, senhor de suas paixões, com hábitos burgueses deveria tomar a frente da cena, tornando-se um trabalhador útil ao país. Ele se vestiria de negro, impondo a formalidade. Acessórios? Só alfinetes de gravata, relógios, abotoaduras, chapéus e guarda-chuva. Nas mãos, a aliança. O bigode ou outras pilosidades faciais marcavam, nos rostos, a maturidade sexual. O esportista, no campo de futebol, nas águas da piscina ou no ringue, ou o militar, em tempos de guerras, cada qual no seu uniforme, fazia suspirar as moças. Os espaços masculinos também se ampliavam. Escritórios, bares ou sindicatos alimentavam redes de sociabilidade e consumo. Jornais e revistas expandiam o espectro de possibilidades: idas ao Jockey Club ou aos estádios. Consumo de Dynamogenol ou NutrioN⁹⁶ para aumentar as forças “nas lutas da existência”. Praias e piscinas esculpam os corpos masculinos por meio do fisiculturismo, colorindo-os com “raios de sol” (DEL PRIORE, 2011, p.96).

Já na sociedade contemporânea, existem espaços de sociabilidade masculina assim como no passado existiram as “casas de homens”, em que era restrita e

⁹⁴ É clássica dentro do feminismo a frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher” para mostrar o descobrimento e a construção do gênero feminino na sociedade.

⁹⁵ Quem fez a analogia foi Arnaud Baubérot (2013) em artigo de mesmo título.

⁹⁶ Dynamogenol e NutrioN eram dois tônicos vendidos no Brasil nas primeiras décadas do século XX e que em seus “anúncios afirmavam que os tônicos dariam ‘força’ ao homem brasileiro, e acabariam com a ‘preguiça crônica’” (BUENO; TAITELBAUM, 2008, p. 46).

desencorajada a participação de mulheres. Segundo Silva (2012) baseada em Miguel Vale de Almeida (1995) que fez uma descrição antropológica de masculinidades portuguesas, a rua desde pequena é desestimulada para menina e encorajada para o menino, afim de que esse saia de espaços tidos como femininos (a casa) e tome a rua como local do homem. Para os adultos, temos o bar, um local de sociabilidade prioritariamente masculina segundo Gastaldo (2005), assim como as barbearias tradicionais (Soares, 2012; Teles, 2012) e espaços de esporte como boxe (Wacquant, 2002), futebol (Del Priore, 2011), rugby (Rial, 1997).

As práticas de gênero possuem camadas e zonas cinzas, com a masculinidade hegemônica estando no topo da dominação social sobre as outras, mas outras masculinidades podem ser vistas como mais pareadas com as feminilidades. Seriam os ditos homens sensíveis, que cozinham, têm bom gosto, segundo Buffon (1992), mas mesmo assim acabam reforçando papéis tradicionais de gênero como cozinhar e não fazer qualquer prato e sim, *o prato*⁹⁷; e os homossexuais, assim como as pessoas transgênero⁹⁸ podem se aproximar do gênero feminino. Sobre transexuais, vale citar que a socióloga australiana Raewyn Connell (nascida Robert), que foi quem cunhou o conceito de masculinidade hegemônica tanto falado nesta obra, se mostra como alguém que se reconheceu mulher em corpo de homem e que passou por essa transição de gênero.

As contradições são corriqueiras nas práticas do cotidiano e fazem parte da vida de muitas pessoas, inclusive também da vida dos sujeitos entrevistados na pesquisa de campo. Um dos casos que podemos citar para ilustrar tal situação, envolvendo um interlocutor de pesquisa, foi em relação à performance torcedora de Fabinho. Esse sujeito se coloca como sendo homossexual assumido e faz parte de uma grande torcida organizada da cidade, e pude entrevista-lo por mais de uma vez, além de acompanhar jogos próximo a ele.

⁹⁷ Estou usando essa expressão *fazer o prato* como metáfora para dizer que aquele homem que numa sociedade patriarcal costuma delegar à mulher o serviço de cozinha, agora, quando colocado no papel de cozinheiro quer fazer algo de destaque e não apenas um serviço do dia-a-dia comum, algum prato qualquer.

⁹⁸ “Pode-se ser um homem sem pênis. Um homem reconhecido como tal pelo estado civil, em alguns países. Os transexuais têm o sentimento de terem nascido num corpo que não corresponde ao seu sexo psicológico. A relação com o gênero é diferente em razão de um número crescente de transgêneros, um termo recente. O gênero é cada vez mais percebido como um amplo espectro e não mais uma polaridade binária. Novos gêneros nascem. Nos ambientes *queer*, *butch* é considerado como um gênero. *Intersex* designa agora as pessoas que estão entre os dois gêneros. Artistas como Del LaGrace Volcano têm o desejo de construir o seu próprio gênero...” (BARD, 2013, p.149).

Joaquim: E quando tu tá lá no jogo e tal, pode ser o time rival de fora ou então o próprio Fortaleza mesmo, tá lá no jogo com o time, e aí a torcida começa a gritar né: “Ei tufgay”. Aí tu canta nessa hora?

Fabinho: “Canto!”

Joaquim: Quando são eles gritando, tu se incomoda?

Fabinho: “Não. Porque o povo fica olhando né...mas eu acho tranquilo”.⁹⁹

(Eu coloquei algumas músicas da torcida dele para ele ouvir e depois pedi para que ele comentasse o que tinha achado das músicas)

Joaquim: Queria que tu falasse sobre essas músicas, que é que tu acha delas, comentasse qualquer coisa que tu quiser comentar.

Fabinho: Eu acho assim, é, tem umas músicas que insulta muito assim, a outra torcida, a maioria que cantou né, é incentivando, falando mal da torcida, chamando de negor (sic) de gay, negor de violência, mas tem outras né?

Joaquim: Sim tem, tem, claro. Não coloquei todas aí, coloquei algumas selecionadas.

Fabinho: Aí essas é mais pra rivalidade, assim, quando é clássico-rei. E é cantada assim, também, quando num tem o jogo num os dois time, mas é cantada. É cantada também.

Joaquim: E que é que tu acha em relação a letra delas?

Fabinho: Eu acho assim muito provocante. E eu gosto mais de cantar as que são, que incentiva o time.

Joaquim: Essas outras assim tu não gosta?

Fabinho: Essas outras esculambação eu não gosto. Até porque quando eu tô no estádio que eu começo a cantar o povo fica olhando assim pra mim. Porque assim eu sou né, a pessoa, e é bem dizer que eu tô, é, esculambano eu mesmo. Quem sabe o que eu sou.¹⁰⁰

O meu interlocutor estava bem próximo de mim e pude perceber que nas músicas as quais envolviam palavras como Tufgay e afins ele também cantava, com o detalhe que ele é assumidamente gay. Fabinho usava uma blusa preta com o escudo do clube na frente e a letra do hino escrita atrás, que era cortada nas mangas, customizada e estilizada, como um abadá de micareta. Ele estava acompanhado de três moças com a blusa do Comando Feminino da TOC.¹⁰¹

Na primeira entrevista meu interlocutor comentou que não via problema e cantava essas músicas nos estádios, mesmo as que provocavam o rival em tal tonalidade. Já na segunda ele disse que tinha preferência por cantar as músicas de incentivo e que apoiavam o time, sem essa coisa de ficar “esculambando” o adversário. Já em campo, observando ele no estádio por mais de uma vez, vi que ele costuma sim cantar essas canções que atacam o outro time, como a imensa maioria dos torcedores que está imersa nessa performance masculina de torcida, e como num teatro ele encena essa performance mesmo não sendo necessariamente heterossexual. Outro detalhe marcante num dos meus encontros com Fábio, foi que ele estava com as unhas pintadas

⁹⁹ Entrevista com Fabinho.

¹⁰⁰ Entrevista com Fabinho.

¹⁰¹ Diário de Campo, 22/01/2017.

com cores vibrantes numa das entrevistas que fizemos. Por meio de signos corporais como a unha pintada, a blusa estilizada, ele desviava-se daquela masculinidade exigida e só percebiam esses indícios quem estava atento ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). O historiador e antropólogo italiano trouxe à tona muito do que viria se basear a virada ontológica das ciências humanas a partir das décadas de 1970 e 1980, com seu estudo sobre “Mitos, emblemas e sinais”.

A capacidade de reconhecer um cavalo defeituoso pelos jarretes, a vinda de um temporal pela repentina mudança de vento, uma intenção hostil num rosto que se sombreia certamente não se aprendia nos tratados de alveitaria, de meteorologia ou psicologia. Em todo caso, essas formas de saber eram mais ricas do que qualquer codificação escrita; não eram aprendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis, frequentemente nem sequer traduzidas em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência (GINZBURG, 1989, p. 166).

Muito mais do que apenas ver e escrever, o ofício do cientista social em campo deve ser o de sentir o que está ali acontecendo. Com os cheiros, os gostos nativos, o toque. Procurando sair do paradigma racional de usar apenas a visão e a audição e transformar em palavra, muitas vezes os não-ditos falam mais que os ditos. O cheiro de chuva que fazia quando o ônibus da torcida parou próximo do estádio em Itapipoca, o contato próximo dos torcedores organizados me fazia perceber o calor de um dia quente de jogo no estádio, o gosto do brigadeiro comprado de uma estudante que comi com Clóvis enquanto trocava uma ideia com ele numa tarde tranquila por um bairro universitário da cidade. Tudo isso é importante.

A pele sabe explorar os arredores, os limites, as aderências, bolas e nós, litorais ou cabos, os lagos, promontórios e dobras. O mapa na epiderme exprime certamente mais que o toque, mergulha profundamente no sentido interno, mas começa no tato. Assim, o visível diz mais que o visível (SERRES, 2001, p.20).

O filósofo francês Michel Serres explora isso bem na sua escrita sinestésica dos “Cinco Sentidos”, essas outras formas que estão para além do ver e ouvir, que são os sentidos mais racionalmente evocados na pesquisa científica. Procurar sentir e trabalhar com isso dentro da pesquisa é um desafio dos maiores que se coloca para quem empreende, mas faz com que os etnógrafos se esforcem mais para conectar-se com o mundo ao seu redor. Os silêncios têm muito a dizer também, pois, como diz a linguista Eni Orlandi (2007), o silêncio é um “lugar de recuo necessário para que se

possa significar, para que o sentido faça sentido” (2007, p.13), pois essa forma do falar, ou melhor do não-falar é o “reduo do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito”, posso assim traçar um paralelo com o silêncio da torcida em um caso como o de Fabinho, por exemplo, que teve sua participação dentro da torcida ameaçada por outros membros por conta de sua orientação sexual e do medo de isso pegar mal pra torcida. No caso em questão, a diretoria da agremiação ficou favorável a Fabinho, pois ele era um membro participativo da T.O. e ninguém tinha nada a ver com a sua sexualidade, mas isso não provocou mudança na sociabilidade masculina hegemônica presente no dia-a-dia da torcida, do mesmo modo como o próprio Fábio em entrevista comigo me disse que não acha legal quem é gay se beijar com camisa de torcida por conta de isso ser ruim para a instituição.

A tensão entre legal e ilegal, permitido e consentido dá à tona de muitas *práticas* que envolvem a performance torcedora. É no levantamento desse conceito de prática de De Certeau (2014) que pretendo dialogar como uma das chaves de leitura do escopo desse trabalho. A homofobia, dentro de um campo dentre outros xingamentos, seria uma das *práticas* da arte dos fracos, uma forma dos torcedores organizados de pressionar e diminuir o outro clube, enaltecendo o seu, num movimento simultâneo. Assim como outras *práticas* dos *organizados* que poderiam ser vistas ou encaradas como desviantes como acender sinalizadores no estádio, fumar maconha na arena esportiva, brigar nos arredores do estádio e dos terminais. A todo momento esse enfrentamento, seja ele com o polícia, com o clube, com outros torcedores, essa forma de “bater de frente” é evocada. A homofobia seria um nome que se dá uma dessas *táticas*, que são tão ilegais quanto outras, e representam uma certa fratura nesse sistema. Trazendo o pensamento de Bataille (1987) em sua obra “O erotismo”, ele nos diz que “a festa é por excelência o tempo *sagrado* [...] em tempo de festa, o que é habitualmente proibido pode sempre ser permitido, às vezes exigido” (1987, p.64). É possível traçar um paralelo com as *práticas* transgressoras cometidas pelos *organizados* como algo que faz parte, que é necessário para o jogo das torcidas. O antropólogo francês Jean Duvignaud também traz contribuições sobre a festa que são relevantes para a discussão.

A revelação consiste na capacidade que têm todos os grupos humanos de liberarem-se de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis nem forma, que é a natureza na sua inocente simplicidade. Demais, as interpretações que conhecemos integram a

festa na vida coletiva para convertê-la em ato social, sem dúvida de desordem e rebeldia, porém, um ato que não ultrapassa o quadro da experiência comum, que se regenera ou transforma. Que a anima e retorna a ela sem modificá-la, excetuando-se os aspectos superficiais (DUVIGNAUD, 1983, p.212).

A festa está dentro do corpo social como algo que pertence ao sagrado, segundo ele, e assim tem a sua realização dentro de um espectro que a encerra em si mesmo, representando uma certa desordem. Contudo, ao final da festa a vida volta ao seu curso habitual. Assim podemos fazer comparação também com tais *práticas* dos *organizados*, as quais existem dentro de uma perspectiva, esgarçam limites e ali se encerram. Pois o futebol não é o lugar do certo, futebol é tensão entre transgressão e ordem, da tensão entre permissão e proibição. Tomar o outro como gay, como “mulherzinha” faz parte de um jogo da torcida tal qual transgredir as outras coisas que citei acima. Talvez essas mesmas pessoas no mundo do trabalho não fariam isso, pois esse campo está fora dessas *práticas*. Ao pensarmos dentro da lógica do esporte e principalmente do futebol, vemos que essas modalidades seguem passos de um ritual e, também, de uma performance. Sendo assim, falarei nas próximas linhas sobre esse assunto para que seja possível entender as masculinidades presentes nesse contexto.

5.2 - Ritual e performance dentro e fora de campo

Retomando ideias que anteriormente tinham aparecido no escopo desse trabalho, tentarei esmiuçar mais a performance do torcedor, principalmente no que tange ao torcedor organizado. Para começar, gostaria de trazer um pouco do pensamento de DaMatta (1994), antropólogo que caracteriza o futebol dentro dos moldes de um ritual, dentro do conceito de ritual para Turner (1974). O esporte pode ser equiparado com a arte, segundo DaMatta (1994, p.13) dentro do sentido de que as duas atividades tinham sua finalidade em si mesmas, sendo diferentes do trabalho, por exemplo, que tinha como fim lucro e êxito financeiro. Não que o esporte não promovesse riqueza também, mas, para além disso, ele possui um “eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com os rituais, revela quem somos”. Ainda em comparação com o eixo do trabalho, DaMatta (1994) chega à conclusão de que o futebol produz um outro uso do corpo no Brasil, pois aqui nesse esporte o corpo é utilizado com prazer e beleza, conjuntamente. Além disso, o pesquisador ainda diz que o futebol como um ritual

produz dramatizações acerca da sociedade local, como por exemplo pode-se pensar através de reflexões sobre o uso dos pés dentro desse jogo:

Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuam as ideias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo (DAMATTA, 1994, p.16).

Então, ser jogado com os pés é algo característico do ritual do futebol e isso marca a sua imprevisibilidade perante a outros esportes. Além disso, traz semelhanças entre cultura e transcendência presente na cultura do Brasil, como disse DaMatta (1994). Segundo Costa (2013), o ritual, na perspectiva de Victor Turner (1974), é “uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogonia ou a aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade”. Dentro do contexto do futebol e das torcidas organizadas esses simbolismos são representados através de camisas identificatórias, símbolos da própria torcida organizada como mascotes, cores próprias, manifestações corporais.

Figura 1¹⁰²: Torcedor organizado com o logotipo da sua torcida organizada e do seu clube desenhados na cabeça¹⁰³



¹⁰² Os estudos da antropologia da imagem não são o foco da presente pesquisa, então, não aprofundarei neste campo teórico-metodológico.

¹⁰³ Fonte: Acervo pessoal do autor

Exatamente no dia do aniversário do seu clube de coração, no ano de 2017, esse torcedor organizado caprichou e se empenhou em mostrar para todos a sua paixão e pertencimento à torcida. E colocar esses emblemas tanto da sua torcida organizada quanto da sua equipe na cabeça, como um desenho, foi a forma encontrada por esse jovem. São os símbolos demarcatórios desse ritual da paixão que envolve o torcedor organizado.

Para Turner (1974), os rituais acontecem num momento liminar, situação a qual foge do cotidiano por instantes, e ocorrem essas circunstâncias. Assim como Duvignaud (1983, p.24) pensa as festas e seu acontecimento na vida das pessoas, que é algo extra, que “corta uma sequência” e “quebra o encadeamento dos acontecimentos”.

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (TURNER, 1974, p.117).

Se o ritual do torcer acontece nesse entre, nessa brecha, dentro da sociedade e dramatiza também as práticas sociais, também é notório observar como isso acontece dentro de uma determinada performance. Performance essa que é dramatizada pelos torcedores, comuns e organizados, com os últimos sendo o foco dessa experiência etnográfica. Mas de que performance é essa a qual estou falando e pensando?

Turner estudou os rituais e os agregou aos estudos do teatro, posteriormente em sua pesquisa acadêmica, já que sempre gostou muito da área e sua mãe foi atriz. Richard Schechner, por sua vez, teatrólogo, trouxe seus conhecimentos acerca dos palcos e do *métier* artístico para a antropologia. Os dois pesquisadores são fundamentais para entendermos conceitos tanto de ritual, que já comentei acima, quanto de performance também. Segundo Schechner (2013):

A “performance”, como eu resumia na época (e ainda resumo hoje), é um “amplo espectro” de atividades que vão desde o ritual e o play (em todas as suas variedades desconcertantes e de difícil definição) até formas populares de entretenimento, festas, atividade da vida diária, os negócios, a medicina, e os gêneros estéticos do teatro, da dança e da música. Não se tratava de afirmar que *tudo* nessas atividades é performativo, mas de dizer que cada uma delas tem qualidades que poderia ser efetivamente analisadas e entendidas “como” performance. O alcance dessa teoria não era limitado. Argumentei que *qualquer coisa* poderia ser considerada e analisada “como” performance, embora o que a performance “é” – um domínio muito mais limitado só possa ser determinado dentro de contextos culturais muito

específicos, localizados dentro de pontos ou intervalos de tempo muito específicos (SCHECHNER, 2013, p. 37).

Com essa definição mais geral, podemos pensar o ritual do torcer como uma performance encenada por diversos atores. Torcedores organizados, torcedores comuns, jogadores, árbitros, profissionais de mídia...todos esses têm uma maior ou menor participação dentro dessa performatividade. São elementos fundamentais para que esse tipo de performance aconteça. Seguindo na linha de pensamento de Schechner (1985; 2011), organizei, baseado na sua Sequência Total da Performance, uma Sequência total da performance torcedora organizada. Segundo o autor, essa sequência se dá em “treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento, performance, esfriamento e balanço” (2011, p. 222). Dentre essas etapas é possível dividi-las em pré-ato (treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento); ato propriamente dito (performance) e pós-ato (esfriamento e balanço).

Tabela 4 – Sequência Total da Performance Torcedora Organizada

Sequência Total da Performance Torcedora Organizada		
Pré-ato (Treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento)	Ato (Performance)	Pós-ato (Esfriamento e balanço)
Preparar-se para a partida; programar-se para a viagem se for jogo fora de casa; preparar uma bela festa para o time; provocar a torcida adversária nas redes sociais; pensar como será a festa; organizar a festa	Chegar ao estádio de mulão com os seus; caminhada até o estádio; entrada em campo; participação na festa da torcida, consumo de substâncias lícitas ou ilícitas fora e dentro do estádio; participação ou tomada de conhecimento acerca de tretas contra torcidas adversárias; vibração durante o tempo de partida; saída do estádio juntamente com a multidão; comemorar nos arredores do estádio no pós-jogo; volta para casa	Dia seguinte a partida; repercussão do jogo; repercussão da festa da torcida; desdobramentos acerca de possíveis confusões contra torcidas rivais; expectativa para os jogos seguintes

Dentre essas etapas, alguns pontos específicos atraem mais ainda a atenção. Quando se pensa em “programar-se para uma viagem se for fora de casa” (para outro Estado ou cidade), por exemplo, isso é bastante interessante para se refletir sobre a performance desses torcedores organizados. Ora, se uma boa parte dessas pessoas não tem muitas condições sociais para fazer viagens maiores e a torcida organizada oferece essa oportunidade a um custo menor, o que não seria isso senão uma forma de inclusão social? Indo mais além, isso procura quebrar justamente o ideário de dificuldade de ascensão na vida num sistema em que as pessoas muitas vezes não têm nem dinheiro para se manter. Então, com essas *práticas*, pensando com De Certeau (2014), os *organizados* batem de frente com o que está dado, novamente, e nos colocam essas tensões. Além de Clóvis, que relatou já ter conseguido uma viagem para o exterior por conta de ser integrante de torcida organizada, Luciana, Fabinho e Jefferson também me disseram que já tinham viajado em caravanas de torcidas. Inclusive Jefferson eu identifiquei através de uma de suas redes sociais, uma foto no estádio quando o Ceará jogou em Salvador contra a equipe do Vitória, em 2018.

Joaquim: Tu já viajou com a torcida alguma vez? Foi pra caravana em outro estado?

Luciana: Já sim, já fui pra Recife e aqui no estado já fui pra Limoeiro, Sobral, Juazeiro. Eu num viajo mais porque tenho que trabalhar e também família aí fica complicado de conciliar (Luciana, Leões da TUF).

Joaquim: E tu já chegou a fazer caravana com o time, já viajou com a caravana pra alguma outra cidade ou pro interior do estado?

Fabinho: Caravana só por aqui mesmo agora pra fora assim São Paulo, Rio, não.

Joaquim: Mas já foi pra outras cidades do interior do Ceará?

Fabinho: Já (Fabinho, Cearamor).

Parece estar no cerne do *organizado* a ideia de ir contra um certo tipo de lei ou regra estabelecida. Não tenho a intenção de colocar esses sujeitos como foras da lei, mas de observar, em suas práticas, como essa lógica muitas vezes adquire uma nova significação e esta vai de encontro ao estabelecido pelo senso comum, muitas vezes. Isso vale para o jeito de andar, de se locomover, de estar nos cantos, de cantar, de se manifestar. Voltando nossos olhares novamente para a tabela da sequência total da performance, note-se os seguintes passos: provocar a torcida adversária nas redes sociais; organizar a festa; chegar ao estádio de mulão com os seus; consumo de substâncias lícitas ou ilícitas fora e dentro do estádio; participação ou tomada de conhecimento acerca de tretas contra torcidas adversárias; vibração durante o tempo de

partida; repercussão da festa da torcida; desdobramentos acerca de possíveis confusões contra torcidas rivais. Tudo isso está envolto de um enfrentamento. Necessita-se de coragem, de atitude, para colocar em prática tais ações. Estar em grupo encoraja para que essas sejam feitas, afinal, se fortalece o sentido de *comunidade* e a torcida agrega esses laços entre seus componentes. E algumas dessas *práticas* são cada vez mais desafiantes num cenário como o de hoje, principalmente no campo do futebol.

5.3 – Masculinidade e honra em ambiente virtual

O ano de 2017 foi, de certa forma, atípico para o futebol cearense. Foi um ano em que feitos memoráveis e bons ocorreram tanto para o Ceará S.C. quanto para o Fortaleza E.C. O uso da expressão atípico se dá por conta de que geralmente os times daqui vivem de fases quase sempre opostas. Se um está bem, o outro vai mal, e vice-versa. Na disputa clubística para ver quem se sobressai, futebolisticamente falando, os torcedores de um costumam desejar o mal do outro. Então, nesse referido ano, depois de 7 anos seguidos de tentativas frustradas, o Leão conseguiu sair da Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro, fato que por todo esse tempo foi motivo de gozação dos torcedores rivais, que nunca estiveram nessa competição. Muitas das piadas e dos xingamentos dos alvinegros agora não fariam mais sentido, visto que os tricolores tinham saído da temida Série C. O Ceará, por sua vez, fazia uma campanha meio à banho-maria na Série B, com um começo em que deu esperanças de que esse ano subiria, mas em meados de agosto/setembro, o time parecia que terminaria a competição no meio da tabela. Tudo mudou no dia em que o grande rival subiu de divisão. Nesse mesmo dia, o Vozão conseguiu uma vitória de virada, em sua casa, e abriu uma arrancada de diversos jogos sem derrotas, que culminou no acesso para a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro. Em novembro, ambas as torcidas dos dois maiores times da cidade estavam felizes com o desempenho de seus times no ano. Contudo, isso não arrefeceu as provocações e rivalidades, muito pelo contrário. Muitos foram os que duvidaram e provocaram um ao outro, durante a competição. E nessa disputa, componentes de gênero também apareceram no meio das questões. Falarei sobre um desses casos nos próximos parágrafos.

Por volta de meados de Novembro de 2017, num período em que o Ceará S.C. estava bem embalado na Série B e que faltava muito pouco para garantir o seu

acesso para a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, um vídeo tomou as redes sociais virtuais ligadas à sociabilidade dos torcedores cearenses. O conteúdo do registro era uma das famosas apostas e desafios que estão tão entranhadas no dia-a-dia do futebol, como diz Gastaldo (2010)¹⁰⁴. Isso acaba remetendo também à ideia que se tem de honra androcêntrica, que ainda é fortalecida pelo pensamento do “cabra-macho” nordestino. Segundo Albuquerque Júnior (1999), “ser 'cabra macho' requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes”. E foi justamente num contexto nessas circunstâncias que aconteceu o caso que será comentado.

O vídeo consiste em um homem gravando o seu rosto desafiando o time alvinegro cearense. As palavras dele são exatamente essas: “Hoje, 21 de outubro de 2017, se a carniça do Ceará subir para a primeira divisão, eu dou é meu cu, eu dou é meu cu todo arreganhado lá na Praça do Ferreira”. Na tentativa de esmiuçar um pouco do que é dito pelo sujeito que grava e divulga tal tipo de arquivo, irei tentar organizar abaixo alguns pontos que considero serem importantes para se pensar bem sobre o caso.

A data de 21 de outubro foi exatamente o dia seguinte em que a equipe conhecida como o “Mais Querido de Porangabuçu” conseguiu um resultado emblemático em seus domínios. Depois de uma ótima sequência de 4 vitórias seguidas (e contra times que eram concorrentes diretos contra o acesso) o time acabara de empatar dentro de seu estádio contra um clube da parte inferior da tabela. Se analisarmos apenas o resultado, poderia ser considerado negativo empatar em casa contra um postulante ao rebaixamento. Contudo, dadas as circunstâncias da partida e do campeonato, até que não foi um resultado de todo ruim, pois a equipe mandante esteve sempre atrás no placar durante toda a partida e conseguiu empatar milagrosamente num gol de falta no último minuto de jogo. Ou seja, em uma partida em que a derrota já era quase uma certeza, o empate foi salvador, e amenizou o fato de o público de um estádio lotado sair chateado com a equipe, pois ao final, tudo virou uma grande festa pelo empate na partida que foi uma verdadeira guerra.

¹⁰⁴ Na discussão sobre as relações jocosas futebolísticas, Gastaldo (2010) elenca 3 elementos básicos constitutivos de uma “gramática interacional” acerca dessas relações, e estes são: a qualificação dos participantes, o conhecimento de fundo e a dinâmica do desafio. Irei me ater ao último ponto que evidencia o que comentamos sobre as apostas no meio futebolístico. O pesquisador aponta que “seja na forma de apostas em dinheiro ou mesmo de simples bravatas ou previsões sobre o resultado de um jogo ou campeonato futuro, situações de desafio entre torcedores são bastante frequentes nos locais pesquisados. O desafio é um ‘jogo dentro do jogo’, um envolvimento mais profundo e pessoalizado entre um torcedor e outro, mediado pelos fatos do jogo de futebol” (GASTALDO, 2010, p.319).

Então, muito confiantes de que a partir daí começaria uma sequência negativa do time preto e branco, e também porque o Fortaleza só tinha mais uma partida a fazer no campeonato (a final da Série C), a preocupação de muitos tricolores agora (já que o time deles já havia feito a sua parte e subido para a Segundona) era *secar* o rival. Pode-se novamente trabalhar com as “relações jocosas do futebol” as quais Gastaldo (2010) articula quando pensa nas interações entre fanáticos por futebol: “os torcedores de um time estão sempre envolvidos com quatro equipes, duas fixas e duas variáveis: a) a favor do seu próprio time; b) contra o time rival; c) contra o adversário do seu time; d) a favor do adversário do time rival”.

Para se ter noção de como é relevante isso de *secar* para as torcidas cearenses, durante vários anos o Fortaleza disputou a Série C e colecionou amarguras, sempre falhando na última partida, a cada ano sendo eliminado por um time diferente no jogo decisivo, a maioria deles menos tradicionais e com uma menor importância no futebol nacional que o tricolor cearense. E em todos esse tempo a torcida do Ceará fez muita chacota com os tricolores por esses fracassos seguidos, inclusive confeccionando uma camisa comemorativa versão pirata do Ceará, com todos as cores e escudos dos times que eliminavam o Fortaleza a cada ano. A torcida do Leão para não ficar por baixo também fez camisa na mesma temática, com times que eliminaram o Ceará do Brasileirão, Copa do Brasil, Série B, mas não fez tanto sucesso entre seus torcedores quanto a primeira blusa fez entre os alvinegros.

Figura 2: Blusa feita pela torcida alvinegra que tira sarro com os times que eliminaram o Fortaleza na Série C¹⁰⁵.



Figura 3: Blusa feita pelos torcedores do Fortaleza que tira brincadeira com os times que eliminaram o Ceará no ano de 2014 do Campeonato Brasileiro Série B.



Então, já que a lógica do *secar* é tão importante para os torcedores locais, sejam esses organizados ou comuns, o rapaz do vídeo faz um desafio aos seus pares. De

¹⁰⁵ Fonte: Site Verminosos por Futebol

que se algo inacreditável acontecesse, ele faria algo mais absurdo e punitivo ainda, em seu paradigma. Dentro do ambiente de heterossexualidade compulsória¹⁰⁶ e masculinidade hegemônica presente no campo do futebol e nas torcidas, o tomar o cu é constantemente utilizado como xingamento por torcedores seja contra rivais ou contra juízes e bandeirinhas, por exemplo. Então o homem do vídeo faz valer desse recurso, de punição humilhatória pela qual ele mesmo infligiria a si próprio caso o seu rival subisse para a primeira divisão. Um ponto importante é que em nenhum momento ele se declara como torcedor do Fortaleza ou veste alguma blusa ou adereço no vídeo que dê a entender isso, mas existem alguns indícios. Primeiro, segundo a lógica de filiação clubística (DAMO, 1998, p.67) presente na capital cearense, a imensa maioria dos torcedores que não são Ceará, são Fortaleza, e vice-versa. Que o Ceará não é o seu time logo fica claro pois ele fala “se a carniça do Ceará”, então por eliminação, dentre os times locais mais importantes, ele provavelmente poderia ser um torcedor do Fortaleza ou do Ferroviário. Contudo, o fato de ter gravado esse vídeo exatamente no dia em que o Fortaleza disputava a final da série C e o Ceará tinha vindo de um empate em casa, enquanto o Ferroviário estava a meses sem jogar, dá pistas de que o rapaz era realmente torcedor do Leão. Logo após a repercussão inicial do vídeo, em grupos de *Whatsapp* e no *Facebook*, se espalhou uma foto num estádio com o mesmo rapaz vestido a blusa de uma torcida organizada do Fortaleza, foto esta que não parecia de forma nenhuma ser montagem.

Eu, assim que vi o vídeo pelas redes, dei logo um jeito de conseguir baixa-lo para possível análise assim como as repercussões virtuais disso entre torcedores. Essas apostas mais sérias, principalmente que envolvem a honra masculina, costumam ter esse tom de jocosidade, de desafio e de possibilidade de cobrança por parte de outros, caso o apostador venha a perder a disputa. Nas linhas abaixo falarei um pouco sobre as discussões acerca da reverberação virtual do vídeo, além de tentar entender essas questões de gênero e honra que perpassaram a discussão.

Mesmo não sendo o foco principal do trabalho, comentarei um pouco acerca da etnografia virtual ou netnografia, conceito de Kozinets (1998), para a etnografia feita

¹⁰⁶ Conceito criado pela feminista Adrienne Rich (2010), nos anos 1980, para falar sobre o apagamento da existência lésbica a partir dessa experiência. Várias outras teóricas feministas discutiram o tema desde então, como Curiel (2010). Rich sustentava a ideia de que a heterossexualidade, assim como a exploração econômica, a família, a maternidade, são instituições que funcionam para diminuir o poder das mulheres dentro de uma sociedade notadamente masculina.

no ciberespaço. Ribeiro (2017) faz um bom histórico da pesquisa antropológica desenvolvida a partir dessas redes e também comenta sobre a virada ontológica empreendida nesse locus. Os pesquisadores do GrupCiber¹⁰⁷, baseados na “teoria ator-rede”¹⁰⁸ de Bruno Latour e John Law, entendem que a pesquisa feita ali não pode ter como parâmetros apenas pressupostos de atores humanos, mas sim de conexões entre agências humanas e não-humanas. Afinal,

se outrora a antropologia clássica levou em consideração o “poder mágico” de determinadas entidades não-humanas, então, por que agora, no contexto da cibercultura, não poderia considerar a capacidade de influência desses entes técnicos que compõe todo o emaranhado do contexto cibernético, como as redes *wireless*, computadores, fios, *pixels*, algoritmos e códigos numéricos? (RIBEIRO, 2017, p. 37).

Sendo assim, acredito que esse tipo de etnografia deve pensar através desses parâmetros, considerando tanto as interações homem-homem quanto as interações homem-máquina, homem-ambiente, para uma melhor compreensão de todos os seus actantes. É possível pensar o conceito de “ciberacontecimento” (Arias, 2008) para trabalhar no caso da discussão sobre a publicação da gravação. O pesquisador espanhol do campo da Comunicação, Rafael Arias cunhou o termo, que em sua definição significa “*la propagación explosiva de información, ya sea referencial o autorreferencial, en el ciberespacio*”¹⁰⁹. Ou seja, algo que surgiu na internet e de certa forma viralizou, não necessariamente dependendo de outros meios como a mídia para que tivesse uma circulação. O antropólogo brasileiro Airton Jungblut (2011) alinhou o conceito com a pesquisa etnográfica. Ele utilizou a categoria como *tática* para entender um episódio de troca de desafetos e provocações entre santistas e gremistas no ano de 2007. Acredito que a grande repercussão acerca do desafio provocativo vindo do torcedor do Fortaleza se configura também como um ciberacontecimento por se enquadrar nas características citadas acima de: ter tido uma propagação que bombou rapidamente e também por ter provocado reações e discussões várias, as quais comentarei em seguida.

¹⁰⁷ Grupo de pesquisa focado em ciberantropologia do curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. O grupo tem como professores participantes os antropólogos Teophilos Rifiotis e Jean Segata.

¹⁰⁸ Teoria baseada nos estudos de Latour e Law, dentre outros pesquisadores, os quais pensam num sentido múltiplo de redes de actantes numa multiplicidade de agências sociais. Os actantes, dentro desse pressuposto, são humanos e não-humanos. Nessa teoria, nada ninguém age isoladamente, o agente pode ser uma rede, e a rede pode ser um agente (RIFIOTIS, 2016, p.90). C.f. LATOUR (2012); LAW (1992).

¹⁰⁹ Em tradução nossa: “a propagação explosiva de informação, seja ela referencial ou autoreferencial, no ciberespaço.

Como a repercussão do vídeo tinha sido em plataformas de comunicação inseridas nas redes sociais virtuais, prioritariamente, resolvi seguir por estas para continuar a análise do evento. A estratégia se dividiu no *Facebook* e no *WhatsApp*. Neste último, através de grupos os quais eu fazia parte, pedi para que os membros dessem suas opiniões acerca do vídeo do torcedor fazendo a aposta. Tais locais nos quais coloquei a pergunta são grupos de amigos formados por homens, cujo futebol e a discussão sobre ele são um dos maiores vieses de sociabilidade (grupos “Xilopa” e “Ch Champions”); grupo (“Vozão Antifascista” – grupo da torcida organizada antifascista do Ceará). Além dessa rede, também utilizei o *Facebook*. Neste, os grupos em análise foram grupos os quais eu fazia parte e que tiveram posts criados acerca dessa temática. No grupo intitulado “Ceará Sporting Club” foi criado um post com a postagem dos vídeos por um dos membros, já no grupo “Cearamor – Toc 82” foi criado um post com o link do evento dentro da mesma plataforma intitulado “Fila p Arregasar a raba do tricolor na praça do Ferreira”.

O levantamento das discussões foi feito através do recurso de *Print Screen*¹¹⁰ tanto no *WhatsApp*, quanto no *Facebook*. A quantidade de imagens com elementos para discussão foi grande, em todas essas plataformas, mas irei me focar em algumas delas para que consigamos metodologicamente desenvolver uma leitura possível. A primeira imagem que comentarei sobre o evento foi uma postada no grupo do *face*¹¹¹, chamado de Ceará Sporting Club (<https://www.facebook.com/groups/ceara>), e é um dos 3 maiores grupos relacionados ao time nesta rede. Esse grupo é um grupo fechado, que se organiza segundo uma moderação, composta pelos administradores do grupo, e segue regras específicas para a convivência dentro deste ambiente. As regras do grupo são:

Para um melhor disciplinamento do Grupo, estamos publicando o regulamento formalmente para que todos os membros tomem conhecimento. As regras estarão fixadas na descrição do Grupo.

FINALIDADE E REGRAS DO GRUPO CEARÁ SPORTING CLUB:

1. FINALIDADE: este Grupo tem como finalidade promover discussões e informações relacionadas ao Ceará Sporting Club.

2. REGRAS e CONSIDERAÇÕES GERAIS:

2.1. ADMINISTRAÇÃO E MODERAÇÃO DO GRUPO: a administração é composta por um ou mais membros do Grupo, tendo como atribuições: estabelecer regras, fiscalizar, moderar, admitir e excluir publicações, e

¹¹⁰ Função presente em microcomputadores e celulares que permite congelar a tela e salvar aquele momento num arquivo de imagem.

¹¹¹ Utilizarei os termos *Facebook*, *FB* e *Face* como sinônimos para me referir ao vocábulo *Facebook*.

demais membros do grupo. Compete ao administrador designar outros administradores e moderadores.

2.2. MEMBROS DO GRUPO: O Grupo é destinado exclusivamente aos torcedores do Ceará Sporting Club, e aos colaboradores aprovados e aceitos pela Administração.

2.3 CONTEÚDO PERMITIDO: discussões, críticas, informações, vídeos e imagens relacionados direta e indiretamente ao Ceará Sporting Club. Publicações alusivas aos Clubes adversários serão permitidas em momentos oportunos e em conformidade com a avaliação dos administradores. Publicações não relacionadas ao Ceará Sporting Club, de caráter de utilidade pública poderão ser aceitas, mediante aprovação dos administradores.

2.4 CONTEÚDO NÃO PERMITIDO E PROIBIÇÕES: publicações que denigram a imagem e símbolos do Ceará Sporting Club. Publicações com conteúdo pornográfico. Quaisquer publicidades de eventos e negócios, ou de interesse pessoal, irrelevantes ao Ceará Sporting Club. Agressões com palavras de baixo calão entre os membros do grupo. Palavras pejorativas e acusações sem provas dirigidas aos membros torcedores do Grupo, dirigentes, atletas, funcionários e outras pessoas ligadas ao Ceará Sporting Club. Torcedores que não curtem o Ceará Sporting Club como clube de sua preferência em sua página pessoal, salvo em casos especiais, sob o julgo dos administradores. Publicações sistemáticas alusivas a outros clubes, de qualquer conteúdo. Tópicos com o conteúdo repetido de um primeiro já publicado. Tópicos com informações e notícias inverídicas. Publicações com arquivos indisponíveis aos Administradores do Grupo.

2.5 SANÇÕES: exclusão de publicações e de membros, caso hajam infrações previstas nas regras supracitadas, mediante apreciação dos administradores, podendo o membro ser advertido em um primeiro momento, ou logo excluído. Em caso de advertência, na terceira infração, o membro será excluído do Grupo.

3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES:

3.1. CASOS OMISSOS: caberá aos Administradores do Grupo, tomarem decisões em razão de casos omissos neste regulamento.

3.2. RESPONSABILIDADE: os membros serão responsáveis diretos pelas suas publicações no Grupo.

3.3. REGULAMENTO: Este regulamento poderá ser alterado a qualquer hora, somente pelos Administradores do Grupo (Regras do grupo Ceará Sporting Club listadas no grupo do *Facebook*).

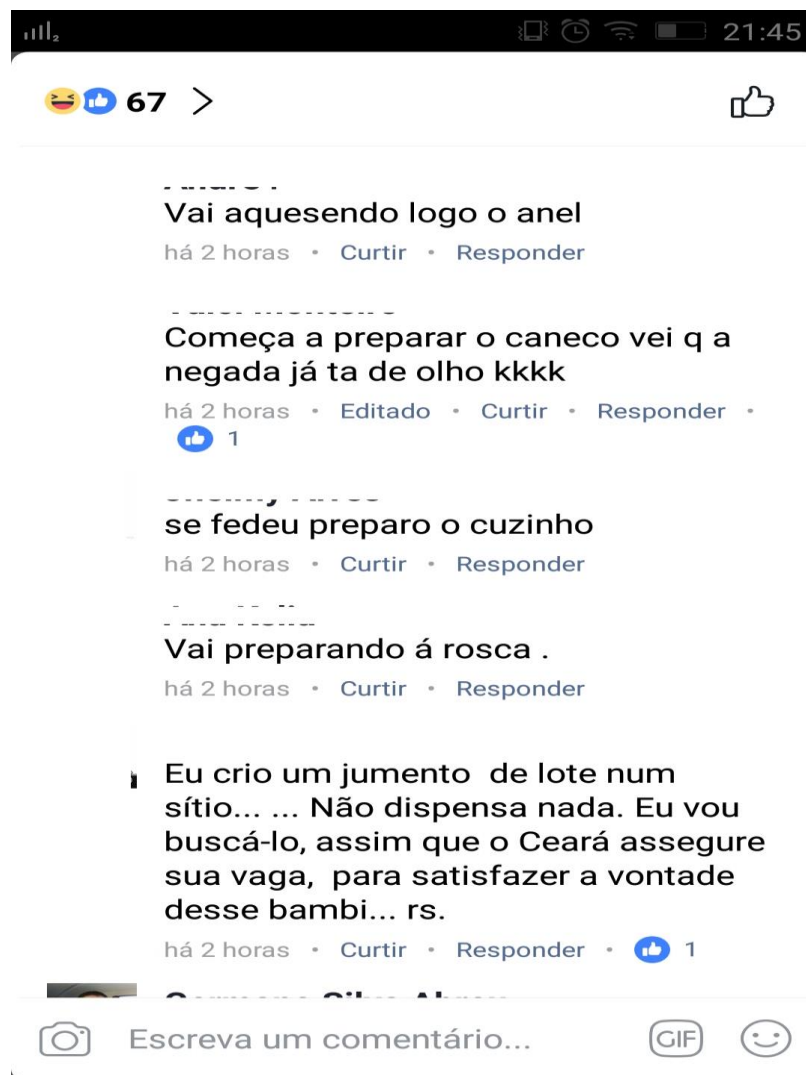
Então, exatamente no dia 15/11/2017, um membro do grupo criou uma publicação intitulada: “Acho que esse jovem se lascou”, e, em conjunto com a sua frase título, postou o vídeo em que o torcedor tricolor fazia a aposta de “dar o cu na praça do ferreira” caso o Ceará subisse de divisão nacional. As respostas da sua postagem foram de vários comentários de jocosidade em relação ao autor do vídeo e à torcida do time rival, no geral, como mostrarei abaixo. Todas as imagens dos comentários terão seus rostos não-identificados assim como o nome dos autores, seguindo a linha que este trabalho está se propondo, de anonimato em relação aos nomes e identidades reais dos sujeitos da pesquisa.

Na foto abaixo, vê-se um claro tom de chacota e imputação de uma feminilização negativa para com o adversário, quando os comentários giram em torno de “vai aquecendo logo o anel”, “se fedeu prepara o cuzinho”, “começa a preparar o

caneco vei q a negada já tá de olho kkk”. Se o autor do vídeo considera um absurdo e vexatória a situação de se humilhar perante a torcida adversária sexualmente falando, em função da impossibilidade de acesso de seu rival; alguns dos torcedores do Ceará pertencentes a esse grupo, ao ver o vídeo, viram a situação como oportunidade para exacerbar a sua pretensa superioridade sobre os adversários. E a forma encontrada para exercer isso, para muitos desses sujeitos, falando em termos de gênero, é exatamente respondendo o vídeo nesse teor, dizendo que vão comer o cu do outro mesmo, que ele pode esperar uma fila, etc. O último comentário é mais sintomático ainda, quando se afirma que se ocorrer o feito da subida alvinegra, o autor do comentário buscará “um jumento de lote¹¹²”, que “não dispensa nada”, para “satisfazer a vontade desse bambi”. Sobre a última expressão, esta se remete tanto ao linguajar popular em que se chama pejorativamente os homossexuais no Brasil, cujo termo surgiu do filme da Disney com um animal (veado) delicado. Por essa característica ser tida como ligada ao feminino, isso é colocado como chacota, já que “num esporte que simula uma batalha, questionar a virilidade do adversário é desqualificá-lo para o embate” (STREAPCO, 2009).

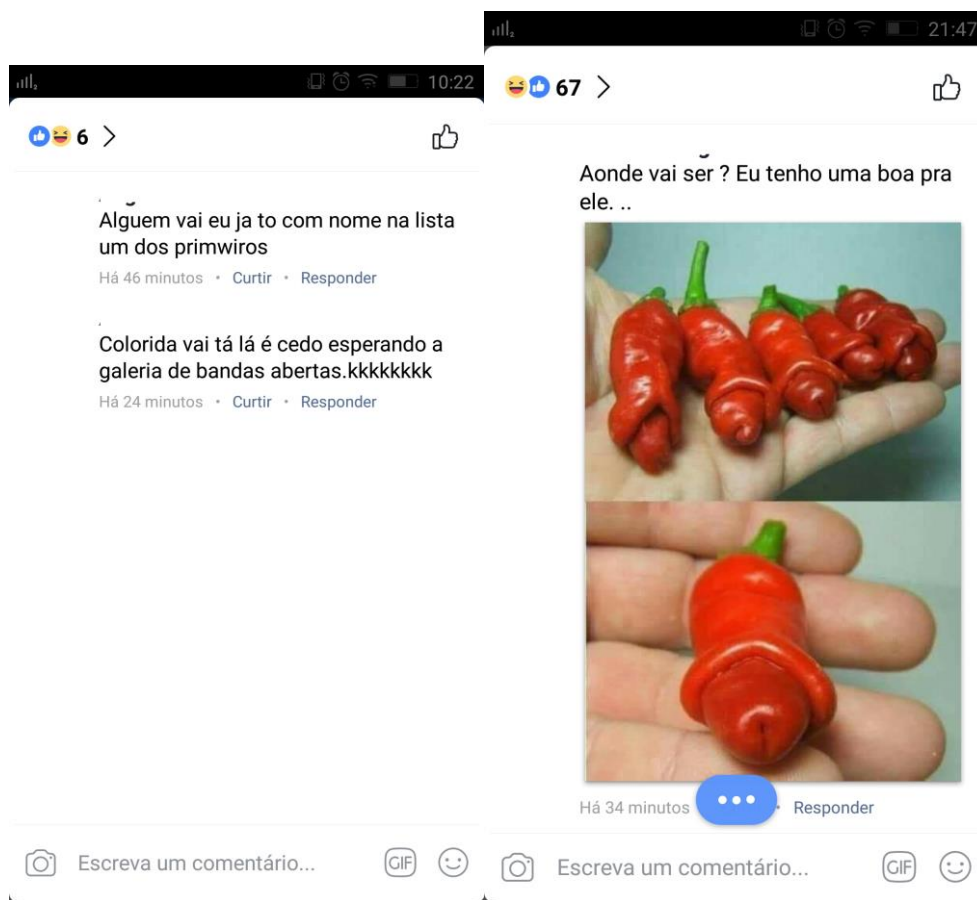
¹¹² Expressão coloquial, de moradores do interior do Ceará, para se referir a um jumento bem cuidado, de boa criação. No contexto do uso da expressão na imagem, pensa-se na característica sexualidade da semântica do símbolo do jumento como animal de membro sexual avantajado.

Figura 4: *Print* retirado do grupo do *Facebook*¹¹³



Colocarei dois *prints* em sequência. Um ainda é do mesmo grupo que estava situado a imagem anterior, o outro é componente de outro território do FB, a parte dos eventos. Nesse setor do site, como o próprio nome diz, a ideia é que se crie e divulgue os eventos dos mais variados tipos, sejam eles abertos para toda a rede (públicos) e limitados a um número X de pessoas (privados). O segundo foi um post criado no evento intitulado “Fila p Arregasar a raba do tricolor na praça do Ferreira” e divulgado no grupo Cearamor – Toc 82. Nas próximas linhas comentarei acerca dessas fotografias.

¹¹³ Fonte: Grupo do *Facebook* “Ceará Sporting Club” - <https://www.facebook.com/groups/ceara/>

Figura 5: *Print* retirado de evento do FacebookFigura 6: *Print* retirado de grupo do Facebook¹¹⁴

As fotografias remetem-se a caracteres ainda muito presentes no pensamento acerca de gênero no senso comum brasileiro. Ao mesmo tempo em que se faz chacota do outro por oferecer o cu em caso de perca de aposta, se coloca como um dos membros da fila que fará a ação. Paulo Rogers Ferreira (2006), coloca a homossexualidade camponesa como um campo de diversas estratégias diferentes de discursos acerca de uma moral sexual. Segundo o autor, tanto corroboram para isso mecanismos de lidar com a repressão quanto também de fuga de estereótipos negativos. Falar mal de homossexualidade, dentro desse espaço, pode ser até uma possibilidade de marcação de um encontro com alguém que seja gay ou algum “macho” que faça sexo com as “bichas”. Então, pensando nessas possibilidades discursivas, vejo essa questão

¹¹⁴ Fonte: Grupo do Facebook Ceará Sporting Club - <https://www.facebook.com/groups/ceara/> e do evento “Fila p Arregasar a raba do tricolor na praça do Ferreira”.

do gênero como algo ainda ambíguo no Brasil e que, a depender de seu contexto, a homossexualidade pode ser tanto praticada quanto ameaçada, pelas mesmas pessoas inclusive, como foi no caso das imagens colocadas acima.

Continuando a pesquisa, fiz o exercício de questionar sobre o vídeo em grupos de *Whatsapp* que participava, ligados à temática do futebol, e obtive algumas respostas. Um dos membros do grupo, **A**, falou que “Fortaleza é a terra do humor quase sem limites. Onde aquilo que faz rir é sempre baseado na execração do outro, de si mesmo. Rir da pessoa dá o cu é uma coisa que a pessoa não deixa de fazer desde criança”. Já **B** disse que achava “bizarro que essa fissura de torcida com caneco é só no Brasil e mais ainda no Nordeste... você vê canto de torcida argentina, europeia, tem esse lance de ‘desmasculinizar’ o adversário, mas raramente de forma tão explícita que aqui”, e continuou dizendo que “é grotesco imaginar milhares de cidadãos (incluindo mulheres e crianças) cantando coisa a todo vapor coisa do naipe ‘come cu de tufgay’ e ‘chupa o cabeção do pau vermelho’. A fala dos dois membros, assim como de outros do grupo, foi no sentido de tentar entender essas práticas como pertencentes às torcidas organizadas daqui, principalmente, e dentro de um contexto em que quase todos que estão ali dentro se contagiam e acabam reverberando esses xingamentos e cânticos.

De acordo com Butler (2003), a “unidade de gênero” acaba sendo uma “prática reguladora” a qual tenta padronizar as identidades através de uma heterossexualidade compulsória. Para que isso aconteça, “os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo” tentam a todo custo implementar a sua lógica. As práticas presentes no seio dessas torcidas, tanto nas ações dos torcedores comuns, quanto dos organizados, acabam reforçando esse fortalecimento de tais esferas de poder.

5.4 – A performance torcedora no futebol espetacularizado

Vivemos na segunda década do século XXI e aquele futebol idílico de até meados do século XX, não tem mais espaço dentro de um futebol profissional espetacularizado (DAMO, 2017). O futebol hoje é um negócio, que mesmo mediando interesses entre paixão e capital, dentre vários outros, é tratado por clubes, jogadores e imprensa como tal. Se na Europa as modernizações tiveram início entre o final dos anos 1980 e começo dos 90, aqui as coisas tardaram mais um pouco a acontecer, mas desde os anos 1990 já se ensaiava tal modernização. Há 4 anos o país passou por um contexto

de sediar uma Copa do Mundo, fator que acelerou, sem dúvidas, esse processo. Mas antes disso, já haviam autores tratando sobre o tema.

As mudanças no campo do futebol brasileiro contribuem, de certa forma, para a (re)modelagem do futebol, pois as organizações desportivas incorporam novos significados aos seus agentes e instituições, frutos da ampliação de uma nova lógica de ação, a de mercado, que se reflete em diversos elementos como o torcedor, o jogador, o jogo, o estádio e os relacionamentos. Agora, o ambiente técnico, de certo modo imperceptível na origem do futebol brasileiro, exerce maior influência sobre o contexto dessa prática desportiva. O torcedor, outrora percebido como devedor eterno de sua devoção ao clube, por seu amor à camisa, é encarado como um “mercado consumidor” com potencial de compra e necessidades a serem atendidas. O jogo, antes uma atividade de lazer, de ócio e de liberação de tensões do trabalho, transforma-se em “espetáculo” e oportunidade de negócio, tendo como “mercadoria” os jogadores. Nesse “negócio” extremamente lucrativo, que envolve entre outros agentes a mídia como elemento central, os clubes encontram uma forma de ampliar suas fontes de financiamento e a exposição da sua imagem (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

E dentro desse contexto de tratar o torcedor como consumidor, é que os estádios vão cada vez mais se adequando ao chamado Padrão-FIFA. Tal padrão tem como modelo o fato de estabelecer pontos mínimos para um estádio fique apto a receber eventos de porte internacional. Esse padrão segue uma tendência que busca aliar conforto, segurança e lucratividade (FIFA, 2007). O resultado disto, para Mascarenhas (2013, p.143), é que esse novo modelo de estádio é “paradigma mundial de conforto, segurança, previsibilidade, controle e, acima de tudo – embora veladamente –, rentabilidade e elitização”. Uma das razões dessa elitização são os altos custos de manutenção dos equipamentos, o que faz aumentar o valor das entradas, e também faz com que os gestores dessas novas arenas busquem formas de rentabilidade para além do futebol (NASCIMENTO; BARRETO, 2013).

Tais processos, juntamente com a promulgação do Estatuto do Torcedor, no ano de 2003, fizeram com que aos poucos ocorresse uma mudança no perfil dos torcedores Brasil afora. E a cidade de Fortaleza, como uma das cidades que foi sede tanto da Copa das Confederações de 2013 quanto da Copa do Mundo de 2014, e que teve dois estádios completamente reformados para as competições acima, é parte desse processo. É perceptível uma mudança nas formas de sociabilidade, desde que se proibiu não só as gerais nos estádios, como também o consumo de bebidas alcólicas dentro destes (DAMO, 2017). Então, é dentro desse contexto que os torcedores cearenses (comuns e organizados) vivem atualmente. Numa das entradas da Arena Castelão existe uma placa com informações disponíveis para quem quiser ler:

Figura 7: Placa de informações gerais da Arena Castelão¹¹⁵



Então, a partir dessa modernização e busca de adequação a um padrão estabelecido pela detentora do futebol profissional mundial, se parece buscar também por um novo tipo de torcedor. Torcedor que difere dos costumes que se possa dizer tradicionais dos torcedores cearenses de torcer. A partir de uma série de limitações, tanto no tocante à venda de bebidas alcoólicas (que foi permitida apenas durante a Copa do Mundo 2014), quanto no tocante à entrada com artigos considerados explosivos ou quaisquer comportamentos que possam colocar em risco a serenidade das pessoas. Em conversas com Clóvis ele me repetiu várias vezes a sentença de que “um estádio de futebol não era um teatro”, que pode ilustrar um pouco da situação. E dentro desse contexto, ainda continuam a existir muitos problemas estruturais onde deveria ter se modernizado, segundo o discurso dos gestores e mandatários dos equipamentos. Numa conversa que tive com Milena, enquanto eu tocava no assunto dos xingamentos e palavrões falados pelos torcedores organizados, ela me respondeu exatamente isso:

Acho que a gente tem que deixar de se preocupar com coisas mínimas e passar a se preocupar com outros problemas que estão no estádio bem maior. O do ingresso muito alto, que muita gente que não tem condição e é apaixonado por futebol num tá conseguindo ir. É, o acesso ruim, transporte

¹¹⁵ Fonte: Hemerson Martins (2014).

público péssimo, que só aconteceu, só funcionou na época do estádio, coisas que a gente queria implementar no futebol e principalmente nos clássicos que era aquele bolsão até hoje ninguém aceitou, e num aceitam é por má vontade porque se num funcionou no estádio poderia funcionar no dia-a-dia, até mesmo pra impedir que os ônibus sejam depredados, porque colocava os ônibus pra torcida A passar e depois a torcida B passar, isso não acontece, porque não querem, por má vontade. Estádio comida péssima e cara, muitas vezes, pessoas que vão pro estádio, assalariados, que decidem, ou vai pro estádio e num come, ou então fica em casa. Tem gente que só tem dinheiro pro ingresso, ou muitas das vezes nem tem, lá fora pede dinheiro ou ajuda de 1 real a um e outro pra comprar ingresso pra entrar. Comida ruim e pouca e falta de opção, né. Banheiro muitas das vezes sujo, sem um papel higiênico, sem uma coisa pra lavar ou secar a mão. Isso sim a gente tem que se preocupar porque eu acho que eu esculhambar o outro lá do outro lado, cada um vai pra sua casa e acabou, e um problema recorrente dentro do estádio você vai continuar indo, o ingresso vai continuar caro, a comida vai continuar ruim, o acesso vai continuar ruim. Essas sim são as coisas que a gente tem que se preocupar, mas o pessoal quer tampar o sol com a peneira, quer colocar culpa na organizada pra tampar o problema que é bem maior e que vem atrás disso. O meu ver é esse.¹¹⁶

De nada adianta modernizaram espacialmente o ambiente, ficar lindo o estádio na televisão, se boa parte dos torcedores, além de ainda não conseguir obter acesso por conta do preço dos ingressos, quando consegue frequentar é maltratado, não tem ofertas de ônibus para voltar para casa, não consegue comer dentro do estádio pois a única coisa que tem é uma “comida ruim” e cara. São diversos os problemas e mesmo com todos esses, os *organizados* seguem acompanhando o time, nas vitórias e nas derrotas. Continuam performando suas corporalidades num constante enfrentamento de um sistema excludente de elitização, que parece não desejar a presença desses componentes. Um mercado que insiste em querer afastar os menos abastados (o que afeta diretamente as T.O.’s) dos estádios de futebol, e que acaba provocando um maior número de lugares vazios e um menor apoio vindo das arquibancadas aos próprios clubes.

¹¹⁶ Entrevista com Milena.

6. FISSURAS DENTRO DO SISTEMA: TORCIDAS ORGANIZADAS E POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS DIVERSAS DE GÊNERO

8 de março de 2018. Brasil. Exatamente no dia em que se proclama o Dia Internacional da Mulher em todo o mundo, um torcedor palmeirense publicou em seu perfil no *Twitter* a seguinte frase¹¹⁷: “Meu primeiro Palmeiras x São Paulo em um estádio e eu espero do fundo do meu coração que eu não ouça nenhum 'bambi' ou 'viado', porque senão eu vou tretar.” A esperança de William (torcedor palmeirense e gay) para o primeiro clássico contra um grande rival de seu time, de que a torcida de seu clube não cantasse certos tipos de cânticos homofóbicos horas depois se transformou em protesto. Ele, novamente publicou em seu perfil que, contrariando ao que proclama a sua torcida “de que todo viado nessa terra é tricolor”, ele, se define como gay e palmeirense e vai em todos os jogos. Isso ganhou notoriedade, abriu espaço para William em programa de televisão em uma grande emissora mas, pelo que se consta, ainda não provocou uma mudança no pensamento e nas práticas de boa parte dos torcedores. Mas já mostra avanços na questão. Falarei ao longo deste capítulo sobre formas positivas de lidar com performances de gênero múltiplas ao longo dos anos no Brasil, com foco nas torcidas organizadas.

O parâmetro pioneiro sobre o assunto no Brasil é da Torcida Coligay, do Grêmio Football Porto-Alegrense, do Rio Grande do Sul. Em plenos anos 1970, em período de ditadura militar, mas também de efervescência cultural no mundo todo, surge essa torcida que quebrou diversas barreiras nos estádios gaúchos e brasileiros. A Coligay era uma torcida organizada, que pregava um discurso de incentivo ao time, acima de tudo, e que tinha em sua composição muitos membros gays, inclusive o seu fundador, Volmar Santos. Léo Gerchmann (2014), jornalista porto-alegrense, fez um livro que conta a história do grupo de torcedores, e numa das entrevistas com o fundador, inquiriu a respeito da ideia de criação da mesma.

Um dia, em uma das partidas, comecei a notar que as torcidas estavam muito desanimadas, no meu modo de ver, e não apoiavam o time como deviam. Na época, existiam a torcida oficial do Grêmio, a Eurico Lara, e a Força Azul. Fiquei com uma ideia na cabeça, de fundar uma torcida mais animada e totalmente diferente das outras. Um dia, após o término do horário de

¹¹⁷ Ver mais sobre o caso em Silva (2018).

funcionamento da boate, reuni vários gays frequentadores da Coliseu e lancei a ideia, que foi muito bem aceita por todos. Aí veio a escolha do nome da torcida. Pensei em ColiGrêmio, mas não gostei. Foi então que surgiu a proposta de colocar parte do nome da boate com o público que a frequentava, que era gay. Então resolvemos que a nova torcida seria Coli, de Coliseu, e gay, do público que a frequentava. Ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos (GERCHMANN, 2014, p.36).

Volmar era proprietário de uma boate na cidade, muito comentada por ter ótimas festas e ser bem aberta ao público de gays e travestis, e também era gremista fanático. Essas duas características o fizeram criar uma torcida que apoiasse o Grêmio e ainda tivesse a sexualidade destes no nome da própria torcida. Inicialmente não foi fácil para seus membros conseguirem uma boa recepção dentro do estádio gremista, contudo, eles se utilizaram de *táticas* como a gentileza e cordialidade, além de bom comportamento extra campo para que fossem bem vistos pelos outros. Acima de tudo, o objetivo desses, segundo as falas do livro, eram o apoio irrestrito a equipe, vibração durante os 90 minutos, e isso ganhou a simpatia de muitas pessoas. Contudo, eles também eram preparados para caso o pior acontecesse e se rolasse confusões, como disse Volmar, o seu criador:

Eu sabia que iríamos encontrar dificuldades, pois na época era o fim do mundo os gays irem a um estádio de futebol torcer, porque havia muita discriminação. Imagina, quase quarenta anos atrás. Coloquei para todos o perigo que estávamos correndo e todos aceitaram. Inclusive, sugeri que fizessem aulas de caratê para uma eventualidade, se precisássemos, para enfrentar os machões (os integrantes da torcida chegaram a frequentar uma academia e aprenderam golpes que lhes foram muito úteis em algumas circunstâncias, usados estritamente como forma de defesa pessoal). Então, mandei fazer umas caftãs (peça típica do vestuário feminino) com as letras do time em que cada um escolhia a sua. Além disso, depois, em cada jogo cada um usava a sua imaginação para bolar algo diferente como vestimenta, o que fez tanto sucesso e provocou tanta polêmica que, sem dúvida, a torcida Coligay era a grande atração nos jogos do Grêmio, tanto em Porto Alegre quanto em todos os outros lugares em que o time jogasse (GERCHMANN, 2014, p.74).

O Grêmio vinha num jejum de títulos a muitos anos, enquanto o seu maior rival estava muito bem, ganhando diversas competições. Nessa esteira, surge a Coligay exatamente num ano em que o Grêmio venceu o Campeonato Gaúcho e essa torcida teve papel ativo na conquista com a sua militância dentro e fora dos gramados. A Coligay nascia num contexto de maior liberação sexual a nível mundial e nacional, em que num pós-68 as pessoas pareciam estar mais abertas a novos conceitos de gênero, de cultura, de moda. Na política, o ano de surgimento (1977) da torcida também foi marcante pois representou a retomada do movimento estudantil nacional em período de

ditadura militar. Mesmo com essa possibilidade de abertura nos costumes, principalmente de pessoas mais jovens, ainda se vivia sob o medo do militarismo. Isso transformava a torcida, como várias outras organizadas que surgiram no Brasil nesse período¹¹⁸(TEIXEIRA, 1998), num espaço possível de associação entre pessoas com ideias em comum. Tanto o ambiente de festa, a boate, quanto a torcida, funcionavam nessa ideia, tanto de celebração do estar junto como de apoio a uma causa em específica.

Na Coliseu, o embalo de *Dancing Queen*, do Abba, era um ímã a atrair para a pista de dança. Funcionava como um escape de libertação, semelhante ao grito de gol que tanto os rapazes soltavam no Olímpico. Por quê? Porque, do lado de fora, os costumes se impunham pela batida seca e monótona das marchas militares. O conservadorismo estava entranhado na sociedade (GERCHMANN, 2014, p.71).

A Coligay foi bastante vitoriosa, conseguiu o respeito e a adesão dos torcedores (em seu ápice teve cerca de 200 membros presentes) e existiu dentro dos estádios por 5 anos, até que no início dos anos 80 teve seu final. O seu fundador, que era do interior gaúcho, retornou para sua cidade natal, Passo Fundo, em 1983 e não teve mais outra pessoa que tocasse a torcida a frente, fazendo com que a mesma encerrasse sua presença nos estádios gremistas. E mesmo sendo um grupo formado majoritariamente por gays, a torcida ainda tinha práticas um tanto quanto peculiares, como por exemplo quando os jogadores adversários estavam em campo e os torcedores organizados dessa torcida os chamavam de bichas. Segundo Gerchmann (2014), o clima entre os membros da Coligay era de “iconoclastia e diversão”, por isso as jocosidades desse tipo.

No primeiro jogo em que fomos ao Olímpico, a surpresa e o desespero dos torcedores foi geral, tanto que queriam brigar e surrar os componentes da torcida por não aceitarem aqueles gays cantando, rebolando e chamando o juiz e bandeirinhas de bichas quando erravam contra o Grêmio – lembra o líder da turma” (GERCHMANN, 2014, p.93).

Durante os mesmos anos 1970, certa vez seus membros foram convidados para viajar a São Paulo, a pedido do presidente do Corinthians da época, Vicente Matheus, para que dessem sorte para o time numa final de competição, assim como tinham dado para o tricolor gaúcho. Não só o time foi campeão como a Coligay viajou e

¹¹⁸ Penso aqui com Rosana da Câmara Teixeira (1998, p.51), que em sua obra sobre as as torcidas jovens cariocas, coloca que elas surgiram exatamente nesta época, como reflexo de um movimento jovem mundial, que surgiu contra a repressão na época e começou a criar um espírito diferente nas arquibancadas.

deu um show nas terras paulistas. Fizeram amizade com os membros da Gaviões da Fiel e esses depois passaram a ir em alguns jogos de Porto Alegre apoiar os seus amigos gaúchos. Seria essa aliança, que foi ocasional e exitosa, possível nos dias atuais?

Na cidade de Fortaleza existe uma torcida organizada que, desde o ano de 2005, busca ter um posicionamento político e social de luta abertamente de luta contra as opressões. É a torcida Resistência Coral, do Ferroviário A.C (terceiro time da capital), que procura adotar uma postura de tentar não ter comportamentos machistas, homofóbicos. A torcida é deliberadamente de esquerda, em suas diversas vertentes (anarquistas, comunistas, socialistas) e acabou se tornando tradicional dentro da torcida do Ferroviário. Entrevistei um membro dessa agremiação, de nome Cláudio, o qual me contou um pouco sobre seu lado torcedor, além da performance de sua torcida. Ele disse que a torcida não possui uma sede, fazendo reuniões na Praça da Gentilândia ou na casa de algum membro, e que também possuem boas relações com as outras torcidas organizadas do mesmo time, as de estilo mais tradicional.

Cláudio: Então, a Resistência Coral ela surgiu em 2005, a data oficial que é considerada a estreia da Resistência nos estádios foi 31 de julho de 2005, e surgiu a partir da iniciativa de dois torcedores, um anarquista e um socialista comunista, né? Eles torciam Ferroviário, tavam ali acostumado a ficar, junto da torcida mais antiga, desses modelo tradicional que é a Falange e a partir do que era a Falange, assim, esse modo tradicional das torcidas organizadas, cantando coisas homofóbicas, machistas e etc, é ele resolveu criar uma nova torcida, no caso, eles já eram de esquerda e resolveram criar uma torcida organizada de esquerda que não tivesse no estádio esse tipo de comportamento homofóbico, racista, etc.

Joaquim: Eles tiveram inspiração em torcida de algum outro time brasileiro, de torcida de algum outro time de fora? Foi uma coisa assim que, vamos criar uma torcida de esquerda, mas teve essa coisa...

Cláudio: Olha, do Brasil não até porque, é, praticamente assim a primeira torcida ultra, digamos assim, uma coisa mais clara antifascista assim foi a nossa, né. Mas eles se inspiraram em torcidas da Europa, porque na Europa essa relação de futebol e política tá bem mais tênue e bem mais clara, e na Europa existe várias torcidas que tem um viés político mais definido e mais escancarado assim, as torcidas ultras são torcidas mais politizadas, que tem tanto as torcidas ultras de direita como de esquerda, então eles se inspiraram nas torcidas ultras de esquerda, como por exemplo a torcida do Livorno né na Itália, a...e, enfim de outras lá, do St. Pauli, enfim de outras torcidas antifascistas da Europa e aí justamente por isso que a gente adotou o prenome aí ultras aí no nome da torcida.¹¹⁹

Justamente na esteira dessa torcida antifascista e aproveitando um momento de recrudescência do fascismo no país, nos últimos anos, a partir do ano de 2013, viu-se surgir Brasil afora torcidas denominadamente de caráter antifascista. Muitas desses

¹¹⁹ Entrevista com Cláudio.

grupos são mais fortes em ambientes virtuais, dentre os quais possuem diversos seguidores e curtidas, mas ainda não somam tanta gente em presença de fato nas arquibancadas.

O termo *Queer*, em tradução do inglês, e é proveniente da palavra que se usa nesta língua para se referir aos efeminados, às bichas. Segundo Guacira Louro (2001), a expressão significa:

estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2001, p.546).

. Na esteira do pensamento de feministas como Judith Butler (1999), desenvolveu-se entre o final dos anos 1980 e começo dos 1990 o que se chamou de Teoria *Queer*. Nesse pensar, não é importante observar apenas o mundo homossexual (que é muito amplo, diverso e impossível de ser colocado como algo uniforme), mas sim questionar os binarismos presentes nas práticas sociais entre homossexual/heterossexual e homem/mulher. Baseados também na ideia de desconstrução de Derrida (1991), busca-se desconstruir esses paradigmas binários sociais com essa epistemologia.

A teoria *queer* constitui-se menos numa questão de explicar a repressão ou a expressão de uma minoria homossexual do que numa análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais – numa palavra, a constituição do *self* e da sociedade (SEIDMAN, 1995, p.128).

Então, na esteira de valorizar, respeitar e abraçar as diferenças, de acordo com Pinto (2014), surgem as torcidas denominadas como torcidas *Queer* ou livres. São grupos que têm como causa fundacional, além de apoiar suas equipes, endossar nas lutas LGBT+ e estas organizações têm proliferado virtualmente pelo Brasil desde o ano

de 2013. A ideia inicial da criação dessas torcidas foi justamente combater as homofobias presentes no futebol brasileiro. Desde a Copa do Mundo de 2014, algumas torcidas brasileiras passaram a gritar “Bicha” no momento do tiro de meta do goleiro adversário, prática comum nos estádios mexicanos e que foi globalizada após essa competição. Já nos anos de 2016 e 2017 algumas torcidas passaram a se posicionar contra esse grito e a não cantar mais (Pires, 2017), também temerosas com punição que a FIFA passou a dar para a torcida de alguns clubes que insistissem nessa provocação (Moreira, 2017). Na esteira dessas, ainda tímidas, mudanças, outro momento importantíssimo que aconteceu foi quando uma torcida organizada do Paysandu (time de Belém-PA), como conta Torcida (2017), além de ter decidido abolir palavras de tom homofóbico de um de seus cânticos em 2017 ainda ousou levantar a bandeira LGBT no estádio. Tal atitude dos paraenses reverberou positivamente nas redes sociais virtuais Brasil afora, assim como na imprensa, mas gerou também uma contrarreação de outros torcedores e torcidas organizadas maiores do mesmo clube, que não aceitaram muito bem a manifestação e fizeram ameaças aos integrantes da torcida que apoio a luta das minorias.

As torcidas antifascistas juntamente com as torcidas Queer são duas categorias novas que surgiram nos últimos anos e vem encontrando bastante adesão, principalmente virtual, entre os torcedores brasileiros. Sobre essas torcidas, é interessante notar as nomenclaturas das mesmas, como Bambi Tricolor, QUEERlorado, Gaivotas Fiéis, segundo Marra (2017), as

políticas de utilização de palavrões e xingamentos heteronormativos, manipulados em sua sonoridade de forma a fazer do futebol “*instrumento* de crítica, em vez de alvo”. Galo Queer, Gaivotas Fiéis e Bambi Tricolor são nomes que partem da adoção de termos ofensivos pelos grupos ofendidos por tais insultos, de forma a delinear uma inversão de valores que traz a potência de questionar normas constituídas (MARRA, 2017, p. 76).

Na cidade de Fortaleza, atualmente, existe tanto uma torcida do Fortaleza E.C quanto uma do Ceará S.C. de inspiração nessa temática. A do Leão chama-se Resistência Tricolor e a do alvinegro é a Vozão Antifascista. Ambas surgiram no ano de 2017, virtualmente, com a do Fortaleza atualmente já atuando nas arquibancadas, enquanto a do Ceará ainda não conseguiu sair do ambiente virtual.

Em uma de minhas idas a campo, tive contato com a ideia da fundação da Vozão Antifascista através de um amigo, também informante da pesquisa, e com isso,

pude entrar em um contato maior com outras pessoas, que também desejavam conectar-se à futura torcida. Participei da fundação da mesma, quando assistimos um jogo num bar, no bairro Benfica, em outubro de 2017, contra o Internacional de Porto Alegre. Ali pensamos no futuro logotipo da torcida, além de pensar num futuro estatuto. Também foi definido que, num primeiro momento, assistiríamos os jogos fora de casa juntos e quando o time jogasse no estádio tentaríamos nos reunir mas não era certeza ainda. Até agora, ainda não rolou de toda a torcida assistir a um jogo no estádio juntos e representada, contudo já foi criada uma página virtual e a expectativa é que nos próximos meses consiga-se ver os jogos juntos e identificados no estádio. Foi feita uma cota para a compra de uma camisa oficial da torcida, assim como discussões com outras agremiações antifascistas da cidade de Fortaleza. Um dos casos curiosos e que remete à questão de uma mistura entre diversas categorias de opressões, diz respeito a uma publicação no *Facebook* da torcida. No mês de junho, no aniversário do Ceará S.C., foi postada uma nota parabenizando a equipe, que foi criada e assinada coletivamente pela torcida. No mesmo documento, além de rememorar à história do clube, falava-se sobre a localização do mesmo ser ao lado de um canal, fato que é sempre de muita gozação da parte dos rivais. Então, na tentativa de reversão do estigma tomamos como nosso e valoramos positivamente o fato de ser do canal. Segue a nota:

1914

No ano em que nascemos ocorria uma guerra civil no nosso estado.
Tropas cercavam a capital. Do litoral: a ameaça de bombardeio naval.
Sitiada estava a cidade
E nós surgimos
O bondinho era o meio de transporte. E ainda meio raro era, como a
ocasional eletricidade em nossa terra.
E já com glória chegávamos.
Antes da celebração de Fátima, na 13 de Maio, o uniforme em preto e branco
reunia torcida devota. Quando o carnaval de rua por aqui se popularizou
encontrou um povão já formado ao redor dos nossos jogos. Somos esse povo
desde então. Somos história que pertence a essas vidas.
Celebramos 5 títulos nos nossos primeiros 5 campeonatos. O único
pentacampeão que o certame cearense conhece até os dias de hoje.
Fomos tetra quando comemoramos 100 anos e bicampeões em pouco depois,
noutra data centenária. Ainda nas comemorações dos cem anos fomos
campeões invictos de todo o Nordeste. A primazia é do mais velho. Do povo.
Somos favela até quando atacados por rivais. Nesse discurso o povo deveria
se manter no seu lugar: Zona da perdição. Canal de preconceito.
Acontece que a favela canaliza a maior parte do povo. E a maior parte do
povo é por nós canalizada.
Nossa massa é galerão há Cento e Quatro Anos, em todos os cantos. A maior
massa da capital e do estado desde a guerra civil até a guerra das ruas. Do
cerco das oligarquias ao genocídio executado pela polícia o grito ecoa através
de um sangue alvinegro fervente, presente, atrevido e lutador.
Somos torcida. Somos política. Somos o urro da multidão que quer títulos,

melhorias, honestidade, igualdade, vitória. Glórias!
 Somos a massa a quem tudo pertence.
 Parabéns ao Ceará Vozão do povo. De sua torcida muito mais velha que os
 palcos Castelão e PV. Nossos palcos que nos encontram, a multidão. O Povo.
 Time da Massa. De todas as favelas e canais. O Mais Querido.
 Parabéns ao Ceará de verdade. Profundo. Ceará que não é cartola, nem
 diretoria, mas essa multidão enorme. Nós.
 Eu te amo, meu Vovô. E sempre vou te amar.
 Combater Toda Opressão
 Vozão Antifascista (Texto retirado da página do *Facebook* Vozão
 Antifascista).

Ao trazer para si o discurso de que a sua torcida é sim do canal e na intenção de tornar o que era chacota como algo que agora ser visto como valorado positivamente fez com que provocasse reações vindas de outra torcida antifascista. Os tricolores da Resistência Tricolor, em grupo de *Whatsapp* criado para diálogo entre as torcidas antifascistas da cidade, ficaram incomodados com a postagem, ao dizer que a torcida antifascista do Ceará estaria os colocando como preconceituosos, como se todos nós não o fôssemos. Debandaram em massa do grupo virtual e, posteriormente, retomaram o assunto em reunião presencial com as três torcidas antifascistas da cidade presentes. Os argumentos giravam em torno de que ambos os times são de massa, que é desnecessário esse tipo de alfinetada, para com eles. Os alvinegros responderam que eles próprios nos chamaram de canal, em outra reunião anteriormente, fato que incomodou a torcida preto-e-branca vindo de quem se declara como anti-opressões.

São muitas as barreiras que ainda podem ser quebradas no futebol, tanto com relação a aceitação de jogadores com outras orientações sexuais, de transexuais, como também em relação às torcidas, dirigentes e imprensa serem mais abertos a todas essas questões contemporâneas. Na história avanços aconteceram, claro, como além da Coligay, a participação política da torcida Gaviões da Fiel, que nos anos 1980, junto com jogadores de sua equipe, fez campanha por Diretas Já! em período militar no país. Atualmente, muitas organizadas continuam nesse processo de participação em temas políticos, como, segundo Moraes e Bonfim (2017, p.5) os Gaviões da Fiel, novamente, “exibindo faixas com os dizeres ‘Quem vai peder o ladrão da merenda?’; já a torcida do Internacional de Porto Alegre, exibiu em um jogo contra o Juventude uma faixa com os dizeres: ‘Temer Jamais’ e ‘Golpe’ com o símbolo da Rede Globo no ‘O’”.

7. E FECHAM-SE AS CORTINAS DO ESPETÁCULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O futebol é a coisa mais importante dentre as menos importantes” (Arrigo Sacchi).

Esse esporte tão popular, tão mediatizado e sobre o qual tanta gente tem uma infinidade de coisas a dizer, definitivamente, é algo que move essa pesquisa em todos os seus meandros. A possibilidade de existência de tantos componentes simbólicos em cerca de 90 minutos, sem contar a sua preparação e no seu pós, é o que deixa esse movimento tão rico ritualisticamente falando. E envoltos nesse mar de significações e, também, por que não dizer, de corporalidades, estão os xingamentos. Esses que se colocam como *práticas* e modos de se fazer torcer, de ouvir e ser ouvido, mas também de marcar uma presença física e simbólica. Pois, como já comentei anteriormente, esses inserem-se num contexto de *táticas* dos torcedores e forma de ação nos estádios. Formas de embate com o estabelecido, com o instituído, tão próprias e legítimas entre os *torcedores organizados* cearenses.

Como citei em números do Grupo Gay da Bahia, em capítulos anteriores, a sociedade brasileira é uma das mais perversas a nível de mundo para com pessoas tenham uma performance fora dos padrões de sexualidade e gênero esperados (heterossexualidade, normatividade, binarismo, cissexualidade). Dito isso, seria talvez esperar demais de que esse tipo de comportamento não fosse reproduzido num dos ambientes mais populares do país, como é o caso dos estádios de futebol e tudo que os envolve (imprensa, bastidores, rotinas de torcedores e jogadores). Contudo, como mostra a história da Coligay e de diversas outras pessoas e entidades, assim como o próprio Fabinho dentro da *organizada* do Ceará, isso pode ser entendido a partir de múltiplas e complexas práticas. Desde o integrante de uma T.O. de massa e que também é homossexual, transpondo, assim barreiras internas em sua instituição e fazendo ali a sua resistência, até mesmo uma torcida que surge já com esse intuito de embate à carece de costumes. Pensando de forma foucaultiana, que via as relações de poder como entranhadas em todas as estruturas sociais, pode-se ver que:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de

todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2017, p.101).

É exatamente nessa crença de que o poder está em todos os lugares, a qual imagino as relações entre torcedores comuns, organizados, jornalistas, dirigentes, árbitros de futebol. As torcidas organizadas, tanto como instituição, como os seus componentes, individualmente falando, são dotados de poder e utilizam suas *táticas e estratégias* para exercê-lo, assim como subverter a outros poderes instituídos. E pensando nessa capilaridade que imagino ser possível um diálogo entre esses diferentes atores que fazem o futebol. Mas para que ocorram essas trocas, é preciso que as partes compreendam o que poder que cada uma tem e o exerçam de forma construtiva de forma a valorizar mais o esporte, as pessoas que o fazem, assim como o respeito e a diversidade em seus amplos sentidos.

Espero que a dissertação possa, a seu modo, em conjunto com outra gama de trabalhos importantes da área, tentar desmistificar alguns dos lugares comuns sobre futebol, torcidas, torcedores organizados em geral. Ideias muito espalhadas por profissionais de mídia, por jogadores, por pessoas comuns, também. Pensamentos que veem os torcedores organizados como pessoas que não se preocupam com seus clubes, apenas com lucro e baderna, além de ideias de que não existem homossexuais dentro das torcidas ou do futebol no geral, também. Se quem tiver contato com esse trabalho conseguir minimamente entender que as relações são bem mais complexas do que essas simplificações grosseiras do senso comum, me sinto realizado como alguém que está tentando trazer essa visão de alguém que é *insider e outsider* nesse campo.

Observo que essa pesquisa acabou abrindo uma margem para pensarmos diferentes aspectos acerca da temática que envolve as torcidas organizadas e as relações de gênero no Ceará. Além, é claro, de abrir-se a possibilidade de um futuro diálogo com relações não só ligadas à temática da homofobia, mas também ao machismo, cito os trabalhos de Ribeiro (2011), Marques (2013) e Moraes e Bonfim (2017) como referências e alicerces para encaminhamentos futuros da pesquisa. Para além da categoria gênero, podemos pensar ainda nas interseccionalidades que envolvem as torcidas de futebol como o caráter de classe e raça, para que se possamos compreender melhor quem são as sujeitas e os sujeitos que endossam os núcleos dessas grandes associações nacionais. Observando a bibliografia existente vejo que ainda faltam

trabalhos que se foquem em categorias como raça e torcidas organizadas, visto que acerca do tema gênero pode-se verificar um número maior de empreendimentos. Vislumbro então essa área como uma futura exploração e extensão dessa atual pesquisa.

Algo que não tinha sido necessariamente pensado de início, mas que acabou depois tomando forma e aparecendo de uma forma mais acentuada ao final do trabalho foi a antropologia do ciberespaço. Acabei por me dar conta de que essa área é fundamental e importantíssima nesse trabalho em específico, pois, as ações dos torcedores sejam elas *online* ou *off-line* são vistas como acontecimentos e reverberam em todos esses fluxos. Aprofundar essas perspectivas, pensando numa teoria de ator-rede, pode ser bastante rico para o desenvolvimento de uma visão mais aprofundada sobre as torcidas cearenses. Acredito que isso possa ser um possível norte num futuro doutorado, assim como as questões que envolvem as interseccionalidades, como comentei acima.

Encerro essas linhas, com a ideia de que a pesquisa está finalizada, mas não completada, e acreditando que ela ainda possa crescer mais e mais na busca de captar e sentir o que o campo tem a dar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “**Quem é froxo não se mete**”: **violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. São Paulo: Proj. História, n.19, 1999.

_____. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **BOAS DE BOLA”**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no **Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.

APÓS chacina no Benfica, Ministério Público cobra extinção das torcidas organizadas. **O Povo**. Fortaleza, p. 1-1. mar. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/ministerio-publico-cobra-extincao-das-torcidas-organizadas-apos-chacin.html>>. Acesso em: 25/05/2018.

ARAÚJO, Aluiza A. de; GUIMARÃES, Tatiane de A. A. S.; CARVALHO, Hebe M. de. As formas de tratamento nominais em questão: o uso de *macho* e *rapaz* no falar de Fortaleza. In: **Confluência**, Rio de Janeiro: v.1, n. 51, p. 128-147, 2016.

ARIAS, Rafael Díaz. La formalización de la realidad: noticia, acontecimiento mediático, ciberacontecimiento. In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE PERIODISMO EN LA RED. **Paper**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2008. p. 1 - 22. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/39161092_La_formalizacion_de_la_realidad_noticia_acontecimiento_mediatico_ciberacontecimiento>. Acesso em: 17/05/2018.

ARRUDA, Roldão. **O lado escuro da eleição**. Estadão. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/o-lado-escuro-da-eleicao/>>, acesso em 03/06/2017.

ATORFLA + Anatorg. ANATORG. 2017. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/01/17/atorfla-anatorg/>>, acesso em 06/06/2017.

AZEVEDO, Nirez de. **História do Campeonato Cearense de Futebol**. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. 416 p.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n.44. p.342-351, Maio/ago., 2010.

BARD, Christine. A virilidade no espelho as mulheres. In: COURTINE, Jean-Jacques; et. al. **História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, p. 116-153, 2013.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques; et. al. **História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, p. 189-220, 2013.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo - vol. II**. Trad. Eleonora Castelli. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1997.

BECA. In: **MICHAELIS - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=wwmL>>. Acesso em: 29/05/2018.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Trad.: Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Trad. Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____; GEER, Blanche. Participant observation and interviewing: a comparison. In: McCall, J. G; Simmons, J. L. (Ed) **Issues in participant observation: a text and reader**. Reading: Massachusetts Addison-Wesley, p. 322-331, 1969.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, Lauriberto. Torcidas organizadas alemãs fazem intercâmbio em Fortaleza. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, jan. 2014. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,torcidas-organizadas-alemas-fazem-intercambio-em-fortaleza,1121061>>. Acesso em: 28/05/2018.

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. **Vendendo Saúde: a história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

BUFFON, Roseli. **Encontrando o “homem sensível”? Reconstruções da imagem masculina em grupo de camadas médias intelectualizadas**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social. 1992. 246 f. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 1999.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **R@u - Revista de @ntropologia da Ufscar**, São Carlos, v. 6, n. 1, p.41-62, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/06/vol6no1_03_wagner1.pdf>. Acesso em: 24/05/2018.

_____. **Justin Fashanu: jogador profissional de futebol, negro e gay!** 2017. Ludopédio. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/justin-fashanu-jogador-profissional-de-futebol-negro-e-gay/>>. Acesso em: 30/05/2018.

CAMPOS, Hugo Berlingeri; LOUZADA, Roberto. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, Colômbia, v. 26, n. 2, p.147-171, jan. 2012.

CANALE, Vítor. Viajando com os Gaviões: narrativa de uma caravana do Movimento Rua São Jorge. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (orgs.). **Os Gaviões da Fiel – ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, p 267-287, 2015.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

_____. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Trad.: Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade – Volume 2**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CECCHETTO, Fátima; FARIAS, Patrícia. “Tu mora onde?” Território, Corpo e subjetividade no espaço urbano carioca. In: 28º Encontro Anual da Anpocs, 2004. **Anais**. Caxambu: ANPOCS, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: **A sociedade contra o Estado**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CONNELL, Raewyn. Políticas de masculinidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: **Educação e Realidade** – v. 20 n.2: p. 185 – 206, julho/dezembro, 1995.

_____; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica – repensando o conceito. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21 n.1, p. 241-282, janeiro/abril, 2013.

COSTA, Grasielle Aires da. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações. **Aspas**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.49-60, mar. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>>. Acesso em: 30/05/2018.

CUNHA, Olívia M. G. Bonde do mal. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Cláudia B. (Org.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 85-154, 2001.

CURIEL, Ochy. **El regimen heterosexual de la nación: Un análisis antropológico lésbico-feminista de la constitucion política de Colombia de 1991**. Bogota: Universidad Nacional de Colombia, 2010.

CYMROT, Danilo. **Ascensão e declínio dos bailes de corredor: O aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial**. In: Sistema Penal & Violência, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 169-179, jul./dez. 2012.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. In: **Revista Enfoques**: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.134-151, agosto, 2010.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994. Dossiê Futebol.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social. 1998. 237 f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

_____. Das palavras e dos palavrões - um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, João Pessoa: UFPB, v.1, n.1, p. 81-100, março de 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução: Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2003. 226p.

_____. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume, 1998, 246p.

DIPUTADOS de México aprueban penar con cárcel violencia de hinchas. 2014. Terra Deportes. Disponível: <<http://deportes.terra.cl/futbol/diputados-de-mexico-aprueban-penar-con-carcel-violencia-de-hinchas,ade8a304ce505410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>>, acesso em 03/06/2017.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.), **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 299-325, 1992.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O Suicídio – Estudo de Sociologia**. São Paulo: EDIPRO, 2013, 392 p.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad. L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luisa Carvalho da. Etnografia: Saberes e práticas. In: **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. trad. Ruy Jungman. v.1, 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 2v.

_____. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.), **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, p.39-99, 1992.

_____; DUNNING, Eric. A dinâmica dos grupos esportivos - uma referência especial ao futebol. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.), **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, p.279-297, 1992.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EVANS-PRITCHARD, Edward Ewan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Tradução: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

EXEMPLO do Piauí. ANATORG. 2017. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/01/22/exemplo-do-piaui/>>, acesso em 06/06/2017.

FARIA, Cleide Nogueira de. PUXANDO A SANFONA E RASGANDO O NORDESTE: RELAÇÕES DE GÊNERO NA MÚSICA POPULAR NORDESTINA (1950-1990). **Mneme**: Revista de Humanidades, Caicó, v. 3, n. 5, p.1-35, maio 2002. Semestral.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p.155-161, mar. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>>. Acesso em: 24/05/2018.

FERNANDES, Bárbara. **Facebook faz 14 anos: veja curiosidades sobre a história da rede social**. 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/facebook-faz-14-anos-veja-curiosidades-sobre-a-historia-da-rede-social.ghtml>>. Acesso em: 21/05/2018.

FERREIRA, Rhaniele Sodré; ARAGÃO, Cristal Oliveira Moniz de; ARRUDA, Angela. “Boladão, pesadão, isso é Rio de Janeiro”: notas sobre funks de torcida e de facção. **Aletheia**, Canoas, v. 1, n. 32, p.38-52, ago. 2010.

FIFA – Fédération Internationale de Football Association. **Football Stadiums - Technical recommendations and requirements**. Zurich: Fédération Internationale de Football Association, 2007.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FORTALEZA. Robinson de Castro. Secretário de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza. **Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS, Fátima. **Renata Saavedra, historiadora e comunicóloga: “O feminismo é sim, uma pauta atual”**. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/renata-saavedra-historiadora-comunicologa-feminismo-sim-uma-pauta-atual-13722039>>, acesso em 03/06/2017.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. In: **Revista Horizontes antropológicos**, v.11, n.24, Porto Alegre, Jul./Dez. 2005.

_____. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. In: **Mana**, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GERCHMANN, Léo. **Coligay: Tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Trad.: Martha Conceição Gambini. 2ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Trad.: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17 n. 48, fevereiro/2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, Julio César de Santana; CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. **Cadernos Ebape**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.1-27, jun. 2006.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em Primeira Mão**, 75. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2004.

_____. Identidade de Gênero e Sexualidade. In: **Antropologia em Primeira Mão**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1998.

HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad femenina**. Tradução de Javier Saéz. Madrid: Egales Editorial, 2008.

HASLAM, Nick; LOUGHNAN, Steve. Dehumanization and inhumanization. **Annual Review of Psychology**, 65, p. 399-423, 2014.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Tese (Doutorado) – Curso de História Social. 771 f. 2008. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. Do futebol ao carnaval: a metamorfose das torcidas organizadas em escolas de samba na cidade de São Paulo. **Arquibancada**, v. 104, n. 15, p.1-2, fev. 2018. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-carnaval/>>. Acesso em: 02/06/2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JACKS, Mzwandile. **Nip fan violence in the bud**. Sport 24. 2013. Disponível em: <<http://www.sport24.co.za/Columnists/MzwandileJacks/Nip-fan-violence-in-the-bud-20130408>>, acesso em 03/06/2017.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Ciberacontecimentos Reflexões etnográficas sobre o extraordinário no mundo on-line. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.361-372, maio 2011.

KLEINA, Nilton. **A história do WhatsApp, o rei dos mensageiros [vídeo]**. 2018. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/125894-historia-whatsapp-rei-mensageiros-video.htm>>. Acesso em: 21/05/2018.

KOZINETTS, Robert. **On netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture**. Evanston: Illinois, 1997.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. In: **Análise Social**, Lisboa: v.148, n.4, p. 871-883, 1998.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. São Paulo: EDUSC, 2012.

LAW, John. **Notes on the theory of actor-network: ordering, strategy and heterogeneity**. Systems Practice, v. 5, n.4, p. 379-393, 1992.

LEAL, Ubiratan. **ARQUIVO | O jogador que pagou caro por sair do armário**. 2013. Trivela. Disponível em <<http://trivela.uol.com.br/arquivo-o-jogador-que-pagou-caropor-sair-do-armario/>>, acesso em 12/06/2017.

LEÓN, Adriano de. A Bola e a caneta: discursos sexistas numa sentença judicial. In: **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2012.

LEVINE, Robert M. Esporte e Sociedade: O caso do futebol Brasileiro. In: MAIHY, José Carlos Sebe B.; WITTER, José Sebastião (org). **Futebol e Cultura – Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial / Arquivo do Estado, 1982.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Tese (doutorado) – Curso de Linguística., 2010. 187 f. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. In: **Psicol. América Latina**, México, n. 19, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 11/07/2017.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. v.9, n.2. Florianópolis: IFCH, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, junho/2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p.129-156, jul/dez, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24/05/2018.

_____; AQUINO, Jânia Perla Diógenes. A etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa... que se pode usar de qualquer maneira. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 2, p.169-178, jul/dez, 2012.

MANFRON, Priscila; et. al. O Discurso da imprensa escrita sobre a sexualidade e o erotismo no futebol. In: D'AMICO, Rosa López; et. al. **Actividad Físico-Corporal, Deporte, Sociedad y Crítica Social**. Maracay, Venezuela: EDUFISADRE, p. 96-102, 2011.

MARQUES, Raoni Oliveira. **Guerreiras do leão: gênero e torcidas organizadas**. Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais. 2013. 80 f. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

MARRA, Pedro Silva. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas. **FuLia: O FUTEBOL EM CONTEXTOS LOCAIS E REGIONAIS**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p.55-79, maio/ago. 2017.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, São Paulo, v. 10, n. 17, p.142-170, nov. 2013.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n.44, p. 61-90, janeiro-junho de 2015.

- MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. Trad. Júlio Assis Simões. In: INGOLD, Tim. (ed.), **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres, Routledge, p. 813-830, 1997.
- MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol - no campo e nas arquibancadas. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2017, Salvador. **Anais**. Salvador: Realize, v. 1, p. 1 – 10, 2017.
- MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada: O Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do Futebol Espetacularizado**. Dissertação (mestrado) – Curso de Sociologia. 2015. 123 f. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2015.
- MOREIRA, Gabriela. **Maior organizada do Palmeiras decide abolir grito de "bicha" no estádio**. ESPN. 2017. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/698817_maior-organizada-do-palmeiras-decide-1abolir-grito-de-bicha-no-estadio>, acesso em 05/06/2017.
- MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; PAULINHO. **Mortes violentas de LGBT no Brasil - Relatório 2017**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 22/05/2018.
- NASCIMENTO, Bruna da Silva. **Atitudes frente à violência contra a mulher: o papel dos valores e da desumanização da mulher**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia Social. 2015. 209 f. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015.
- NASCIMENTO, Cristiano; BARRETO, Túlio Velho. ‘Habitus’ dos torcedores brasileiros e adoção do ‘padrão Fifa’ nos estádios da Copa do Mundo de futebol 2014. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 19, 2013. ISSN 2317-5427. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235573/28531>>. Acesso em: 01/06/2018.
- NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, v. 30, n.2. Rio de Janeiro: ISER, p. 90-121, 2010.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Org). **Culturas jovens: os novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 105-120, 2006.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- _____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Org). **Culturas jovens: os novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 7-21, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PECHENY, Mario. Identidades discretas. In: Leonor Arfuch (ed.), **Identidades, sujetos y subjetividades**. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 125-147, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Os antropólogos e suas linhagens. In: PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p.13-30, 1995a.

_____. A favor da etnografia. In: PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p.31-57, 1995b.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p.377-391, jul/dez 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832014000200015&script=sci_arttext#back>. Acesso em: 24/05/2018.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Salvem as torcidas organizadas**. 2013. ESPN. Disponível em: <http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/314650_salvem-as-torcidas-organizadas>. Acesso em: 28/05/2018.

PERUZZO, Cicilia M. K.; VOLPATO, Marcelo de O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. In: **Líbero**, São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez/2009.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas *Queer* e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol. **Ponto Urbe** [Online], 14 | 2014. Disponível em <<http://pontourbe.revues.org/1460>>, acesso em 03/06/2017.

PIRES, Breiller. **“Biichaaa!”**, o grito homofóbico da torcida que o time do Rio Claro quer banir. El País Brasil. 2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/deportes/1490911021_319029.html>, acesso em 05/06/2017.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe** [Online], 14 | 2014. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1621>>, acesso em 30/05/2018.

PNUD. **Ranking IDH Global 2014**. 2015. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>>. Acesso em: 12/06/2018.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.15, n.1, p.45-66, 2007.

PREFEITURA de Fortaleza lança projeto para promover cultura de paz entre torcidas organizadas. 2016. Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-lanca-projeto-para-promover-cultura-de-paz-entre-torcidas>, acesso em 07/06/2017.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Von. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Gradiva: Lisboa, 2008.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIAL, Carmen Sílvia Moraes. Rúgbi: Esporte e masculinidade. In: 49 Congreso Internacional del Americanistas (ICA). **Anais**. Quito: 1997. Disponível em: <http://www.equiponaya.com.ar/congresos/contenido/49CAI/Rial.htm>, acesso em 18/06/2017.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas CEARAMOR e MOFI**. Tese (Doutorado) – Curso de Sociologia. 2010. 213 f. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

_____. **Experiência e sentido nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 288 p., 2011.

RIBEIRO, Marcelo da Silva. **Convivialidade clubística digital: um estudo etnográfico sobre o grupo do facebook Ceará Sporting Club**. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**. Natal: v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS, v. 31, n. 90, p.85-98, 2016.

ROSE, Tricia. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America Music/culture**. Hanover: University Press of New England, 1994.

SCHECHNER, Richard. **Between Theater & Anthropology**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1985.

_____. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral. In: **Cadernos de Campo**, v.20, n.20. São Paulo: USP, p.213-236. 2011.

_____. “Pontos de contato” revisitados. In: **Antropologia e Performance – Ensaio Napedra**. São Paulo: Terceiro Nome, p.37-65, 2013.

SEIDMAN, Steven. Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). **Social Postmodernism. Beyond identity politics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 116-141, 1995.

SEMINÁRIO em Limeira. 2017a. ANATORG. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/03/16/seminario-em-limeira/>>, acesso em 06/06/2017.

SEMINÁRIO em SJC. 2017b. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/03/19/seminario-em-sjc/>>, acesso em 06/06/2017.

SEMINÁRIO Piracicaba. 2017c. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/01/21/seminario-piracicaba/>>, acesso em 06/06/2017.

SEMINÁRIO no Pará. 2017d. Disponível em: <<http://anatorg.com.br/vps/index.php/2017/02/01/186/>>, acesso em 06/06/2017.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Sandra Rúbia. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. In: **Revista Comunicação, mídia e consumo**. ESPM. São Paulo, vol.9, n.26, p. 61-82, nov. 2012.

SILVA, Ana Carolina. **Torcedor gay do Palmeiras pede fim de gritos homofóbicos contra o São Paulo**. 2018. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/03/09/torcedor-gay-do-palmeiras-pede-fim-de-gritos-homofobicos-contra-o-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 20/06/2018.

SÍVORI, Horacio. A identidade homosexual como regime de vida e suas éticas menores. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais**. Caxambu: Anpocs, p. 1 – 21, 2006.

SHEEP, Nelson. **Jovem gay é espancado por 30 torcedores do São Paulo dentro de ônibus**. 2017. Super Pride. Disponível em <<http://www.superpride.com.br/2017/02/jovem-gay-e-espancado-por-torcedores-do-sao-paulo-dentro-de-onibus.html>>, acesso em: 12/06/2017.

SMITH, D.L. **Less than human: solving the puzzle of dehumanization**. New York: St. Martin's, 2010.

SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. Papéis sociais e papéis profissionais: gênero e trabalho em uma barbearia de Porto Alegre (RS). In: XV Ciso – Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. **Anais**. Teresina: 2012.

SOBREIRA FILHO, Joaquim. **Jogo de uma só torcida: os diferentes discursos sobre a polêmica envolvendo torcida única em um clássico-rei no ano de 2012.**

Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. 2014. 113 f. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

STREAPCO, João Paulo. **A virilidade brasileira nos campos de futebol.** 2009.

Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-virilidade-brasileira-nos-campos-de-futebol/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

TAMBLAH, Stanley Jeyaraja. **Culture, Thought, and Social Action – An anthropological perspective.** Cambridge: Harvard University Press, 1985.

TAYLOR, Diana. Traduzindo Performance [prefácio]. In: DAWSEY, John C.; MÜLLER, Regina P.; et al. (org.) **Antropologia e Performance. Ensaio NAPEDEA.** São Paulo: Terceiro Nome, p. 9-16, 2013.

TEIXEIRA, Fábio; CAMINHA, Iraquitã. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar 2013.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas.** Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia. 1998. 221 f. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

TELES, Eduardo Lopes. **O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades.** Dissertação (Antropologia Social). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 93p., 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TORCIDA do Paysandu bane cantos homofóbicos e leva bandeira LGBT a jogo. Portal Fera. 2017. Disponível em: <http://esportefera.com.br/noticias/futebol_torcida-do-paysandu-bane-cantos-homofobicos-e-leva-bandeira-lgbt,70001792600>, acesso em 05/06/2017.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALADARES, Guilherme Nascimento. **Torcidas organizadas e fanatismo estão matando nosso futebol.** 2014. Papo de Homem. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/torcidas-organizadas-fanatismo-matando-nosso-futebol/>>. Acesso em: 28/05/2018.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar, p. 121-132, 1981.

_____. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos**. 1987. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

VICO, Marcelo de. **Caso Richarlyson: futebol é tão preconceituoso que nem reconhece homofobia**. 2017. Uol Esporte. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/05/11/caso-richarlyson-futebol-e-tao-homofobico-que-nem-reconhece-sua-homofobia.htm>>, acesso em 12/06/2017.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GLOSSÁRIO

Alemão: Gíria que vem da cultura do baile funk de corredor (CYMROT, 2012), principalmente carioca e é utilizada para designar o inimigo. Como geralmente as músicas das maiores torcidas organizadas locais são no ritmo funk, algumas expressões seguem a lógica dessa cultura.

Anel: ânus.

Caneco: o mesmo que anel. Ambos tem semântica que costuma ser utilizada de forma ofensiva em contextos homofóbicos como no xingamento: “Vai dar o caneco”, mas que em outros contextos pode ser ressignificada por gays como na expressão “Hoje eu vou dar o meu caneco”.

Carniça: Xingamento pejorativo utilizado tanto por torcedores do Ceará para o rival, como o contrário.

Enxame: reunião da galera; tirar onda.

Mulão: Chegar de galera, chegar chegando juntamente com a sua turma, de preferência do mesmo bairro. Tem o mesmo significado de bonde.

Mundiça: semelhante ao uso da palavra carniça.

Pista: O combate ou conflito corpo a corpo com os outros rivais pela cidade, seja no estádio ou fora dele, qualquer lugar é possível de que aconteça a pista.

Secador: aquele que atua na ação de secar.

Secar: Atividade essa que consiste em torcer contra, ou a favor dos adversários do seu adversário, zicar de todas as formas possíveis o time.

Stella: denominação pejorativa para a torcida do Fortaleza.

Tocar o terror: botar pra quebrar pela cidade, fazer enxame, arrasar, fazer algo que seja rebelde.

Treta: confusão, arruaça.

Zicador: aquele que zica.

Zicar: o mesmo que secar.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADAS AOS
TORCEDORES ORGANIZADOS**

- 1 – Fale um pouco sobre sua experiência como torcedor do clube (início da paixão, momentos marcantes bons e ruins).
- 2 – Qual a sua relação com o clube rival e com os torcedores deste clube.
- 3 – Fale mais sobre torcida(s) organizada(s), sobre a sua torcida, sobre sua vida como torcedor(a) organizado.
- 4 – Explique melhor como funcionam as alianças/amizades das torcidas Brasil afora e como funcionam as inimizades também.
- 5 – Você acha o estádio de futebol um local que tem abertura a todos os gêneros, crenças, tipos diferentes de pessoas? Comente um pouco sobre isso.
- 6 – Você se considera como alguém que tem algum tipo de preconceito? Já sofreu algum tipo de preconceito/discriminação?
- 7 – Como você costuma chamar os adversários durante uma partida de futebol ou no seu dia a dia?